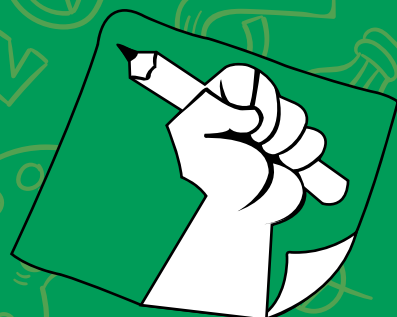


13^o ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR ANAIS





Reitoria

Reitor: *Pedro Rodrigues Curi Hallal*

Vice-Reitor: *Luis Isaias Centeno do Amaral*

Chefe de Gabinete: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitor de Graduação: *Maria de Fátima Cossio*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Flávio Fernando Demarco*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Francisca Ferreira Michelin*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Otávio Martins Peres*

Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*

Pró-Reitor de Infra-estrutura: *Julio Carlos Balzano de Mattos*

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: *Mário Renato de Azevedo Jr.*

Pró-Reitor de Gestão Pessoas: *Sérgio Batista Christino*

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências Agrárias: *Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (TITULAR), Cesar Valmor Rombaldi e Fabrício de Vargas Arigony Braga*

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Adelir José Strieder (TITULAR), Juliana Pertille da Silva e Daniela Buske*

Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Marla Piumbini Rocha (TITULAR), Rosangela Ferreira Rodrigues e Raquel Ludke*

Representantes da Área das Engenharias e Computação: *Darci Alberto Gatto (TITULAR) e Rafael Beltrame*

Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Claiton Leoneti Lencina (TITULAR) e Giovanni Felipe Ernst Frizzo*

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Célia Helena Castro Gonsales (TITULAR) e Sylvio Arnaldo Dick Jantzen*

Representante da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Edgar Gandra e Guilherme Camargo Massau*

Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Josias Pereira da Silva (TITULAR) e Maristani Polidori Zamperetti*

17 a 20 de julho de 2017 - Pelotas/RS/Brasil

13^o ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR ANAIS

Pelotas, 2018


Editora
UFPel



Filiada à A.B.E.U.

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3227 8411
editora.ufpel@gmail.com

Direção

Ana da Rosa Bandeira
Editora-Chefe

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane
Administrativo

Seção de Produção

Gustavo Andrade
Administrativo
Anelise Heidrich
Revisão
Ingrid Fabiola Gonçalves (Bolsista/
Estagiário)
Design Editorial

Seção de Pós-Produção

Morgana Riva
Assessoria
Madelon Schimmelpfennig Lopes
Administrativo

Revisão Técnica

Ana da Rosa Bandeira

Revisão Ortográfica

Anelise Heidrich
Suelen Aires Böettge

Projeto Gráfico e Diagramação

Ingrid Fabiola Gonçalves

Dados de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Kênia Moreira Bernini - CRB-10/920

E56a Encontro sobre o Poder Escolar (13. : 2017 : Pelotas, RS)
Anais do 13º Encontro sobre o Poder Escolar [recurso eletrônico] / organização de Lígia Cardoso Carlos, Dirlei de Azambuja Pereira - Pelotas : Ed. UFPel, 2018.
173 p.

3 MB - PDF
ISBN: 978-85-517-0028-0
Acesso: <https://wp.ufpel.edu.br/poderescolar/>

1. Educação. 2. Democracia. 3. Formação de professores. 4. Poder escolar. I. Carlos, Lígia Cardoso, org. II. Pereira, Dirlei de Azambuja, org. III. Título.

CDD 370

PROMOÇÃO



CME - Pelotas/RS



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

Secretaria da Educação
5ª CRE

prefeitura de
Pelotas
vamos compartilhar a cidade



INSTITUTO
FEDERAL
Sul-rio-grandense



UFPEL



APOIO



LIVRARIA

VANGUARDA

13^o ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR ANAIS

“O que concerne a todos deve ser decidido por todos”.

Leonardo Boff

17 a 20 de julho de 2017 - Pelotas/RS/Brasil

Theatro Guarany - Rua Lobo da Costa, Nº. 849, Centro, Pelotas/RS/Brasil

UCPel - Campus 1 -Rua Gonçalves Chaves, Nº. 373, Centro, Pelotas/RS/Brasil

PROMOÇÃO

Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas

Instituto de Formação Humanística - Universidade Católica de Pelotas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Pelotas/RS

Conselho Municipal de Educação – Pelotas/RS

5ª Coordenadoria Regional de Educação

24º Núcleo do CPERS/Sindicato

APOIO

Livraria Vanguarda

ORGANIZADORES

Lígia Cardoso Carlos e Dirlei de Azambuja Pereira

COMISSÃO ORGANIZADORA

Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas

Dirlei de Azambuja Pereira

Fabiane Weber da Silva - Bolsista de Extensão

Lígia Cardoso Carlos – Coordenadora Geral

Instituto de Formação Humanística - Universidade Católica de Pelotas

Vera Lucí Alves Savedra

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

Mário Renato Chagas Júnior

Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Pelotas/RS

Adriana Raquel Farias de Farias

Luciene de Oliveira Fernandes

Raquel da Rocha Guterres

Conselho Municipal de Educação – Pelotas/RS

Rita de Cassia Dittgen Alves

5ª Coordenadoria Regional de Educação

Mateus Weizenmann

24º Núcleo do CPERS/Sindicato

Carla da Silva Cassais

Mauro Rogério da Silva Amaral

Colaboradoras

Nitiane Bitencourt da Silva

Nara Lúcia Mendonça Nogueira

Tatiane Duarte Cavalheiro

Teresinha Fujita

COMITÊ CIENTÍFICO

Adriana Raquel Farias de Farias

Dirlei de Azambuja Pereira

Lígia Cardoso Carlos

Luciene de Oliveira Fernandes

Mário Renato Chagas Júnior

Mateus Weizenmann

Nara Lúcia Mendonça Nogueira

Raquel da Rocha Guterres

Rita de Cassia Dittgen Alves

Teresinha Fujita

APRESENTAÇÃO

O 13º Encontro sobre o Poder Escolar, realizado em Pelotas/RS/Brasil, de 17 a 20 de julho de 2017, teve como objetivo discutir as relações democráticas na sociedade e na escola. Desse modo, a frase-tema escolhida e que iluminou as reflexões foi de Leonardo Boff, a saber: “O que concerne a todos deve ser decidido por todos”. Uma democracia verdadeira, praticada nos diferentes espaços, exige uma radicalidade no poder decisório. É sobre essa dimensão da democracia que nos alerta Boff. Assim, por meio de conferências, apresentações de experiências pedagógicas, rodas de conversa, mostras e atividades culturais, o público presente teve a oportunidade de ouvir, refletir e dialogar sobre a democracia em suas perspectivas macro e micro. Um debate necessário e urgente na atualidade. Em um contexto sócio-histórico que reivindica maior e efetiva participação popular nos destinos do país, também cabe à escola (re)pensar sobre as suas práticas e organizar uma proposta político-pedagógica que tenha em seus pilares o compartilhamento de decisões e a real presença da comunidade nas diversas ações desenvolvidas nesse espaço.

A realização desse evento também constitui-se, cabe salientar, por meio de processos democráticos. Participam de sua organização sete instituições, sendo elas: a Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas; o Instituto de Formação Humanística, da Universidade Católica de Pelotas; o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense; a Secretaria Municipal de Educação e Desporto – Pelotas/RS; o Conselho Municipal de Educação – Pelotas/RS; a 5ª Coordenadoria Regional de Educação; e o 24º Núcleo do CPERS/Sindicato. Ao longo de suas treze edições e através de um esforço conjunto das entidades envolvidas, os Encontros sobre o Poder Escolar têm como princípios a compreensão de que: as transformações esperadas, no âmbito da escola, precisam ser constituídas por movimentos coletivos de autonomia e democracia radical; que as educadoras e os educadores aprendem na elaboração de um trabalho colaborativo e no exercício de socialização de suas práxis educativas; que produzem saberes; e, por fim, que a reflexão crítica sobre a ação oportuniza uma nova prática, uma prática ressignificada e com clareza de intencionalidade (CARLOS; DALL’IGNA, 2014)*.

Em sua décima terceira edição, o Poder Escolar, mais uma vez, contemplou os princípios acima destacados em sua estrutura. As conferências abordaram as temáticas: cotidiano escolar, reformas curriculares, pedagogia de Paulo Freire e experiência da Escola da Ponte, momentos nos quais aconteceu o debate de suas relações com o campo democrático. Nas mesas de socialização de experiências, trabalhadoras e trabalhadores em educação apresentaram as práticas que vêm desenvolvendo na educação básica da região sul do estado do Rio Grande do Sul. Os números comprovam a relevância do evento, a sua importância na cultura de formação continuada da região e o seu alcance:

* CARLOS, Lígia Cardoso; DALL’IGNA, Maria Antonieta. Formação continuada de docentes de escola pública: empoderamento e democracia. **Expressa Extensão**, v. 19, n. 01, p. 71-79, jun./nov. 2014.

foram 700 participantes inscritos e 105 experiências pedagógicas apresentadas em 27 mesas distribuídas nas temáticas de inclusão, gênero e sexualidade, questões étnico-raciais e identidade cultural, educação de jovens e adultos, educação do campo, anos iniciais, alfabetização, cinema e educação, educação infantil, linguagens, gestão escolar, projetos interdisciplinares, sustentabilidade e saúde, matemática e educação física.

A longevidade dos Encontros sobre o Poder Escolar nos permite assegurar que o evento tem contribuído substancialmente para a formação continuada nos dezessete anos de existência. Acreditamos, ainda, que a fidelidade aos princípios norteadores de sua proposta permite a constituição de um espaço-tempo de provocativas reflexões sobre a escola e o contexto sócio-histórico, possibilitando a reinvenção da práxis como um elemento essencial para as mudanças que desejamos.

Os resumos das experiências desenvolvidas pelas/pelos profissionais da educação, a seguir apresentados, são uma forte evidência de que uma outra escola vem sendo disputada no interior da sociedade, uma escola em que todas e todos precisam ser protagonistas do processo, que alimenta o empoderamento de crianças, jovens, mulheres e homens, que diz *sim* à alegria e à rigorosidade nos processos de ensinar e aprender, que acredita e defende a coletividade no exercício do seu poder. Agradecemos a todas/todos que têm feito a história dos Encontros sobre o Poder Escolar e que, incansavelmente, têm construído um outro vir-a-ser das instituições de ensino e das relações que nelas acontecem. Seguiremos, juntos, na luta por uma escola e uma sociedade radicalmente justa, democrática e humanizadora.

Lígia Cardoso Carlos
Dirlei de Azambuja Pereira

PROGRAMAÇÃO GERAL

17/07/2017

7h30min – Credenciamento

8h30min - Cerimônia de Abertura e Apresentação Musical do GRUVI (Grupo de Violões da UFPel)

9h30min – Conferência: *Políticaspráticas* de democracia como processo cotidiano coletivo
Profa. Inês Barbosa de Oliveira (UERJ)
Mediador: Prof. Jarbas Santos Vieira (UFPel)

Local: Theatro Guarany

13h30min - Mesas de apresentações de experiências

Local: UCPel

17h30min - Mesa de discussão: Educação Inclusiva e Escola Democrática
Profa. Rita de Cássia Morem Cossio Rodriguez (UFPel) e Profa. Kamila Lockmann (FURG)
Mediadora: Profa. Madalena Klein (UFPel)

Local: Theatro Guarany

18/07/2017

8h30min - Mesa de discussão: Reforma do Ensino Médio, Projeto Escola sem Partido e a Pedagogia de Paulo Freire
Prof. Fernando de Araujo Penna (UFF), Profa. Russel Teresinha Dutra da Rosa (UFRGS) e Prof. Thiago Ingrassia Pereira (UFFS)
Mediadora: Profa. Graziela Rinaldi da Rosa (FURG)

Local: Theatro Guarany

13h30min - Mesas de apresentações de experiências

Local: UCPel

17h30min - Mostra Cultural e Interativa

Local: Saguão da UCPel

19/07/2017

8h30min - Atividade Cultural

9h – Conferência: Contribuições da Escola da Ponte na busca de uma escola mais democrática

Prof. José Pacheco (Portugal)

Local: Teatro Guarany

13h30min - Mesas de apresentações de experiências

Local: UCPel

18h - Rodas de Conversa (temas diversos)

Local: Casarão 6

20/07/2017

8h30min - Mesa de discussão: Histórias e Memórias do Poder Escolar

Profa. Maria Antonieta Dall'Igna, Profa. Nara Nogueira, Profa. Jacira Reis da Silva e Profa. Régia Nogueira

Mediadora: Profa. Lígia Cardoso Carlos (UFPeI)

Local: Auditório da UCPel

13h30min - Atividades culturais simultâneas: Visita guiada, Exibição de filme e Apresentação teatral

Locais diversos

16h30min - Encerramento e Apresentação Musical do Grupo Iluminura

Local: Auditório da UCPel

Rodas de Conversa

As *Rodas de Conversa* fizeram parte da programação do *13º Encontro sobre o Poder Escolar* e ocorreram no dia 19 de julho, das 18h às 19h30min, no Casarão 6, em realização simultânea.

Roda de Conversa 1

Título: O poder escolar das ocupações: significados e desdobramentos

Temática: Movimentos Sociais e Educação

Responsável: Prof. Eliézer dos Santos Oliveira (SEDUC/RS)

Roda de Conversa 2

Título: Corpos e Sexualidades Escolares: precisamos falar sobre nossas diferenças

Temática: Gênero e Diversidade

Responsável: Profa. Eliane Ribeiro Pardo (Observatório de Gênero e Diversidade da UFPel)

Roda de Conversa 3

Título: A perspectiva da Educação Libertária

Temática: Educação Libertária

Responsável: Prof. Paulo Lisandro Amaral Marques (UFPel)

Roda de Conversa 4

Título: “A nossa escola, ela vem do coração”: EFASUL e os caminhos para a educação emancipatória

Temática: Educação do Campo

Responsáveis: Profa. Vania Grim Thies (EFASUL – UFPel) e Profa. Patrícia Weiduschadt (EFASUL – UFPel)

Roda de Conversa 5

Título: Diálogos sobre a gestão democrática da escola pública

Temática: Gestão Escolar

Responsável: Profa. Valdelaine da Rosa Mendes (UFPel)

Roda de Conversa 6

Título: Conversando sobre inclusão na rede pública

Temática: Autismo

Responsáveis: Profa. Luciana Santos da Silva e Profa. Aline de Araújo Lameirão (Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo Rolim de Moura)

Roda de Conversa 7

Título: Um projeto educacional inspirado na Escola da Ponte: E. M. E. F. em Tempo Integral

Professor Valdir Castro

Temática: Currículo e Cotidiano Escolar

Responsável: Profa. Maria das Graças Berndt

Sumário

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO E O EXERCÍCIO DA ALTERIDADE.....	27
<i>Joice Mirapallete Fabra</i>	
A COMPOSTAGEM COMO CULTURA AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR.....	28
<i>Claudenir Bunilha Caetano</i>	
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO GAÚCHO BLAU NUNES EM CURTA-METRAGENS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL	29
<i>Marion Rodrigues Dariz</i>	
<i>Fabiane Villela Marroni</i>	
A CULTURA, A VISUALIZAÇÃO MATEMÁTICA E O RACIOCÍNIO GEOMÉTRICO NA ARTE DE ENSINAR MATEMÁTICA.....	31
<i>Stela Maris de Souza Stein</i>	
<i>Márcia Souza da Fonseca</i>	
A FESTA DAS CASAS	32
<i>Valéria Feldens</i>	
A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR EM DIFERENTES CONTEXTOS	34
<i>Jessica Bitencourte</i>	
<i>Andréia Bitencourte</i>	
A INTEGRAÇÃO DE TURMAS EM FAVOR DA ERRADICAÇÃO DA VIOLÊNCIA	35
<i>Nitiane Bitencourt da Silva</i>	
<i>Sylvia Tavares Barum</i>	
<i>Viviane Petry de Vasconcellos</i>	
<i>Luciana Santos da Silva</i>	
A PAISAGEM CULTURAL COMO TEMA PARA DISCUSSÕES EM AULA E DESENVOLVIMENTO DE PROJETO EDUCACIONAL. UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO O MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO – RS.....	36
<i>Andréa Cunha Messias</i>	
<i>Rutilde Kruger Feldens</i>	
<i>Valéria Feldens</i>	
<i>Diego Lemos Ribeiro</i>	
A PAZ NO AMBIENTE ESCOLAR POR MEIO DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO PIBID.....	38
<i>Elizandra Prestes Aguiar</i>	
<i>Fernanda Ribeiro Vargas</i>	
<i>Maristani Polidori Zamperetti</i>	

A PRÁTICA CONTEXTUALIZADA DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O EMPODERAMENTO DO CONHECIMENTO.....	39
<i>Virginia Ponche Barbosa</i>	
<i>Daiane Michelotti</i>	
<i>Alessandro Carvalho Bica</i>	
A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	40
<i>Tamara Oswald</i>	
<i>Tarso Rodrigues de Ávila</i>	
A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA E A SUA INFLUÊNCIA EM NOSSO MEIO.....	41
<i>Larissa de Souza Schwanz</i>	
ABC DA ALIMENTAÇÃO: ALFABETIZANDO PARA QUALIDADE DE VIDA.....	42
<i>Ilis Ângela Wickboldt Manetti</i>	
<i>Mari Regina Rocha Janke</i>	
ADOLESCER.....	44
<i>Élida de Freitas Sais</i>	
“ARROIO DO PADRE: DE TI E PARA TI”: UM PROJETO SOBRE A COMUNIDADE ONDE VIVEMOS.....	45
<i>Cássia Raquel Beiersdorf</i>	
ARTE: EXPRESSÃO DE EMOÇÕES E SENTIMENTOS	47
<i>Elizane Pegoraro Bertineti</i>	
ATIVIDADE FÍSICA NA TERCEIRA IDADE	48
<i>Janice Lubke Heidemann</i>	
<i>Eliane Machado de Melo</i>	
ATIVIDADES CRIADORAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL RUTH BLANCK.....	49
<i>Marge Peixoto</i>	
<i>Márcia Vetromille Madruga</i>	
<i>Rafaela Ourique</i>	
<i>Marlene Luciana Amorim</i>	
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA REFORMA A UM ESPAÇO AUTOGESTIONADO.....	50
<i>Ieda Maria Kurtz Azevedo</i>	
<i>Roberta Bohns Tavares</i>	
<i>Cristina Maria Rosa</i>	

CICLOS DE CONVERSÇÕES: UMA ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA	51
<i>Daiani Santos da Silva</i>	
<i>Rosangela D'Amore Silva</i>	
CINEMA E EDUCAÇÃO	53
<i>Anderson Mattoso Marques</i>	
<i>Raquel Saraiva dos Santos</i>	
CINEMA NA ESCOLA	54
<i>Aurélia Valesca Soares de Azevedo</i>	
<i>Maranlaini Patrícia Azevedo Schemmfelnnig</i>	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
COMO MOTIVAR O ALUNO NA CONTINUIDADE DOS ESTUDOS	55
<i>Andreia Domingues Bitencourte</i>	
COMO UTILIZAR PLANILHA ELETRÔNICA PARA AUTOMATIZAR O REGISTRO DO DIÁRIO DE CLASSE	57
<i>Daniel Lemos Barros</i>	
CONHECENDO IVAN CRUZ.....	58
<i>Josiane Cristina Farias Dias</i>	
CONSTRUÇÃO DE MAQUETE DO MERCADO PÚBLICO PELOTENSE- PROJEÇÃO DO ENTORNO PARA O ANO DE 2050.....	60
<i>Lílian Dilli Gonçalves</i>	
CULTIVANDO O DESEJO E APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS	61
<i>Josiane Cristina Farias Dias</i>	
CURTA-METRAGENS TRANSFORMANDO RELAÇÕES NA ESCOLA RURAL.....	63
<i>Josiane de Moraes Brignol</i>	
<i>Josias Pereira</i>	
DA RECICLAGEM PARA O APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	64
<i>Marina de Faria da Motta</i>	
<i>Karin Zambrano Mahfus</i>	
<i>Darcy Sérgio Machado Ferreira</i>	
<i>Gabriel Pereira</i>	
DIGA NÃO À VIOLÊNCIA SEXUAL – REFLEXÃO A PARTIR DE GÊNEROS TEXTUAIS	65
<i>Marlozi Rosa Bubolz</i>	

DISCUSSÕES E REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NA ESCOLA: PRIMEIROS PASSOS... UMA LONGA CAMINHADA..66

Carla Sorondo Medeiros

Lourdes Helena Rodrigues dos Santos

Maria Gisane Freitas de Campos

EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: UM NOVO OLHAR PARA AS DIFERENTES MANEIRAS DE TRABALHAR COM EDUCANDOS DA EJA A PARTIR DE TEMAS GERADORES, APRENDENDO E COMPARTILHANDO A PRÓPRIA HISTÓRIA.....68

Isabel Cristina Alves de Oliveira

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA..... 69

Ester Vellar Krause

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: UMA NOVA PERSPECTIVA 70

Stael Harnich Palivorda

EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS: A IMPORTÂNCIA DA SUA APLICAÇÃO NO PROCESSO DA PSICOMOTRICIDADE.....72

Alessandra Moura de Oliveira e Silva

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E HQ: UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO NO ENSINO MÉDIO..... 73

Rogério Victor Maas Brasil

“EDUCAÇÃO VERDE: CAMINHOS VIÁVEIS PARA UMA QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE NUTRICIONAL: APRENDIZAGENS COLABORATIVAS A FAVOR DE NOVOS ESTILOS DE VIDA CONTEMPORÂNEOS SOB A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL”74

Lauren Carla Escotto Moreira

Lenon Morales Abeijon

Daniel Vianna Pereira

ESCOLA E UNIVERSIDADE: FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA VIVIDAS NO PIBID 75

Cátia Simone Ribeiro Barcellos

Lourdes Maria Bragagnolo Frison

Vanessa Caldeira Leite

ESCRITORES DE ALÉM-MAR: UM EXPERIMENTO NA ESCOLA EM FÉRIAS.....76

Roberta Bons Tavares

Cinara Tonello Postringer

EU SOU +1 PARA UM TRÂNSITO + SEGURO 77

Andreia Domingues Bitencourte

FAGUNDES VARELA EM FOCO: UMA MANEIRA DIVERTIDA DE EXPLORAR O TURISMO.....	78
<i>Eliane Pelegrini Zandoná</i>	
<i>Géssica Dondi</i>	
FELIN – FESTA DA LITERATURA INFANTIL.....	79
<i>Laurimei Charão Garcia</i>	
<i>Patrícia de Faria Ferreira</i>	
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CONSTRUÇÃO DO NÚMERO NA CRIANÇA.....	80
<i>Mari Regina Rocha Janke</i>	
<i>Ilis Ângela Wickboldt Manetti</i>	
GÊNERO E GESTÃO, OS GS DA QUESTÃO: OLHANDO A CABELEIRA DA ZEZÉ, RECONHECEMOS E GARANTIMOS QUE ELA PODE SER O QUE QUISER ...	81
<i>Juliana da Rosa Brochado da Luz</i>	
<i>Márcia Beatriz Schelesener</i>	
GÊNERO E SEUS ENTRELAÇAMENTOS: UM DIÁLOGO DENTRO DA ESCOLA	83
<i>Driéle Luize Souza da Silva</i>	
GÊNEROS TEXTUAIS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: LEITURA E PRODUÇÃO	85
<i>Valéria Alessandra Coelho Islabão</i>	
GESTÃO ESCOLAR E ITINERÂNCIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	87
<i>Marli Irgang Gonzaga</i>	
<i>Nadia Silveira Pereira</i>	
<i>Fabiana Teixeira Morales</i>	
<i>Fernanda Marques Costa</i>	
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: AS LINGUAGENS VERBAL E VISUAL UNIDAS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO.....	89
<i>Janaína Quintana de Oliveira</i>	
INÍCIO DO PROJETO DE REORGANIZAÇÃO E OTIMIZAÇÃO DO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR EUCLIDES DA CUNHA.....	90
<i>Elida Regina Nobre Rodrigues</i>	
INTEGRAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE.....	92
<i>Gislaine Duarte Fagundes</i>	
<i>Graciéli Abrahm Griep Timm</i>	
<i>Patrícia Rutz Bierhals</i>	

INVESTIGANDO FUNÇÕES POLINOMIAIS COM O USO DO SMARTPHONE	94
<i>Gabriela Dutra Rodrigues Conrado</i>	
<i>Maria Arlita da Silveira Soares</i>	
JOGOS EDUCACIONAIS DIGITAIS: UTILIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS.....	96
<i>Cris Elena Padilha da Silva</i>	
<i>Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS</i>	
KAHOOT: FERRAMENTA POTENCIALIZADORA DA APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA E LÍNGUA PORTUGUESA.....	98
<i>Marion Rodrigues Dariz</i>	
<i>Tanier Botelho dos Santos</i>	
LAÇOS ORGÂNICOS PARA O ENSINO INTEGRADO: CONTORNOS ESCOLARES NA PROPOSTA POLITÉCNICA DO RS.....	99
<i>Jucenir Garcia da Rocha</i>	
<i>Lauro Borges</i>	
LEITURA E ESCRITA. FORMAÇÃO E VIAGEM.	101
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: CONQUISTAS E RECONQUISTAS.....	102
<i>Valéria Alessandra Coelho Islabão</i>	
<i>Josiane da Rosa</i>	
LEITURA LITERÁRIA: CONSTRUINDO O COMPORTAMENTO LEITOR E SUBSIDIANDO A PRÁTICA DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO.....	104
<i>Joseane Cruz Monks</i>	
LUDICIDADE, ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	105
<i>Lúcia Edi dos Santos Kurz.</i>	
MALA DE LEITURA	107
<i>Larissa de Souza Schwanz</i>	
NO DESABROCHAR DE UM PEQUENO APRENDIZ.....	108
<i>Tatiane Furtado da Fontoura</i>	
O DEBATE SOBRE ASSÉDIO MORAL NA ESCOLA	109
<i>Elisa Machado Milach</i>	
<i>Daniela Grillo de Azevedo</i>	

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: REFLEXÕES DA COTIDIANIDADE DO EU – PROFESSORA DOS ANOS INICIAIS.....	110
<i>Neuza Pacheco Valadão</i>	
O DESPERTAR DE NOVOS AUTORES.....	111
<i>Roseli Cristina Zanetti Pereira</i>	
O ENSINO DE MATEMÁTICA COM PROJETOS DE PESQUISA.....	113
<i>Rafael Montoito</i>	
<i>Maria da Graça Teixeira Peraça</i>	
O LÚDICO VAI À ESCOLA.....	115
<i>Patrícia de Faria Ferreira</i>	
<i>Laurimei Charão Garcia</i>	
O MUNDO FANTÁSTICO DA LEITURA.....	116
<i>Josimara Wikboldt Schwartz</i>	
<i>Isabel San Martin Schwartz</i>	
O NOSSO CORPO.....	117
<i>Heniane Passos Aleixo</i>	
<i>Thaís Philipsen Grützmann</i>	
<i>Fabiane Carvalho Bohm</i>	
O PROCESSO DE INCLUSÃO E LETRAMENTO DIGITAL NOS ANOS INICIAIS.....	118
<i>Haidi Wehrmann Reinar Steinle</i>	
<i>Neemias Steinle</i>	
O TEATRO COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA.....	119
<i>Marismar Chaves da Silva</i>	
<i>Aline Souza</i>	
O TEATRO COMO SUBSÍDIO PARA A AULA DE LÍNGUA INGLESA.....	121
<i>Joice Mirapallete Fabra</i>	
O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE.....	123
<i>Patrícia da Luz</i>	
OFICINA DAS SENSações.....	124
<i>Heniane Passos Aleixo</i>	
<i>Thaís Philipsen Grützmann</i>	
<i>Fabiane Carvalho Bohm</i>	

OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA A PARTIR DA LEITURA DE “CARTAS DE AMOR AOS MORTOS”	125
<i>Cecilia Novack Oliveira</i>	
<i>Marília Dias Treicha</i>	
<i>Deliane Leivas Tavares</i>	
OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR NA QUALIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ANOS INICIAIS: A INSTITUIÇÃO DA HORA-ATIVIDADE.....	126
<i>Jorge Antônio de Oliveira Satt</i>	
<i>Ida Letícia Gautério da Silva</i>	
PARADA LITERÁRIA – O EXEMPLO DE LER E CONTAR HISTÓRIAS TAMBÉM É ENSINAR.....	127
<i>Letícia Fonseca da Silva</i>	
<i>Adriane Carrilho Esperança Vergara</i>	
PELOTAS: RAÍZES, TRADIÇÃO E INSTITUIÇÕES	129
<i>Daniel de Souza Lemos</i>	
PIBID INTERDISCIPLINAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES.....	130
<i>Aline Notari</i>	
<i>Raquel Schmidt</i>	
<i>Quenia Carrilho</i>	
PIQUENIQUE LITERÁRIO: LER É DE FATO UM PRAZER.....	131
<i>Liana Barcelos Porto</i>	
POEMAS DA ALMA: UMA VIAGEM ALÉM-MAR ATRAVÉS DA POESIA.....	133
<i>Carlos Eugênio Costa da Silva</i>	
<i>Marcele Fernandes</i>	
POESIAS SENSORIAIS	135
<i>Marivone Porto Rodrigues</i>	
PRA POETIZAR MINHA CIDADE: A ESCOLA INTEGRADA E ATUANTE NA 3ª FEIRA DO LIVRO DE CAPÃO DO LEÃO	136
<i>Carlos Eugênio Costa da Silva</i>	
<i>Suélen Cunha Cardoso</i>	
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE AS TEMÁTICAS AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA CROCHEMORE ATRAVÉS DO PROJETO NEABI	137
<i>Tatiana Cristina Ugoski Rodrigues</i>	
<i>Jaqueline de Mattos Mendes</i>	
<i>Pamalomid Zwetsch</i>	

PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	139
<i>Adriana Nebel Kovalski</i>	
PROJETO “ESPAÇO DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS PARA A PRODUÇÃO DE JOGOS E MATERIAIS ADAPTADOS” ..	141
<i>Ângela Brum Soares</i>	
<i>Andreia Nachtigall Robe</i>	
PROJETO CINEMA NA ESCOLA: PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS COMO ALIADAS DA APRENDIZAGEM.....	142
<i>Josiane Pinho da Rosa</i>	
PROJETO DE ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA JEREMIAS FRÓES: ¡AQUÍ SE HABLA!....	144
<i>Carolina da Silva Lautenschläger</i>	
<i>Patrícia Duarte Nunes da Silva</i>	
<i>Eduardo Garralaga Melgar Júnior</i>	
<i>Mabel Manetti Damasceno</i>	
PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING APLICADO À TURMA DO QUINTO ANO NUMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE BAGÉ, RIO GRANDE DO SUL .	145
<i>Alessandra Moura de Oliveira e Silva</i>	
PROJETO DOCE LEITURA: RELEITURA, DISCUSSÃO, ADAPTAÇÃO E TEATRO DE SOMBRAS SOBRE O TEXTO “UM CASO DE AMOR OU UMA TRAGÉDIA MATEMÁTICA”	146
<i>Maurício Mailan Lange</i>	
<i>José Francisco Duran Vieira</i>	
PROJETO DOCES LEITURAS	147
<i>Eduardo de Sousa Garcia</i>	
<i>Paula Morales Oleiro Garcia</i>	
PROJETO ENCADERNAÇÕES CASEIRAS: PRODUÇÃO DE LIVRETOS UTILIZANDO GRAVURAS, DESENHOS E FOTOGRAFIAS.....	148
<i>Caroline Pereira de Azambuja</i>	
PROJETO ESCOLAR NETG – NÚCLEO DE ESTUDOS TRADICIONALISTA GAÚCHO.....	149
<i>Adriane Carrilho Esperança Vergara</i>	
PROJETO JORNAL NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NO GINÁSIO DO AREAL.....	151
<i>Aline Vohlbrecht Souza</i>	
PROJETO: ERA UMA VEZ.....	152
<i>Elizane Pegoraro Bertineti</i>	

QUALIDADE DE VIDA	153
<i>Janice Pinto Duarte</i>	
<i>Stael Harnich Palivorda</i>	
RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO: LÍNGUA E LITERATURA SOB UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA.....	155
<i>Raquel Souza de Oliveira</i>	
RETAS PARALELAS E PERPENDICULARES ATRAVÉS DO OLHAR DE PIET MONDRIAN.....	156
<i>Gabriani Silveira Mota</i>	
<i>Meliza Badia</i>	
<i>Rosa Rickes Lages</i>	
<i>Valquíria Rösler Zschornack</i>	
RODA DE LEITURA: TECENDO OLHARES SOBRE MIA COUTO	157
<i>Juliane da Silveira Garcez</i>	
<i>Cinara Tonello Postringer</i>	
<i>Márcia Duarte de Souza</i>	
“SER CIDADÃO É TAMBÉM... EXIGIR NOTA FISCAL”	159
<i>Patrícia Tarouco Manetti Becker</i>	
SER DIFERENTE É NORMAL: DESENVOLVENDO PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS À CIDADANIA NA SALA DE AULA ATRAVÉS DO USO DE TECNOLOGIAS.....	160
<i>Rosana da Silva Vieira</i>	
TRILHA PELA BARRAGEM DO CENTURIÃO: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A GEOGRAFIA FÍSICA E A GEOGRAFIA ECONÔMICA	162
<i>Daniel Nunes Vieira</i>	
<i>Jorge Cedrez Verneti</i>	
UM OLHAR SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES AFRODESCENDENTES EM MORRO REDONDO. A VISÃO CONSTRUÍDA POR EDUCADORES EM PARCERIA COM O MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO.....	164
<i>Carliston Lima Ribeiro</i>	
<i>Cristiane Moura dos Santos</i>	
<i>Rutilde Kruger Feldens</i>	
<i>Diego Lemos Ribeiro</i>	
UM PASSEIO PELOS PAGOS DA QUERÊNCIA: RECONHECENDO, DESCOBRINDO E VIVENCIANDO NOSSA PELOTAS.....	166
<i>Shaiany Gonçalves da Silva Nunes</i>	
<i>Tatiane da Silva Pollnow</i>	

UM PEDAGOGO NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO – NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS DESSA DEMANDA ESPECÍFICA.....	168
---	-----

Ernani Garcia Leal

Larissa de Oliveira Pedra

UMA EXPERIÊNCIA DE ESCUTA SENSÍVEL E EXPRESSÃO ARTÍSTICA	170
--	-----

Andréia Haudt da Silva

Veridiana Pereira Gonçalves

UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PIBID/UFPEL.....	171
--	-----

Rita de Cassia Goebel Teixeira

Antônio Mauricio Medeiros Alves

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO E O EXERCÍCIO DA ALTERIDADE

Joice Mirapalhete Fabra

Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar - Santa Vitória do Palmar/RS

O resumo trata acerca de um encontro realizado no ano de 2015, o qual faz parte da pesquisa de intervenção intitulada *As imagens e autoimagens da docência diante do Ensino Médio Politécnico*, empreendida no Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar. Nesse encontro, foi proposta uma discussão sobre os processos de avaliação da aprendizagem escolar, que exigem no contemporâneo o compartilhamento dos docentes para as tomadas de decisões com relação a estes.

No Ensino Médio Politécnico, o que mais inquieta os professores e causa alguns transtornos é a avaliação da aprendizagem escolar, pelo motivo de terem que trabalhar no coletivo para gerir esse processo na escola. Portanto, apresentaram-se questões para trabalhar sobre a alteridade tendo como subsídio o filme *Entre os muros da escola*. Para a discussão, os professores receberam dois textos de Jussara Hoffmann (2013) *Respeitar primeiro, educar depois* e *Um passo pra frente e dois pra trás*, do livro *Avaliar: Respeitar primeiro, educar depois*.

O choque de opiniões e a pluralidade de crenças que se tem relacionadas à avaliação são fatores que desestabilizam o processo. Segundo Hoffmann (2013), um fator que impede, muitas vezes, que a avaliação seja um trabalho que deveria ser a favor tanto da aprendizagem dos alunos quanto do ensino é o ouvir o outro, respeitar a palavra que o outro diz e suas concepções, se por no lugar do outro.

Cada docente tem suas concepções acerca da avaliação, do que se deve levar em consideração, por isso o embate de ideais acarreta tanta divergência e deve-se pensar no que é importante para a aprendizagem do aluno. Com a discussão, pode-se dialogar que não é a avaliação que determina se o aluno pode ou não pode, ela é um guia para poder adequar uma metodologia. Além disso, buscou-se compreender qual é o objetivo da avaliação.

A COMPOSTAGEM COMO CULTURA AMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Claudenir BunilhaCaetano

E. M. E. F. Presidente João Goulart - Arroio Grande/RS

O presente projeto apresenta um trabalho de Educação Ambiental realizado de forma transdisciplinar na E. M. E. F. Presidente João Goulart, no município de Arroio Grande-RS, tendo como parceiros a Secretaria Municipal da Agricultura, Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Município de Arroio Grande e o Grupo Ecológico Amantes da Natureza-GEAN. O projeto apresenta diversas estratégias e atividades, como a criação de uma composteira de tijolos e de sistema de irrigação, colocação de coletores de resíduos úteis e o cultivo orgânico de hortaliças e ervas medicinais. Optamos por trabalhar compostagem no contexto escolar, já que a reciclagem de resíduos sólidos passou a ser um tema bastante presente e relevante da Educação Ambiental e amplamente divulgado por todos os meios de comunicação. Ao mesmo tempo, queremos deixar explícito que, partindo do pressuposto de que o tema reciclagem está inserido no conteúdo estruturante Ambiente das Diretrizes Curriculares e tem em um de seus objetivos a integração com as diferentes áreas do conhecimento. O trabalho é desenvolvido com educandos do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental na horta da escola, envolvendo em torno de 400 crianças em atividades de preparo do solo e desenvolvimento de plantas no sistema de cultivo orgânico, sendo as atividades distribuídas de forma que todo professor da escola possa participar e contribuir para o êxito das ações construídas.

O que buscamos com a implantação do projeto foi dar início a uma construção gradativa de uma consciência ambiental que toma por base aspectos da corrente crítica social, ou seja, para os adeptos da corrente, educar para a cidadania ambiental implica a formação de um indivíduo crítico e consciente das suas responsabilidades e dos seus direitos com relação ao ambiente e à sociedade. Tal concepção crítica não se constrói apenas com o desenvolvimento de um projeto, mas também no cotidiano da vida de cada pessoa. A intenção foi a de desenvolver o senso crítico de cada sujeito, envolvendo-os na pesquisa de conteúdos, reportagens, seja ele docente ou discente, a fim de se munir de conhecimento para atuar na realidade socioambiental de forma comprometida e contribuir para a formação de pessoas conscientes.

Procuramos desenvolver atividades didáticas em que os educandos participem de forma mais ativa, principalmente em atividades práticas na horta escolar, na construção da pesquisa e desenvolvimento do tema nas demais disciplinas de forma transdisciplinar, não deixando que os educandos permaneçam apenas como espectadores. Sugerimos, de comum acordo, que as concepções pedagógicas dos professores não fossem daquelas que valorizam o modelo bancário da educação, em que os conhecimentos são recebidos passivamente pelo educando (FREIRE, 2007). Esse modelo de educação, que tem como propósito a adaptação do homem ao meio, potencialmente exclui a possibilidade de desenvolvimento da natureza criativa do aluno e tem como consequência sua alienação.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO GAÚCHO BLAU NUNES EM CURTA-METRAGENS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marion Rodrigues Dariz

Fabiane Villela Marroni

E. M. E. F. Dr. Joaquim Assumpção - Pelotas/RS

Partindo da premissa de que a educação escolar é um fenômeno complexo, requerendo diversos olhares, vemo-nos diante de um enorme desafio que consiste em empreender estratégias para mediar o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental. Dessa forma, propusemos aos estudantes a Atividade Organizadora de Ensino (AOE), cujo embasamento teórico se insere na proposta de Moura (1996, 2002, 2010). Tal atividade de ensino, segundo o autor, constitui-se “como uma proposta de organização da atividade de ensino e de aprendizagem que, sustentada pelos pressupostos da teoria histórico-cultural, se apresenta como uma possibilidade para realizar a atividade educativa, tendo por base o conhecimento produzido sobre os processos humanos de construção de conhecimento” (MOURA, 2010, p.208).

Considerando, também, as ideias de Davidov (1988), o qual se dedicou à investigação da atividade de estudo dos educandos em diferentes níveis de ensino, a proposta da Atividade Organizadora de Ensino, com base na teoria vigotskiana e na Teoria da Atividade, que propusemos, inclui, dentre outras tarefas, a gravação de curta-metragens, a leitura e produção de poesias de cordel e de HQ (Histórias em Quadrinhos), com base na leitura de uma obra de referência. Assim, essas tarefas, aliadas ao uso das tecnologias, surgem como uma proposta para ensinar e incentivar nossos aprendentes a ler e escrever.

Pensando nesse desafio, procuramos afetar nosso aluno com uma atividade que lhe produzisse sentido: a tradução intersemiótica – aqui, no caso, “trazer uma história do papel para as telas”, utilizando, para isso, os recursos tecnológicos de que os alunos dispõem: celulares ou câmeras fotográficas portáteis para gravação e, para a edição, a utilização de programas escolhidos pelos próprios alunos.

De posse desses *curtas*, analisamos, nessas produções, os efeitos de sentido produzidos por meio da articulação das diferentes linguagens. O *corpus* é composto de dois *curtas* produzidos pelos educandos em épocas diferentes (2011 e 2015), com base em um dos contos da obra *Contos Gauchescos* de Simões Lopes Neto, em cujas passagens foram analisados pontos como a construção da identidade do gaúcho Blau Nunes associada ao Pampa, bem como os níveis de concretização do sentido.

Como base teórico-metodológica de análise, foi utilizada a Semiótica Discursiva, por ser uma teoria que se encarrega de investigar diferentes linguagens, procura conhecer a maneira pela qual o sentido do texto é construído, por ser considerada, consoante Oliveira

(2013), uma disciplina ancilar e por entendermos como um arcabouço teórico que nos oferece uma gama de possibilidades, permitindo sua aplicação a inúmeros textos: verbais, não-verbais, sincréticos.

Referência

MOURA, Manoel Oriosvaldo de Moura; ARAÚJO, Elaine Sampaio; MORETTI, Vanessa Dias; PANOSSIAN, Maria Lúcia; RIBEIRO, Flávia Dias Ribeiro. ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO: unidade entre ensino e aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 205-229, jan./abr. 2010.

A CULTURA, A VISUALIZAÇÃO MATEMÁTICA E O RACIOCÍNIO GEOMÉTRICO NA ARTE DE ENSINAR MATEMÁTICA

Stela Maris de Souza Stein

Márcia Souza da Fonseca

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense –
Campus Pelotas – Pelotas/RS

O presente trabalho relata a experiência realizada com estudantes dos cursos técnicos de Comunicação Visual e Design de Interiores, da área de Design do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense no estudo da disciplina de Estudos Volumétricos, que aproximou a cultura local, a criatividade e o raciocínio geométrico. O trabalho abordou, de forma bastante particular, a cultura local a partir da composição de ladrilhos hidráulicos produzidos na Fábrica de Mosaico Pelotense e, de forma criativa, propôs uma aproximação aos conceitos geométricos abordados através da visualização e montagem criativa de volumes planificáveis. Trata-se da arte de ensinar Matemática com olhar etnomatemático, utilizando-se da visualização com o propósito de relacionar o contexto sócio cultural com os aspectos compositivos da montagem e do raciocínio geométrico na concretização do volume do mosaico. Inspirada nos estudos de D’Ambrósio, justifica-se a proposta como uma outra forma de saber-fazer proporcionada por projetos Geométricos Temáticos envoltos em criatividade, enfatizando, assim, a relevância de uma Educação Matemática cultural, diferenciada.

A FESTA DAS CASAS

Valéria Feldens

E. M. E. F. Alberto Cunha - Morro Redondo/RS

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Carlos Drummond de Andrade

O presente trabalho é baseado no livro de literatura infantil: *O Livro das Casas*, de Liana Leão. *A Festa das Casas* foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alberto Cunha, com 360 alunos e 35 professores, no período de setembro a dezembro de 2016. A Escola está situada na zona urbana de Morro Redondo-RS, a cerca de 40 Km de Pelotas.

O trabalho, desenvolvido inicialmente, teve como base a metodologia de contação de histórias, tendo sido realizado em turmas da Educação Infantil até o quinto ano da escola. Durante o desenvolvimento do projeto, os professores do ensino fundamental e de séries finais também se envolveram com as atividades.

Para iniciar as ações, o primeiro passo foi ler a história em todas as turmas, motivar os alunos durante a leitura e mostrar os diferentes tipos de casas que existem e quem pode morar nessas casas. Ao propormos o projeto, concordamos com Luckesi (2000) e Santin (1994) em relação ao poder de interação proporcionado aos participantes através das atividades lúdicas, por elas potencializarem a vivência de uma experiência de plenitude, nas quais a fantasia e a imaginação ajudam a tecer teias, entrelaçando histórias aos materiais simbólicos.

Ao usarmos atividades lúdicas enquanto metodologia, não foi atribuído valor ao produto final e sim ao processo, ao despertar para o prazer do encontro e da vivência da construção da própria ação, do momento vivido, da ressignificação e da percepção do outro, das expressividades que tivemos contato através dos relatos diários dos alunos e seus familiares.

Para darmos prosseguimento ao projeto, após o momento de contação da história inicial, ela foi agregada à Casa Engraçada — poesia de Vinícius de Moraes. Enviamos às famílias de nossos alunos a história digitada e propomos um desafio a ser desenvolvido juntamente com os alunos. Para concretizá-lo, a família deveria construir uma casa, da forma que cada um estivesse disposto a fazer, não importando o tamanho, cor ou forma. Essa atividade tinha como objetivo levar o aluno a encantar-se com a literatura infantil e trazer a família para perto da escola, unir as famílias em torno desse objetivo.

Marcamos a data da entrega e intitulamos o evento como *A Festa das Casas*. Para nossa surpresa, muitas começaram a aparecer, muito antes do prazo estabelecido, e com elas

muitos sorrisos e depoimentos emocionados de quão bom foi fazer esse trabalho com os filhos. Nas casas, vinham inscrições como *Ana e Vovô* e *João, papai e mamãe*.

As professoras de inglês e matemática juntaram-se ao grupo e propuseram aos seus alunos, do sexto ao nono ano, que eles construíssem prédios públicos da nossa cidade. Cada turma escolheu um prédio público e executou seus projetos.

Na Festa das Casas, além das mais de duzentas casas presentes, tivemos outras atividades, como os contos de fadas, a toca das bruxas, a pintura de telas. Os alunos foram fantasiados, como uma viagem no mundo da fantasia. Nesse dia, alguns pais relataram sua satisfação em ter participado deste projeto e o quanto isso foi importante na relação pais-filhos e escola.

As atividades desenvolvidas demonstraram estar em concordância com o pensamento de Paulo Freire, ao constatarmos que “[...] participar é assumir, é cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo” (1996, p. 59-60), ou seja, participar nada mais é do que interagirmos com o mundo, com a sociedade em que vivemos, agindo como agentes transformadores da realidade, tornando-nos assim seres sociais e sociáveis.

O desenvolvimento e a conclusão da proposta permitiram perceber também o quão importante foi este projeto literário e a dimensão que ele atingiu; os diálogos que o Livro das casas proporcionou nas nossas salas de aula e, muito além delas, com a participação da comunidade escolar. Percebeu-se também que o envolvimento das famílias e os olhos brilhando de alegria dos alunos fizeram com que a escola ficasse ainda mais viva e feliz.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEÃO, Liana. **O Livro das Casas**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (Org.). **Ludopedagogia – Ensaios 01**. Salvador: GEPEL/FACED/UFBA, 2000. p.09-42.

SANTIN, Silvino. **Educação física**: da opressão do rendimento à alegria do lúdico. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS, 1994.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR EM DIFERENTES CONTEXTOS

Jessica Bitencourte

Andréia Bitencourte

E. M. E. I. José Lins do Rego - Pelotas/RS

Este trabalho relata a importância do brincar na educação infantil e na formação da criança de forma ampla e abrangente, salientando a importância da interação com o outro, com o faz de conta, com as brincadeiras de imitação do próprio cotidiano, e da imaginação através dos contos infantis.

Segundo Machado (2003, p.35), tudo aquilo do mundo real que for usado pela criança para fazer suas experiências e descobertas, para expressar-se e lidar com seu mundo interno e subjetivo diante da realidade desses objetos, das coisas concretas e objetivas pode ser considerado brinquedo.

Se a brincadeira, o jogo e o faz de conta são importantes na construção do ser em situações normais, vamos pensar o quão importante é desenvolver atividades lúdicas quando uma criança está em situação de estresse, ou quando necessita de internação hospitalar.

Muitos questionamentos surgem e, com eles, alguns sentimentos, como medo, insegurança, perda da privacidade, entre outros. E com as crianças não é diferente: além de todos os sentimentos que as assombram por não reconhecerem aquele espaço, ainda há a questão de mudança de rotina, de ter que deixar os amigos, a escola, os animais de estimação. Por conta dos novos avanços nas políticas públicas, tornou-se obrigatório que em toda instituição que recebe crianças tenha uma sala especial para elas, conhecida como brinquedoteca, onde terá espaço físico e recurso material necessário para que possam ser desenvolvidas inúmeras atividades.

Durante as internações, a equipe de saúde deve tornar essa estadia o mais confortável possível, promovendo atividades diversificadas, como sessão de cinema, hora do conto, peça teatral, roda de canto, oficinas de pintura, entre outras. É de extrema importância que nesses momentos de descontração tenha sempre acompanhamento de um familiar e também profissionais da equipe multidisciplinar supervisionando, para que essa criança se sinta segura e plena para realizar as atividades, que não gere nenhum tipo de risco e agravo para sua saúde.

É extremamente importante que esse profissional goste de trabalhar com crianças e tenha um planejamento pedagógico adequado para que essa criança possa confiar e aceitar aquilo que lhe é proposto, é preciso explicar os procedimentos que serão realizados e, principalmente, nunca mentir para elas, dando-lhe falsas esperanças.

Com isso, podemos observar a importância do lúdico, do brincar nas mais distintas situações, seja na escola ou durante a internação hospitalar de uma criança e os benefícios que são gerados tanto para as crianças, como também para a família.

A INTEGRAÇÃO DE TURMAS EM FAVOR DA ERRADICAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Nitiane Bitencourt da Silva

Sylvia Tavares Barum

Viviane Petry de Vasconcellos

Luciana Santos da Silva

E. E. E. F. Laura Alves Caldeira - Capão do Leão/RS

Integrar alunos de diferentes idades e anos escolares visando não somente a qualificação das relações da escola, como o desenvolvimento de diferentes linguagens artísticas e também os processos de aquisição da escrita e da leitura. Assim se define o trabalho com projeto entre turmas de 1º, 2º, 3º e 4º anos da E. E. E. F. Laura Alves Caldeira do município do Capão do Leão. A partir da iniciativa das professoras de 1º a 4º ano da escola, alunos entre 6 a 10 anos trabalham de forma colaborativa em propostas diferenciadas.

Durante as interações dos alunos de diferentes turmas em momentos, como o recreio, percebeu-se que a violência era uma temática recorrente. Com o intuito, inicialmente, de promover um espaço onde todos os alunos tivessem que trabalhar de forma cooperativa visando erradicar os conflitos, foi proposto pelas professoras do 1º ao 4º ano o trabalho com projetos. Nesse trabalho, que ocorre uma vez a cada semana, os alunos são divididos em dois grupos que transitam por duas oficinas diferentes, cada uma orientada por duas professoras. A cada trimestre, uma temática é definida, e os alunos de 3º e 4º ano são convidados a elaborar e a auxiliar os alunos de 1º e 2º ano não somente na parte artística, como também no registro das oficinas através de escrita espontânea, que é resultado do trabalho semanal. Ao final de cada ano letivo, é elaborada uma Mostra Final dos trabalhos para toda a comunidade escolar, onde é perceptível o orgulho dos alunos ao expor seus trabalhos. Esse projeto tem como suporte teórico autores como: Vygotsky, Barbosa e Ferreira.

A experiência aqui apresentada encontra-se em seu terceiro ano de funcionamento. Ao longo do primeiro ano, foi possível notar que o objetivo principal, a erradicação da violência nos momentos do recreio, foi atingido, uma vez que os alunos maiores desenvolveram um senso de cuidado com os menores, percebendo que todos eles aprenderam realmente a conviver em comunidade. Além disso, outro ganho importante foi a qualificação da escrita desses alunos. Com a necessidade de registrar de forma espontânea o ocorrido em cada oficina, os alunos passaram a ser, eles mesmos, os mediadores da aquisição da escrita e da leitura de suas produções, colaborando com os colegas que ainda não se apropriaram do sistema de escrita alfabética por completo. O trabalho se mostrou tão exitoso que, ao final do segundo ano, outras escolas que conheciam a prática resolveram fazer tentativas parecidas em sua realidade.

A PAISAGEM CULTURAL COMO TEMA PARA DISCUSSÕES EM AULA E DESENVOLVIMENTO DE PROJETO EDUCACIONAL. UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO O MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO – RS.

Andréa Cunha Messias

Rutilde Kruger Feldens

Valéria Feldens

Diego Lemos Ribeiro

Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim - Morro Redondo/RS

E. M. E. F. Alberto Cunha - Morro Redondo/RS

“O homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar”.

Yágizi (2001)

O objeto deste relato de experiência envolveu o Museu Histórico de Morro Redondo, o 5º Ano do Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim e a turma do Pré-escolar da E. M. E.F. Alberto Cunha. Na ocasião, extrapolamos os muros dos estabelecimentos de ensino e do museu e nos apropriamos da paisagem cultural existente na Praça da Emancipação – Morro Redondo, RS.

Os testemunhos materiais de um antigo poço de captação de água serviram como cenário e ponto de partida para ação com os alunos. Neste local, hoje abandonado, as comunidades abasteciam suas residências e as lavadeiras exerciam seu ofício. A biografia do poço, em conexão com a paisagem, foi narrada às crianças tendo como referência os resquícios materiais do lugar em justaposição com as memórias dos moradores idosos, que tornam presente uma realidade hoje ausente na Praça da Emancipação.

As atividades foram planejadas e desenvolvidas de forma cooperativa. Além dos estabelecimentos de ensino anteriormente mencionados, a ação contou com a participação da equipe do Projeto de Extensão *Museu Morrorredondense: Espaço de Memórias e Identidades* vinculado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, de representantes da Associação Amigos da Cultura e de moradores idosos, surtindo os resultados que serão apresentados a seguir.

As ações foram desenvolvidas em três momentos, iniciando por uma reflexão sobre o conceito de patrimônio, baseada na relação afetiva entre as crianças e seus objetos pessoais significativos; posteriormente, foi despertado o olhar das crianças para o patrimônio cultural existente no entorno da Praça da Emancipação, através de uma atividade nomeada de Caminhada da Percepção. Nessa caminhada, utilizamos como norte a ideia de musealização da ausência, que consiste em evocar memórias espectrais

do lugar para dar vida aos resquícios materiais que resistiram ao tempo; desse modo, as crianças conseguem enxergar o cenário para além de sua conformação atual. No curso da caminhada, mediados pelos relatos orais dos idosos, os alunos foram levados a tempos e lugares não mais existentes na atualidade.

Na primeira fase, de sensibilização, os alunos levaram objetos compreendidos por eles como patrimônios pessoais e relataram seus significados afetivos, ampliando assim o significado do patrimônio.

Como atividade final, houve uma Roda de Conversas no Museu, com o intuito de discutir conjuntamente as ações de preservação do patrimônio cultural. Igualmente, foi concebida uma exposição itinerante na Praça, que teve como atividade paralela uma apresentação musical, desenvolvida pelas crianças e professores. Por fim, para servir de marco para a preservação das memórias da paisagem, foi fixada na Praça uma representação do antigo poço junto com o mascote da exposição.

O processo de construção coletiva relatado serve para reforçar dois pontos nevrálgicos: a profícua relação disciplinar entre a Educação e a Museologia e a relevância do protagonismo dos atores-sociais em ações educativas. Acreditamos que o despertar do olhar patrimonial das crianças aumentou o interesse e a participação em aulas, gerou a aproximação dos sujeitos da ação e consolidou o diálogo entre o Museu e a comunidade.

Referências

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, p.43-58, dez. 2009/mar. 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- SANTOS, Maria Célia. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, educação e o museu**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.
- VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro. O patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

A PAZ NO AMBIENTE ESCOLAR POR MEIO DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO PIBID

Elizandra Prestes Aguiar.

Fernanda Ribeiro Vargas

Maristani Polidori Zamperetti

E. E. E. F. Dom Joaquim Ferreira de Mello – Pelotas/RS

A partir do diagnóstico escolar efetuado na E.E.E.F. Dom Joaquim Ferreira de Mello constatou-se, por meio de entrevistas e observações realizadas no espaço escolar, situações de violência verbal, de forma quase naturalizada, fato que levou o grupo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/Universidade Federal de Pelotas (PIBID/UFPe), em conjunto com a comunidade, a desenvolver atividades que resgatassem o sentido da paz por meio do respeito e da colaboração no ambiente escolar. O projeto abordou o tema “paz” e as diferentes formas de manifestação na vida cotidiana, buscando desenvolver o respeito mútuo pela promoção de práticas pedagógicas que contribuíssem para o autoconhecimento e a autoestima dos alunos. Morin, quando se refere à *Ensinar a compreensão* como um dos sete saberes necessários à educação do futuro, entende que a compreensão é base segura à educação para a paz: a compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente no ensino. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua. Considerando a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades. Esta deve ser a obra para a educação do futuro (MORIN, 2000, p. 17). Com o apoio de estudos teóricos e buscando organizar o projeto, optamos pela divisão em temas: Tema I – Paz Interior; Tema II – Paz Positiva; Tema III – Paz Negativa; Tema IV – Paz Externa; Tema V – *Caminhada da Paz*. Através deste trabalho, realizado ao longo desse período, foi verificada uma grande mudança de comportamento no espaço escolar, por meio do respeito mútuo diminuíram as agressões verbais, melhorou a concentração em sala de aula, resultando aprendizado dos alunos.

Referências

CONCEITO.DE. **Conceito de paz**. Disponível em: <<http://conceito.de/paz>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

WIKIPÉDIA. **Paz Interior**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Paz_interior>. Acesso em: 31 mar. 2016.

A PRÁTICA CONTEXTUALIZADA DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O EMPODERAMENTO DO CONHECIMENTO

Virginia Ponche Barbosa

Daiane Michelotti

Alessandro Carvalho Bica

Colégio Estadual Alceu Wamosy - Santana do Livramento/RS

O trabalho de inglês foi conduzido com estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Alceu Wamosy em Santana do Livramento, visando à construção de um folder sobre a cidade de Santana do Livramento, com o objetivo de desenvolver vocabulário referente à denominação de locais de uma cidade, de pontos gramaticais, além de sensibilizar os alunos quanto à importância e necessidade de exercer a cidadania, atendendo bem às pessoas que aportam ao município. A fim de proporcionar aos alunos a oportunidade de vivenciar o que eles vêm aprendendo em aula, em situações reais, este trabalho busca enfocar uma abordagem de aprendizagem baseada na experiência em si, na importância do processo de *andamento* (HALL, 2011) na organização de *comunidades de práticas*, buscando envolver e encorajar os alunos a aprenderem inglês.

Primeiramente, os alunos definiram e aprenderam, em inglês, os nomes dos lugares de uma cidade. Em um segundo momento, aprenderam como se dizia, em inglês, as orientações de direção para chegar a um determinado local. Num terceiro momento, os alunos listaram os principais pontos turísticos e os pontos considerados por eles úteis da cidade de Livramento. Uma vez definidos os principais atrativos da cidade, os alunos foram para a pesquisa em campo, onde fizeram o levantamento dos preços dos hotéis, postos de gasolina, restaurantes, como também seus endereços, telefones. Essas atividades culminaram na confecção de um flyer, conhecido e chamado por nós, brasileiros, de folder, onde constou o mapa da cidade com as informações incluídas.

O progresso dos alunos foi acompanhado e observado durante todo o decorrer do projeto, em sala de aula e fora dela. Foi adotada uma postura de avaliação continuada, tendo como ferramentas avaliativas a execução das atividades realizadas em cada etapa do projeto, o comprometimento para com as atividades extraclasse, a qualidade das produções, o envolvimento dos grupos e os trabalhos colaborativos, culminando, como fora dito, na confecção do folder.

Aprender com os outros não somente pontos gramaticais, mas aprender com os outros aspectos práticos, culturais e históricos situados em uma comunidade específica faz com que aprendizes de uma L2 (segunda língua) desenvolvam suas identidades, promovendo suas cidadanias. Os alunos, através desta perspectiva e ferramentas, tiveram a oportunidade de ler e compreender o mundo a partir da experiência vivida, empoderando o conhecimento compartilhado durante o processo.

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA – ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tamara Oswald

Tarso Rodrigues de Ávila

E. M. E. F. Dr. Urbano Garcia – Turuçu/RS

O presente estudo teve como temática a utilização dos recursos audiovisuais como materiais didáticos auxiliares para a disciplina de História. Ele pretendeu trazer reflexões acerca da eficiência, das dificuldades e possibilidades na utilização desses recursos, que dispõem de elementos ilustradores da realidade humana. Seu objetivo geral foi abordar a utilização de recursos audiovisuais para a disciplina de História, nas séries finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Urbano Garcia (Turuçu-RS), durante o ano letivo de 2015.

A metodologia utilizada, no desenvolvimento do estudo, se deu em três etapas principais: a incorporação dos recursos audiovisuais, aplicação de avaliação referente às temáticas de ensino e de questionários acerca da metodologia utilizada, a análise do material coletado e redação do artigo. O estudo fez uma abordagem qualitativa da temática proposta, pois se baseou em experiências efetivadas em sala de aula e permitiu conhecer as várias faces da metodologia de incorporação dos recursos audiovisuais na prática do ensino de História.

Os dados e as avaliações mostraram a facilidade de compreensão e assimilação dos conteúdos pelos educandos, visto que estes, em suas análises críticas, responderam de forma positiva aos assuntos abordados. A possibilidade do uso da imagem e do som mostrou-se agradável ao público estudantil, por ser familiarizado com esses tipos de mídia. O estudo ainda identificou a adaptabilidade dos recursos (vídeos ou documentários) a determinados conteúdos. Ao final, foi possível compreender de que modo os recursos audiovisuais puderam e podem ser eficazes no processo de ensino-aprendizagem e o quanto isso reflete positivamente na construção de conhecimento do educando, proporcionando-lhe o pensar criativo e consciente. Esperamos ter contribuído, de certo modo, para que o uso dos recursos audiovisuais seja entendido como algo viável e positivo, sobretudo na disciplina de História, que carece de perspectivas estimulantes e esclarecedoras aos educandos. A nós, não bastou pensar na utilização de recursos audiovisuais como *tapa buraco* para os assuntos que muitas vezes são de difícil abordagem com métodos tradicionais, foi preciso dar aos educandos mais do que a possibilidade de experimentação unilateral das mídias: eles puderam ser agentes do próprio saber, de modo a participarem da produção de novos recursos de mídia que expuseram e valorizaram suas reflexões. Acreditamos que toda a pesquisa que se propõe a pensar criticamente sobre as metodologias de ensino na intenção de avaliar e melhorar as técnicas pedagógicas acaba por valorizar o trabalho profissional e a qualidade da educação como um todo.

A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA E A SUA INFLUÊNCIA EM NOSSO MEIO

Larissa de Souza Schwanz
E. E. E. F. Arco Iris – Pelotas/RS

A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas. Tendo como base a referida lei e alguns pensadores da educação que norteiam essa ideia, tal como Boaventura de Souza Santos, que salienta que a busca pela colonização criou uma linha abissal de separação de diferentes classes e também uma linha divisória entre negros e brancos, o presente trabalho busca exercitar a igualdade, a democracia e a valorização da cultura afro. A turma em que se realizou a atividade foi do 4º ano da E. E. E. F. Arco Iris.

Primeiramente, foi proposta aos alunos a realização de um trabalho em grupo de 4 componentes no qual se estudariam diferentes aspectos que ressaltassem a cultura afro-brasileira. Cada grupo ficou responsável por pesquisar, escrever um resumo, elaborar um cartaz e apresentar um tema que abordasse: comidas típicas, jogos e brincadeiras, personalidades negras, lendas e folclores, religiões de matriz africana. Em três aulas, cada grupo, fora da escola, desenvolveu as investigações. Posteriormente, os alunos fizeram o resumo de seus trabalhos e produziram os seus cartazes. Assim que ficou pronto o material de todos os grupos, os alunos escreveram convites para funcionários e professores da escola visitarem a turma no dia marcado para a apresentação dos trabalhos. Durante a semana de preparação para a atividade, foi proposto que os alunos confeccionassem máscaras africanas e que trouxessem bonecas para trançar os cabelos, já que era uma atividade comum de meninas negras, para expor na sala de aula no dia das apresentações. Na data marcada, os alunos organizaram a sala e aguardaram a visita de todos os convidados.

O projeto foi avaliado tanto pela professora como pelos alunos e demais presentes, com desempenho ótimo, pois desenvolveu a criatividade, oralidade, escrita e, o mais importante, a valorização da cultura africana.

ABC DA ALIMENTAÇÃO: ALFABETIZANDO PARA QUALIDADE DE VIDA

Ilis Ângela Wickboldt Manetti

Mari Regina Rocha Janke

E. M. E. F. e E. I. Vera M. de A. Moreira – Piratini/RS

Os índices de obesidade infantil têm aumentado muito em nosso país, o que nos leva a refletir sobre as causas desse problema, como a alimentação errada das crianças, devido à rotina atribulada dos pais. O projeto foi aplicado durante ano letivo de 2014, na turma do 1º ano do ensino fundamental, da E. M. E. F. e E. I. Vera M. de A. Moreira/ Piratini-RS. Objetivou-se contribuir para a promoção da saúde, prevenção da obesidade infantil e de outras doenças e a conscientização das crianças sobre a importância de uma alimentação saudável e nutritiva, bem como incentivá-las a realizar sua higiene bucal. O trabalho foi desenvolvido de forma interdisciplinar e lúdica através da metodologia de Projetos, buscando a formação integral do sujeito, baseado nas múltiplas inteligências da teoria de Gardner. Por se tratar de uma turma em processo de alfabetização, optou-se por ir além dos métodos tradicionais, como salienta Schettert: “a alfabetização não se resume a ensinar a ler e escrever palavras e frases de forma mecânica, mesmo que seja com letra bonita. Alfabetizar é possibilitar condições para que a criança se desenvolva como ser integrado no mundo e atuando conscientemente” (1987, p.14). Proporcionaram-se vivências e métodos diferenciados, com o auxílio do projeto como estratégia metodológica. Para Gardner, “[...] um projeto fornece uma oportunidade para os estudantes disporem de conceitos e habilidades previamente dominados a serviço de uma nova meta ou empreendimento” (1997, p.189). Foram desenvolvidas as seguintes atividades: Leitura deleite *Balas, bombons e caramelos, Branca de Neve e os 7 anões, Delícias e gostosuras e Viagens de um pãozinho*; Reunião com os pais; Questionário/ pesquisa com os pais; Questionamentos prévios com a turma; Gráfico da fruta predileta; Gráfico de comida preferida; Conhecimentos prévios sobre alimentação saudável; Filme *Peso pesado – Nosso Amiguinho*; Texto coletivo; Mural com rótulos: Alimentos saudáveis e não saudáveis; Confecção da Pirâmide alimentar com recortes de folhetos; Desenho do Corpo Humano – Tamanho real; Explorar partes do corpo; Mural tipos de alimentos; Cálculo do IMC dos alunos; Montando o corpo humano e os órgãos de forma lúdica; Brincando com macacão do corpo humano; Descobrimos alimentos saudáveis; Confecção de livro de receitas saudáveis com troca de receitas entre as mães na sacola lúdica; Visita à padaria Municipal onde os pais retiram seu pão; Experiência do osso; Plantando e culti-

vando mudas para a horta; Desenho livre analisando o antes e o depois de uma alimentação não saudável (desnutrição e obesidade); Atividade prática de escovação e o uso do fio dental, atividades físicas (esportes, brincadeiras de roda, circuitos); Inteiro-metade-partes das frutas (cores); Associação de letras iniciais aos rótulos dos alimentos; Visita à cozinha e conversa com a merendeira; Confeção da pirâmide alimentar com rótulo; brincando com o avental dos alimentos; Roleta dos alimentos; Brincando de Mercado e selecionar os rótulos. Pode-se observar que os alunos mudaram alguns conceitos de higiene bucal e alimentação, incorporaram a sua realidade alimentos saudáveis, percebeu-se que será uma geração mais reflexiva sobre seus hábitos, priorizando a busca pela qualidade de vida.

Referências

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SCHETTERT, Lenir Santos. **Alfabetização**: vivendo e construindo a vida. 2. ed. Ijuí/RS: Livraria UNIJUÍ, 1987.

ADOLESCER

Élida de Freitas Sais

E. M. E. F. Luiz Lima de Faria - Herval/RS

O Projeto Adolescer teve por objetivo promover momentos de discussão e reflexão sobre os mais variados assuntos referentes à adolescência, informando os adolescentes sobre os aspectos relevantes a essa fase da vida. Sentiu-se a necessidade de desenvolver esse projeto devido ao fato de a escola ter sido procurada para auxiliar em um caso de suspeita de abuso sexual e também porque a adolescência é uma fase da vida onde surgem muitas dúvidas e poucos esclarecimentos. Assim, torna-se fundamental construir conhecimentos a respeito das mudanças físicas, fisiológicas, psicológicas e sociais que os adolescentes enfrentam. Mesmo que atualmente a discussão sobre sexualidade seja uma coisa normal, na realidade em que estamos inseridos ela se faz indispensável para o amadurecimento e o desenvolvimento de atitudes responsáveis. As atividades do projeto foram desenvolvidas durante todo o ano letivo de 2016, quando havia aula aos sábados no turno da tarde e contemplaram vinte e um alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Foram desenvolvidas ações de conscientização sobre abuso sexual na infância e adolescência com alunos da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental e com os familiares dos alunos. A metodologia usada no desenvolvimento do projeto foi a leitura, a pesquisa, o debate, a visualização de vídeos sobre o tema, a construção de cartazes, entrevistas, a caixinha *Quero Saber* (onde os alunos colocaram as perguntas para serem respondidas pela professora) e o diálogo com as professoras parceiras. Conclui-se que o referido projeto foi de grande valia para todos os envolvidos, pois, em entrevista anônima, cem por cento dos alunos demonstraram gostar das ações e, na reunião com os pais, todos os presentes disseram considerar muito importante que a escola trabalhasse sobre esses temas, portanto, o projeto cumpriu ao que se propôs.

“ARROIO DO PADRE: DE TI E PARA TI”: UM PROJETO SOBRE A COMUNIDADE ONDE VIVEMOS

Cássia Raquel Beiersdorf

E. M. E. F. Benjamin Constant - Arroio do Padre/RS

O projeto “Arroio do Padre: de ti e para ti” foi desenvolvido com uma turma de 2º ano, em 2015, na E. M. E. F. Benjamin Constant, em Arroio do Padre (RS).

Foi com a aproximação do aniversário do município que se desenvolveu uma série de atividades articuladas entre si, tais como: expedição investigativa pela avenida em que se localiza a escola; pesquisa em fonte oral, bibliográfica, iconográfica e virtual; produção coletiva e individual de textos (relatório, informativo, resumo, carta, convite, entrevista, dedicatória e sinopse); roda de conversa e gravação do hino municipal de Arroio do Padre juntamente aos compositores Arnildo Bonow e Walter Carlos Raasch; produção e edição de um vídeo informativo apresentado pelos próprios alunos, tratando de especificidades do município e da execução do hino, que foi lançado no Youtube dia 17/04/2015 como forma de presente a Arroio do Padre, na passagem do seu aniversário de 19 anos de emancipação; participação no desfile das escolas na Festa Municipal de Arroio do Padre com o tema *A religião no Arroio do Padre*; confecção de uma maquete representando o município com figuras e sólidos geométricos; concurso *Desenho na capa* para escolha da capa do livro informativo sobre o Arroio do Padre, produzido coletivamente com os textos e ilustrações dos alunos e que foi editado e lançado com patrocínio do Sicredi, durante a 1ª Feira do Livro Municipal e 1ª Mostra de conhecimentos do Programa *A união faz a vida*.

Conforme Hernandez (1998), trabalhar com projeto é, em última instância, uma desculpa para que o aluno realize a sua própria aprendizagem e é um método pedagógico que contribui para uma ressignificação dos espaços de aprendizagem de tal forma que eles se voltem para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, atuantes e participantes. Considero que a relevância maior deste projeto se deu nesses quesitos e nos avanços obtidos com os alunos, tanto nos conhecimentos construídos sobre o lugar onde eles vivem e que fortaleceram a sensação de pertencimento – o que acredito ser essencial para a formação de cidadãos que contribuem e contribuirão para o bem comum da sociedade; quanto no processo de Alfabetização e Letramento, alcançados através da proposta de atividades que, sobretudo, aliaram o trabalho de pesquisa sobre o município com o estudo do lugar, do tempo, de fatos e de sujeitos históricos, juntamente às práticas de letramento que envolveram os quatro eixos da Língua Portuguesa: Leitura, Produção Textual, Oralidade e Análise Linguística – todos previstos como direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização. Sem contar o uso das tecnologias que contribuíram para facilitar, dinamizar e tornar as atividades ainda mais atrativas.

O título *Arroio do Padre: de ti e para ti* veio para expressar o nosso desejo de que este projeto fosse um presente de aniversário para o nosso querido município, desejo

este que ultrapassou nossas expectativas, pois inscrito em um concurso para professores a nível nacional, obteve o segundo lugar entre os cinco selecionados, proporcionando o reconhecimento do município e uma premiação para a professora e para a escola.

ARTE: EXPRESSÃO DE EMOÇÕES E SENTIMENTOS

Elizane Pegoraro Bertineti
E. M. E. F. Dom Pedro II – Canguçu/RS

A Arte está ligada às emoções humanas, e toda manifestação de arte pode ser compreendida como uma expressão dos sentimentos humanos. A arte na escola deve se utilizar da imaginação e criatividade para inventar, exteriorizar sentimentos e manifestar ideias, ou seja, criar um espaço de interação e compreensão das diferentes formas de manifestação da vida. De acordo com os PCNs:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (1997, p. 19).

A presença da arte na escola realiza uma função que vai além de cumprir uma grade curricular, é um espaço propício para tornar o aluno crítico, criativo, fazer com que este perceba-se como sujeito ativo na sociedade da qual faz parte, ou seja, é oferecer o espaço para que o aluno possa pensar, criar, sentir o mundo e, principalmente, para que possa descobrir seus próprios talentos.

A partir desse projeto, buscou-se destacar a importância da arte na vida dos indivíduos, onde os alunos puderam confeccionar e criar diferentes trabalhos, nas diversas modalidades de Arte. Assim, foi viável expressar emoções e descobrir suas potencialidades enquanto artista.

O objetivo do projeto foi a realização da I Mostra de Arte da escola, com a exposição dos trabalhos e criações artísticas feitas pelos alunos no decorrer do ano letivo, oportunizando à comunidade a visita e apreciação das obras e das diferentes formas de expressão da Arte.

As atividades realizadas, bem como a mostra final, buscaram a valorização da arte e a descoberta da criatividade e capacidade dos sujeitos e, com toda certeza, tivemos nossos objetivos alcançados e alunos muito felizes com o reconhecimento de suas próprias capacidades artísticas.

Referência

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

ATIVIDADE FÍSICA NA TERCEIRA IDADE

Janice Lubke Heidemann

Eliane Machado de Melo

E. M. E. F. Francisco José Barbosa – Canguçu/RS

E. M. E. F. Antenor Elias de Mattos – Piratini/RS

O projeto teve como objetivo levar a importância da atividade física às pessoas da terceira idade, desenvolvendo atividades adequadas a cada envolvido, sendo observado o estado de saúde individualmente. O trabalho foi executado em duas escolas municipais: uma de Canguçu/RS, E.M.E.F. Francisco José Barbosa, e a outra de Piratini/RS, E.M.E.F. Antenor Elias de Mattos, sendo realizado nas disciplinas de Educação Física e Matemática.

O projeto, desenvolvido com alunos do 7º ano desde o ano de 2013, vem mostrando bons resultados, pois os alunos têm um cuidado especial nas escolhas das atividades e divulgam a importância de realizá-las em todas as fases da vida. O trabalho acontece normalmente no segundo trimestre do ano, onde alunos vão até as casas dos idosos, realizam entrevistas quanto aos problemas de saúde, perguntam se fazem atividades físicas e, se não fazem, interrogam por que não as fazem. Em um segundo momento, eles trazem até a escola as entrevistas, debatem em sala de aula e, orientados pela professora de Educação Física, montam um cronograma de atividades a serem realizadas nas casas dos entrevistados. Após o desenvolvimento dessas atividades, os alunos apresentam o trabalho em sala de aula para a turma e a culminância se dá em uma data específica na escola com uma tarde de atividades para os idosos preparada pelos alunos, com ida dos entrevistados e de todos que desejarem, já que se trata de um momento aberto à comunidade. A disciplina de Matemática entra com a responsabilidade de pesquisa sobre os idosos que praticam atividades físicas no município vizinho e apresentando os dados em gráficos.

O trabalho realizado trouxe benefícios para toda comunidade. Percebe-se a maturidade e a preocupação dos alunos, o envolvimento das pessoas nas atividades, o apoio de todos os profissionais da escola e, principalmente, um olhar diferente dentro da Educação Física, a qual, muitas vezes, se limita ao campo visual da escola, dos esportes e das competições. Os resultados têm sido tão positivos que os próprios alunos aguardam a chegada do trabalho e querem permanecer no projeto mesmo passando para o ano escolar seguinte. A oportunidade de trabalhar em conjunto com a Matemática tem engrandecido cada vez mais o projeto. Espera-se motivar mais pessoas com esta ideia, pois a educação construtiva é a que traz maiores resultados para o processo ensino/aprendizagem.

ATIVIDADES CRIADORAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL RUTH BLANCK

Marge Peixoto
Márcia Vetromille Madruga
Rafaela Ourique
Marlene Luciana Amorim
E. M. E. I. Ruth Blank – Pelotas/RS

O foco da experiência da Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank são as atividades criadoras desenvolvidas pelos alunos durante as aulas e em casa, com a família. Trabalhamos com as atividades criadoras propostas pela Escolinha de Arte, numa proposta diferente, pois somos uma escola de educação infantil, que atende alunos entre 4 e 5 anos em turno parcial.

As atividades diárias consistem em: modelagem (argila, massa de pão e bolachinha, massa de modelar, construção de jogos, técnicas); Pintura e Desenho (pintura nos cavaletes, técnicas variadas); literatura (leitura de livros pelas professoras, contação de histórias, manuseio de livrinhos e outros materiais, confecção de livrinhos, construção de histórias, Projeto *Doce Leitura*, Projeto *Caixa Mágica*, Projeto *O Carteiro Chegou*, Projeto *Era uma vez...*); teatro (dramatizações e sala de aula, peça de teatro no final do ano); teatro de fantoches (manuseio de fantoches e apresentações para os colegas, confecção de fantoches, apresentações semanais pelos professores e auxiliares); música (canções, utilização de instrumentos e conhecimento de uma variedade deles, brincadeiras cantadas, apresentações musicais); atividades físicas e recreativas (circuitos, basquete, vôlei, futebol, jogos e brincadeiras, dança); atividades complementares (recorte e colagem, dobraduras, Projeto *Africanidades*, Cultura Indígena, feira de ciências, mostra de artes, cultura gaúcha, festas, passeios, entre outras).

As atividades são realizadas devido a sua importância para o desenvolvimento integral do aluno. As crianças, principalmente nessa faixa etária, estão abertas a todo o tipo de atividade que as façam ser criadoras, que as estimulem, que desenvolvam as suas potencialidades, que não sejam de longa duração e que as façam se movimentarem bastante, desenvolvendo a motricidade ampla.

Durante o ano letivo, os alunos desenvolvem todo o seu potencial criador. As atividades propostas levam os alunos a evoluírem como um todo. E, além disso, a Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank proporciona seguidamente a interação da família com a escola. A equipe de toda a escola tem como meta uma educação de qualidade para os alunos, como também tem a consciência da importância disso na formação de um cidadão mais preparado para o futuro.

BIBLIOTECA ESCOLAR: DA REFORMA A UM ESPAÇO *AUTOGESTIONADO*

Ieda Maria Kurtz Azevedo

Roberta Bohns Tavares

Cristina Maria Rosa

E. E. E. F. Fernando Treptow – Pelotas/RS

No trabalho, apresentamos o processo de restauro e a proposição de uso de um espaço físico destinado à biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Treptow, localizada na periferia de Pelotas. A direção da escola, ao assumir a gestão, percebeu a inadequação do espaço anteriormente destinado à biblioteca quanto à luminosidade, ventilação, espaço, uso e ambiência. Sentindo a necessidade de um conhecimento acadêmico para classificação, disposição e disponibilidade do acervo de forma adequada, a direção convida o GELL – Grupo de Estudos em Leitura Literária, apoiado pelo PET – Educação, ambos abrigados na FaE/UFPel, para organizar o acervo. As ações de intervenção e transformação do espaço ocorreram entre abril e novembro de 2016.

O grupo, ao adentrar a sala, depara-se com uma sala com armários e estantes empilhados pelo cômodo e decide por reorganizar não apenas o acervo, mas todo o espaço a ser ocupado pela futura biblioteca. Optou-se por um ambiente *autogestionado*, com disposição e disponibilização do acervo aos alunos. As intervenções deram-se desde a recuperação do piso, massa corrida e pintura nas paredes, recuperação de móveis e utensílios e delimitação de espaços destinados à leitura, pesquisas e trabalhos escolares. O ambiente dispõe também de um mini auditório multiuso e de um espaço para literatura infantil com tapete, almofadas, acesso livre aos livros e gibis e a um *jardim-painel* na parede.

Amparada em estudos referentes ao tema como o Manual da Biblioteca Escolar, produzido pelo MEC em 2008, pesquisas sobre a leitura, o livro e a literatura, e levando em consideração estudos a respeito da importância de leitura literária na escola como fonte de produção de cidadãos críticos e criativos e que a maioria das famílias não dispõe em seu cotidiano acesso a práticas de leitura, literatura e outros impressos, a escola pretende incentivar essas práticas favorecendo a formação de crianças e jovens.

A recuperação do local tornou o ambiente atrativo aos alunos da escola, incentivando o uso do espaço e promovendo a prática da leitura, tendo relevância na formação das estudantes envolvidas no processo.

CICLOS DE CONVERSÇÕES: UMA ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA

Daiani Santos da Silva
Rosangela D'Amore Silva
Escola Especial CERENEPE – Pelotas/RS

A Escola Especial CERENEPE é uma instituição filantrópica fundada na cidade de Pelotas no ano de 1965. Fundada por um grupo de pais e amigos das pessoas com deficiência mental, que objetivaram a criação de um espaço qualificado aos deficientes mentais nas áreas de saúde, educação e assistência social. A instituição vem cumprindo o seu papel no contexto da comunidade pelotense e soma-se na luta pelos direitos às diferenças com apoio federativo da APAE/RS. O presente trabalho tem por objetivo discutir a importância da formação continuada na escola, priorizando as trocas, as interações, as experiências e o compartilhamento de saberes entre todos os sujeitos que integram o quadro profissional da instituição: funcionários, professores, técnicos, direção e coordenação pedagógica.

Na expectativa de atingirmos nosso objetivo, no ano de 2016, organizamos o I Ciclo de Conversações CERENEPE com o intuito de promover o diálogo e estimular a prática pedagógica reflexiva integrando todos os profissionais da escola. O evento teve a duração de nove dias, nos quais houve rodas de conversações entre os diversos profissionais da cidade, das áreas de educação, saúde e assistência social, com o grupo da escola CERENEPE. As rodas de conversa foram organizadas para o período de duas horas de conversação, momentos nos quais foram abordados temas como: identificação do TEA, práticas pedagógicas e subsídios no desenvolvimento cognitivo de aluno com TEA, variação do desenvolvimento Down, práticas pedagógicas na Educação Física, cuidado e desenvolvimento da autonomia da pessoa com deficiência intelectual e avaliações do I Ciclo de Conversações.

A perspectiva teórica do diálogo adotada no desenvolvimento do Ciclo de Conversações pautou-se primordialmente em dois teóricos. Paulo Freire (2016) contribuiu para o entendimento do diálogo enquanto exigência existencial, não sendo apenas uma troca de ideias, mas sim um encontro solidário entre o agir e o refletir, constituindo-se em ato de criação no espaço escolar que gera melhorias e estratégias para a superação dos desafios da educação especial e inclusiva. Alarcão (2011) contribui com a proposta da educação reflexiva, que exige professores reflexivos. Pensar na educação que se produz deve ser um evento ao mesmo tempo individual e coletivo a fim de que as táticas almejadas façam parte do coletivo e não da personificação de apenas um.

Conclui-se que oportunizar momentos de trocas na escola oferece subsídios para a construção coletiva dos projetos e para a superação dos desafios. É importante oferecer espaços para o diálogo, valorizando cada sujeito que compõe o cenário educativo. O I Ciclo

de Conversações CERENEPE mostrou que esse é um movimento possível e necessário, oportunizando crescimento e formação continuada no campo da vivência escolar.

Referências

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

CINEMA E EDUCAÇÃO

Anderson Mattoso Marques

Raquel Saraiva dos Santos

E. M. E. I. Graciliano Ramos – Pelotas/RS

O trabalho *Cinema e Educação* aconteceu na E. M. E. I. Graciliano Ramos em uma turma de Maternal 2, com alunos na faixa etária de 4 anos. A turma participou da criação e produção de um trabalho audiovisual para participar do Projeto Hora do Conto existente na escola, o qual teve orientação dos professores da sala.

A escolha do tema se originou da curiosidade das crianças em relação ao nascimento e crescimento das plantinhas quando estávamos trabalhando com o tema Meio Ambiente. A proposta inicialmente consistiu na escolha da história, confecção dos figurinos, organização das cenas, filmagem e edição. Por último, foram tomados depoimentos dos alunos, professores e coordenação pedagógica da escola.

O filme, por fim, transformou-se em um pequeno documentário que veio a contribuir, de forma muito especial, na promoção do espírito de equipe, solidariedade, autoestima e interação com a comunidade escolar, tornando-se um material didático que poderá ser usado por todos da escola.

CINEMA NA ESCOLA

Aurélia Valesca Soares de Azevedo
Maranlaini Patrícia Azevedo SchemmfelInnig
Ronaldo Luís Goulart Campello
E. T. E. Professora Sylvia Mello – Pelotas/RS

Este texto tratou de expor as experiências referentes ao projeto Cinema na Escola, que versou sobre a exibição e discussão de filmes que abordam temas pertinentes aos conteúdos do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental no Currículo por Atividade – CAT, e conteúdos do Ensino Médio, priorizando enfoques com abordagens interdisciplinares, realizadas na E. T. E. Professora Sylvia Mello em parceria com a Universidade Federal de Pelotas – UFPel, a partir do Laboratório de Estudos Urbanos – LeurGeo. Participaram das atividades, com uma turma de 5º ano do ensino fundamental, cinco professores da escola, três turmas de 1º ano, uma de 2º ano do ensino médio e os docentes das disciplinas de Seminário Integrado – SI, de Ciências Humanas, de Exatas e de Biológicas.

Existe um tema central definido pelos professores na seleção dos filmes: neste caso, foi meio ambiente, porém, outros assuntos são debatidos a partir de outros aspectos, tais como: questões sociais, políticas, econômicas, territorialidade, etc. Foram dois filmes apresentados no auditório da escola, além das análises instrumentais dos mesmos, por meio de suas sinopses, trailers e de questões abordadas no cotidiano escolar, e ainda oficinas de reciclagem com alunos do curso de licenciatura e bacharelado em Geografia (integrantes do LeurGeo). Foi realizado o plantio de seis mudas de árvores frutíferas na escola, três pitangueiras e três araçazeiros adquiridos através da parceria entre a UFPel e o horto municipal de Pelotas.

O objetivo deste projeto foi provocar a curiosidade dos educandos; mostrar-lhes que os filmes, se bem explorados pelos docentes, podem render inúmeras discussões e agregar conhecimento. Desta forma, esta experiência tornou-se algo rico e manancial de prática educativa.

COMO MOTIVAR O ALUNO NA CONTINUIDADE DOS ESTUDOS

Andreia Domingues Bitencourte
Colégio Estadual Félix da Cunha - Pelotas/RS

A temática da motivação desperta meu interesse no trabalho com os jovens, e este relato é fruto do trabalho desenvolvido com os alunos de Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, na Cidade de Pelotas.

Frequentemente, no início do ano letivo, nos deparamos com muitos alunos matriculados, porém desmotivados.

É preciso que façamos um trabalho de intervenção com esses alunos, buscando resgatar o interesse e a motivação deles pelos estudos, não só para a conclusão do Ensino Médio, mas também para a continuidade dos estudos, bem como, buscando uma formação cidadã, resgatando valores e integrando-os na sociedade para que possam se posicionar com criticidade sobre os assuntos que perpassam o cotidiano deles e de todos nós.

Sendo assim, ao iniciar o ano letivo, sempre buscamos apresentar-lhes um vídeo motivacional, cada ano um vídeo diferente, mas com o objetivo de promover o pensamento, o despertar de um sonho.

Após, orientamos e mediamos uma conversa com todos os presentes (normalmente procuro trabalhar uma turma por vez), questionando-os sobre o que acharam do vídeo de uma forma geral.

Todos opinam, e é uma fala descompromissada e cheia de opiniões bem particulares, pois até esse momento eles não sabem quais serão os próximos passos.

Em um segundo encontro, pergunto-lhes se recordam o que conversamos na aula anterior, ou seja, do vídeo e dessa interação que fizemos, eles afirmam que sim. Então peço-lhes que escrevam, em uma folha para entregar, quais são as suas expectativas em relação a esse ano letivo, questiono-os porque saem de casa todas as noites para virem para a escola e peço-lhes que escrevam sobre os seus objetivos pessoais e profissionais, perpassando pelas suas bases — a família — e se esses familiares os motivam ou não e como é essa relação com os demais integrantes do meio social deles (amigos e familiares).

Por ser esse um assunto mais restrito, falar dos seus sonhos e projetos, esse é feito em folha separada, individual e é mantido sigilo sobre o que relataram (é pessoal).

Quando os questiono sobre porque saem de casa todas as noites para virem à escola, essa é uma pergunta que poderá ser aproveitada para todo o ano letivo, tanto para o aluno que tem um bom comportamento e que está em busca do sonho que citou quanto para o aluno que no meio do ano letivo começa a faltar e pensa em abandonar os estudos e a escola, para esse eu questiono como vai atingir seus objetivos e seus sonhos antes descritos se deixar-se levar pelos percalços que encontrou no caminho. Também funciona muito bem, como argumento para aquele aluno que demonstra mal comportamento

nas aulas. Com esse, também podemos argumentar: Como você conseguirá atingir seus objetivos se mantiver as mesmas atitudes, levando-o a reflexão de suas práticas.

É importante que se mantenha, durante o ano letivo, um diálogo de interação com o educando, acompanhando e motivando-o para que este se sinta o construtor da sua própria aprendizagem.

Nós, professores, por mais que tenhamos a pretensão de transmitir conhecimento, não conseguimos obter êxito se o aluno não estiver motivado e disposto a aprender.

Essa disposição para aprender também já notamos e testamos em outras situações, com palestras e eventos direcionados para os alunos.

Normalmente, o aluno fica sentado na plateia apático e concentrado no seu mundo interior e alheio ao tema, ou no celular ou conversando e não presta atenção suficiente ao palestrante ou, em outras muitas vezes, atrapalha o bom desenvolvimento do evento.

Para contornar essa situação, abranger a proposta pedagógica e ainda assim fomentar a autoestima dos alunos, pensamos que, quando o aluno constrói o conhecimento, apropria-se deste de maneira efetiva e permanente.

Baseando-nos nessa situação, propomos aos alunos que, em grupo, escolham um tema, dentro de uns 30 assuntos que normalmente sugerimos e que eles pesquisem, estudem e apresentem. Nessa interação, eles trabalham em grupo, o que é necessário para que eles aprendam, desde cedo, a trabalhar em grupo, pois no mercado de trabalho eles precisarão interagir com outras pessoas que não conhecem, ou que não tem vínculos de afetividade. Trabalha-se também a pesquisa, o estudo e a informação sobre determinado tema, fomenta a autoestima, ajuda-os a falar e apresentar em público, o que eventualmente precisarão fazer na continuidade de seus estudos (eventos, feiras e seminários) e proporciona informação.

Além disso, promove a internalização dessa informação, pois assuntos pesquisados e trabalhados com maior empenho, construindo a aprendizagem com maior propriedade e, sendo assim, aquele grupo está empenhado em apresentar, os demais estão preocupados por serem os próximos a apresentar e concentram-se todos na temática proposta.

Particularmente, também tenho sonhos, um deles compartilho com vocês que é o de realizar um evento interescolar, propondo que alunos de diversas escolas apresentem seus trabalhos aos demais e para as demais escolas.

Atualmente, esse trabalho é desenvolvido por turma, e os alunos apresentam os frutos das suas pesquisas e trabalhos aos colegas. Tem sido uma experiência bem produtiva, até porque todos os temas perpassam por uma área de conhecimento e a equipe de professores os assiste nas apresentações, não só o professor que está com a turma naquele horário, mas outros professores que estão em horário livre ou tem interesse em vir naquela data prestigiar suas apresentações fazem considerações pontuais relacionadas aos temas, questionam, sugerem e também fazem observações referentes a posturas, gírias e outros quesitos que se fazem necessários destacar.

COMO UTILIZAR PLANILHA ELETRÔNICA PARA AUTOMATIZAR O REGISTRO DO DIÁRIO DE CLASSE

Daniel Lemos Barros

E. E. E. F. Santa Isabel – Arroio Grande/RS

E. E. E. F. Atanagildo Domingues – Arroio Grande/RS

E. E. E. F. Santa Isabel – Arroio Grande/RS

E. E. E. F. 20 de Setembro – Arroio Grande/RS

E. E. E. F. Presidente João Goulart – Arroio Grande/RS

O presente trabalho descreverá uma aplicação em planilhas eletrônicas para auxiliar o professor nos processos de organização docente, tais como controle de notas e frequências, entre outras funcionalidades de interesse docente, visando a uma otimização no tempo dos profissionais da educação e a busca por uma formação continuada no uso das TICs em planilhas eletrônicas.

A automação do diário de classe como uma ferramenta de auxílio ao professor torna o acesso à informação atingível, atribuindo uma melhoria na incidência de erros e clareza, além de agilizar os processos e a disponibilização das informações aos alunos e à coordenação. O diário de classe automatizado, de forma eletrônica, possibilita funcionalidades, criação de fórmulas, estruturas de notas, cadastro de notas e cálculos das respectivas médias, controle de frequência, fomentando o estudo das planilhas eletrônicas durante o ano letivo pelo professor.

A criação de um blog foi importante para publicação dos modelos dos diários de classe, divulgando vídeo-aulas de como proceder ao preenchimento, estudando os cálculos básicos com os quais podemos realizar com a planilha eletrônica. Propor uma formação continuada no uso da planilha eletrônica para os educadores das escolas públicas do município de Arroio Grande foi outra atividade significativa. A formação continuada é realizada a cada trinta dias, pois assim os professores participam dos encontros para aplicar o preenchimento mensal do diário de classe em que são construídas as fórmulas de médias e cálculos de frequência, organizando as planilhas e estruturando para a impressão.

CONHECENDO IVAN CRUZ

Josiane Cristina Farias Dias
E. E. E. F. Rachel Mello - Pelotas/RS

O trabalho foi desenvolvido em uma turma de 3º ano na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rachel Mello. Nossa escola fica localizada na cidade de Pelotas, no bairro Sanga Funda. A proposta abrangeu o Ensino da Arte, o desenvolvimento da oralidade, da expressão corporal, da leitura e da escrita em sala de aula. Com o objetivo de efetivar o trabalho do Ensino da Arte de forma significativa, prazerosa e de fato desenvolvendo habilidades artísticas sem a reprodução de estereótipos, buscamos conhecer Ivan Cruz e suas obras. A partir de alguns de seus quadros, enfocando brincadeiras distintas na série *Brincadeiras de criança*, iniciamos nossa experiência estética.

Os alunos puderam conhecer o artista plástico assistindo a vídeos que mostram entrevistas, seu ateliê e um pouco de sua vida e obra. Posteriormente, foi possível interagir com as suas obras fazendo releituras através do desenho, da pintura em têmpera e da representação com o próprio corpo. Desencadeamos também produções textuais que tivessem como pano de fundo as brincadeiras retratadas por Ivan Cruz e garantimos manhãs divertidas com espaço para o brincar em nossa escola.

O pensamento de Ivan Cruz esteve presente na construção da nossa experiência: “A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou falta-lhe um pedaço no coração”.

Ganhamos em vida, alegria e respeito à infância. Sabemos que, muitas vezes, a escola esquece de respeitar a infância, tirando do processo de ensino e de aprendizagem a cor e o movimento. Nossa experiência andou na contramão disso.

Além da turma 31, de onde falo, outros alunos e professores se engajaram e movimentaram essa experiência. Surgiu, assim, um trabalho coletivo entre as professoras dos terceiros e segundo anos. Elo tão necessário, principalmente, por estarmos nos sistemas de ciclo de alfabetização.

Os quadros de Ivan são pintados no mesmo cenário de casas coloridas, com portas e janelas simples e telhados triangulares. Nosso cenário foi feito em papel pardo com têmpera e forte empenho e dedicação dos alunos. À frente do cenário, pudemos fotografar as cenas que foram pintadas por Ivan Cruz. Então, os grupos de alunos recebiam a cópia da obra de arte para fazerem a releitura com o corpo e materiais necessários. O registro através da câmera digital se efetivava.

Alguns brinquedos foram construídos em sala de aula, outros vieram de casa, carregados de histórias.

Conhecer Ivan Cruz foi muito significativo para os alunos. Eles se perceberam como produtores de Arte, pois além da leitura e contextualização da obra fizeram/fizemos a criação em si.

A vivência artística em nossa sala propiciou maior interação entre os alunos e a

ampliação da capacidade de criação e expressão. Ficou claro que a Arte pode ser aliada no processo de alfabetização e que precisa ter um espaço maior e mais *sério* dentro da escola.

CONSTRUÇÃO DE MAQUETE DO MERCADO PÚBLICO PELOTENSE - PROJEÇÃO DO ENTORNO PARA O ANO DE 2050

Lílian Dilli Gonçalves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense –
Campus Pelotas – Pelotas/RS

Esta experiência foi realizada com estudantes do segundo ano do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense — Campus Pelotas, do Curso Técnico em Execução, Conservação e Restauro de Edificações — forma integrada, modalidade EJA. Faz parte da grade curricular desse curso a disciplina *Projeto Integrador*, que tem como objetivo integrar componentes curriculares de diversas áreas do conhecimento tanto da formação geral como da área técnica. As disciplinas envolvidas neste projeto foram: Geografia (meio ambiente), Arte (elaboração da maquete), Relações Humanas (trabalho em equipe, liderança e motivação), Matemática (cálculos), Informática, Língua Portuguesa (redação), Design e Edificações. Os estudantes foram desafiados a desenvolver uma pesquisa sobre algum prédio histórico da cidade de Pelotas. Inicialmente apresentaram muita dificuldade com a utilização do computador, mas conseguiram superar e fizeram pesquisas na internet, colocando em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas de informática, redigiram documentos, digitaram, salvaram, enviaram por e-mail e, posteriormente, elaboraram uma apresentação no PowerPoint. Ficou acordado pesquisar a história da construção do Mercado Público Pelotense, os incidentes que acometeram o prédio, bem como os restauros realizados desde a sua inauguração. Os estudantes se dividiram em grupos e pesquisaram diferentes aspectos que envolvem o Mercado Público Pelotense desde a construção. Após a análise dos dados, apresentações e reflexões dos estudantes juntamente aos professores, foi construída a Maquete do Mercado Público Pelotense (com materiais reciclados) e do seu entorno em uma projeção para o ano de 2050. Foram consideradas no projeto, além das técnicas de restauro, questões ambientais e estéticas. Na visão futurista elaborada pelos alunos, o Mercado Público foi pensado com lixeiras subterrâneas com separação dos resíduos orgânicos e dos inorgânicos, luminárias com fiação subterrânea e lâmpadas de Led (econômicas) e, bicicletário subterrâneo. O encerramento do projeto foi com a apresentação dos grupos (técnicas da boa comunicação) e com a utilização de projetor multimídia. Os estudantes participaram de todas as etapas do projeto e decidiram juntos os rumos da pesquisa, superaram dificuldades com as ferramentas da informática, com o trabalho colaborativo e em equipe, com a execução da maquete e ainda com a apresentação no auditório para todos os professores do curso. A partir deste trabalho, ficou evidente o sentimento de união da turma, a qual não apresentou mais nenhuma desistência e está com a formatura marcada para o mês de agosto de 2017.

CULTIVANDO O DESEJO E APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS

Josiane Cristina Farias Dias
E. E. E. F. Rachel Mello - Pelotas/RS

Em uma turma de terceiro ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Rachel Mello, pude construir e realizar alguns sonhos com meus alunos, bem como incentivar práticas de leitura e escrita visando à formação de alunos leitores e escritores. Penso que a escola deve se encarregar de garantir aprendizado permeado de alegria, beleza, partilha e significado. Nenhum desses itens ficaram ausentes na trajetória da turma 31. Apresento aqui o relato de uma prática que trouxe para uns a materialização de um sonho, para outros a apreciação e para todos o aprendizado e respeito pelos caminhos que se fazem nas diferenças de saberes e na construção do conhecimento.

Pensando em formar alunos leitores e escritores, algumas práticas foram sendo incorporadas ao longo do ano letivo, tais como: leitura em família, leitura deleite, produções textuais, recontos, reescritas, entrevistas.

Ressignificar os questionamentos tão frequentes em minha infância e adolescência incorporando, como proposta pedagógica, em que os alunos e as famílias se apresentam enquanto se apropriam da língua escrita foi apenas um dos modos de escrever que garantiram envolvimento. Produzimos também histórias em quadrinhos, poesias, cartazes de luta e protesto.

Em um dado momento, percebemos que escrever virou coisa séria. Uma aluna relatou que carregava o sonho de se tornar escritora, tendo como ilustradora de suas produções a outra colega de sala de aula. Por que não começamos a concretizar esse sonho?

A turma, que obviamente produzia textos de diversos gêneros, com variadas motivações, nesse momento foi também apreciadora da competência de escrita e da expressão artística das colegas. Ao mesmo tempo em que apreciávamos e criávamos inspirados na obra Obax de André Neves, nos encantávamos com os escritores/ilustradores que nasciam na turma. Dessa forma, o processo de alfabetização e letramento se efetivava. O gosto pela leitura crescia ultrapassando as paredes da sala de aula e os muros da escola. Ler e escrever não era obrigatoriedade escolar, era desejo.

Conforme Marlene Carvalho (2005, p. 67):

Não se ensina a gostar de ler por decreto, ou por imposição, nem se forma letrados por meio de exercícios de leitura e gramática rigidamente controlados. Para formar indivíduos letrados, a escola tem que desenvolver um trabalho gradual e contínuo.

Em um ambiente alfabetizador, a turma crescia na aprendizagem da escrita e enraizava o hábito da leitura. Nasciam leitores. Ler para outras turmas, para família, para aprender sobre algo, para conhecer determinado autor.

Escrever para passar uma mensagem, para registrar um acontecimento, para convidar alguém para partilhar conosco uma leitura ou um lanche em nosso piquenique, para agradecer por estarmos juntos no ano que passou.

O projeto culminou com a manhã de autógrafos em que diversas produções, de todos os alunos, foram expostas e as meninas que sonham com a profissão de escritora e ilustradora puderam concretizar seus desejos partilhando a história da Princesa Lilia, que era mais do que uma doce menina, era uma princesa aventureira.

Em meio à música, ao riso e muito orgulho, nossa sala recebeu os professores, os funcionários, as famílias e os alunos de outras turmas que saíram maravilhados. A felicidade de cada aluno ficou estampada em seus rostos. Os autógrafos expressavam orgulho e gratidão. Mal sabiam que grata era eu por ter vivido aqueles momentos e aprendido como rotinas simples trazem significado e afeto na relação professor-aluno.

Convidamos a todos para conhecerem nossas histórias e partilharmos práticas que desenvolvam o hábito da leitura e da escrita. A turma ganhou em respeito e aprendizado. As famílias se fizeram presentes, participando do processo. A manhã de autógrafos foi gratificante. Nossos alunos sabem que são capazes de expressar suas ideias e sentimentos através da escrita, as famílias acreditam na proposta pedagógica que foi desenvolvida e minha autoimagem é de uma professora que acredita que tem um poder gigantesco e transformador em mãos.

Referência

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar - um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CURTA-METRAGENS TRANSFORMANDO RELAÇÕES NA ESCOLA RURAL

Josiane de Moraes Brignol

Josias Pereira

E. M. E. F. Professora Delfina Bordalo de Pinho - Capão do Leão/RS

A experiência teve início através da proposta da Secretaria de Educação do Capão do Leão em parceria com o curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas. O resultado foi o desenvolvimento do I Festival de Vídeo Estudantil no município, em 2016. O festival foi divulgado nas escolas da rede, da qual faz parte a E. M. E. F. Prof^a. Delfina Bordalo de Pinho, escola rural onde atuo como docente da disciplina de matemática. Foram convidadas as quatro turmas dos anos finais do ensino fundamental para a produção audiovisual que se desenvolveu uma vez por semana, nas segundas-feiras à tarde e em turno inverso ao das aulas, por um período aproximado de seis meses. O convite foi feito de forma aberta e, a partir de então, formou-se um grupo de quinze alunos constituídos pelas referidas turmas.

Como professora, sempre percebi nos corredores e na sala de aula, o interesse dos alunos em gravar vídeos, bem como em acompanhar *Youtubers* famosos. Observava também o manuseio do celular, a constante presença do vídeo na vida dos estudantes, despertando grande paixão e admiração. Desse modo, acreditei que produzir curta-metragens seria a oportunidade de aliar o vídeo ao ensino escolar, despertando a vontade de aprender e integrar a escola. Inicialmente, os alunos tiveram uma formação básica de como produzir vídeos, logo em seguida, construíram seus textos e, por fim, realizaram as gravações audiovisuais que deram origem a três curtas de ficção: Sentimentos de Menina, O Fantasma Mal Encarado e Em Busca de Uma Amizade.

A empolgação esteve presente do início ao fim do projeto. Mas o mais importante foi a união do grupo, os laços de amizade que se reforçaram, o estreitamento da relação professor/aluno. O desenvolvimento da autoestima, a oportunidade do aluno de ser ativo, mostrando o que sabe, e a participação da família na construção das cenas e o acompanhamento do processo até a votação dos melhores vídeos no festival. Os três vídeos fizeram grande sucesso entre a comunidade escolar e se destacaram com a conquista de várias premiações como melhor atriz coadjuvante, melhor ator, melhor direção, melhor roteiro e ainda auferiram uma viagem para Gramado. Além disso, a experiência me instigou a buscar aperfeiçoamento como docente, e hoje sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da Universidade Federal de Pelotas, no qual investigo as temáticas *tecnologias* e *educação matemática*, com o propósito de desenvolver vídeos de matemática.

DA RECICLAGEM PARA O APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marina de Faria da Motta

Karin Zambrano Mahfus

Darcy Sérgio Machado Ferreira

Gabriel Pereira

Polo de Educação Infantil Kevin Vieira Sakai - Herval/RS

A proposta visou ensinar como devemos nos preocupar com as causas ambientais desde criança, recolhendo materiais que podem ser reaproveitados no processo educativo e mantendo o meio em que vivemos menos poluído. Dentro das ações do projeto estava incluída a campanha de arrecadação de tampinhas para doação a uma instituição que abriga crianças com câncer, incentivando, desse modo, a solidariedade e o envolvimento da comunidade escolar. O projeto foi desenvolvido com uma turma de 16 alunos do Pré-escolar, durante os meses de maio, junho e julho de 2016. O objetivo geral foi promover o aprendizado através do lúdico, estabelecendo relações sobre os cuidados com o meio ambiente e os ensinamentos sobre pequenas ações de solidariedade com o próximo. As atividades propostas enfatizaram a contação de histórias relacionadas ao tema do projeto e a realização de passeios orientados. As demais ações foram: produção de material pedagógico com materiais reaproveitados, filmes educativos sobre meio ambiente, jogos matemáticos (árvore da adição), confecção de cartazes, roda de conversa sobre as observações feitas pelos alunos durante os passeios, produções artísticas envolvendo desenhos, pinturas e recortes, expressão corporal através da música, confecção de brinquedos com materiais recicláveis, e atividades culinárias com produtos naturais. Ao término do projeto, pode-se concluir que os alunos aprenderam que é possível utilizar materiais recicláveis para aprender, brincar, ser solidário e, principalmente, auxiliar na preservação do ambiente em que vivem.

DIGA NÃO À VIOLÊNCIA SEXUAL – REFLEXÃO A PARTIR DE GÊNEROS TEXTUAIS

Marlozi Rosa Bubolz

E. M. E. F. Martinho Lutero – São Lourenço do Sul/RS

O presente trabalho foi desenvolvido com o nono ano da E. M. E. F. Martinho Lutero, localizada na zona rural de São Lourenço do Sul, onde os alunos leram, pesquisaram, debateram e criaram folders alertando sobre o absurdo que é a violência contra a mulher, crianças e homossexuais, tendo como foco o estupro.

Para desenvolver este trabalho, foi proposto que os alunos lessem um artigo de opinião com o título: *Também, olha a roupa dela*, da aluna Ana Karolina Alves Amorim, uma das vencedoras das Olimpíadas da Língua Portuguesa, em 2016. O texto fala sobre a cultura do estupro. Após a leitura do escrito, os alunos pesquisaram, no laboratório da escola, dados, leis, formas de evitar, causas e imagens referentes à temática trabalhada. De volta à sala de aula, a proposta foi de, em grupos, criarem folders informativos através de recortes, desenhos e frases com os dados pesquisados. O resultado foi um trabalho rico e proveitoso.

Foram acessados, no transcorrer da ação, os gêneros textuais artigo de opinião, notícias, gráficos, reportagens e folders. Além de desenvolver nos alunos o reconhecimento desses gêneros, foi potencializada a capacidade de argumentar, debater, defendendo seu ponto de vista. Eles produziram materiais para alertar e informar, auxiliando, assim, a população local.

DISCUSSÕES E REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NA ESCOLA: PRIMEIROS PASSOS...UMA LONGA CAMINHADA

Carla Sorondo Medeiros
Lourdes Helena Rodrigues dos Santos
Maria Gisane Freitas de Campos
Colégio Municipal Pelotense - Pelotas/RS

A iniciativa da criação de um Grupo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade surgiu, em 2016, no Curso Normal em Nível Médio/Habilitação Anos Iniciais, do Colégio Municipal Pelotense, através de uma proposta pedagógica multidisciplinar, com o intuito de criar encontros entre professoras(es), estudantes e pesquisadoras(es) promovendo uma rede de estudos e ações sobre a temática Gênero e Sexualidade. O reconhecimento da necessidade de ampliar e aprofundar as discussões no espaço escolar de temas de emergência social e o entendimento da escola como um espaço fundamental na constituição de uma cultura de reconhecimento dos direitos humanos e enfrentamento às discriminações e violências fez com que um grupo de professoras, atuantes no curso de formação de professores, promovesse encontros com participações, discussões e reflexões em atividades que abordassem temáticas sobre Gênero e Diversidade Sexual, de forma a contribuir na formação de seus(suas) alunos(as) futuros(as) professores(as), enfatizando a valorização de expressões da diversidade no cenário escolar, bem como a produção e circulação de conteúdos não discriminatórios e não estereotipados. O Grupo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade está composto por três professoras dos seguintes componentes curriculares: Sociologia da Educação, Educação Física e Psicologia da Educação que, em horários alternativos aos das aulas de seus respectivos componentes curriculares, reúnem-se presencial ou virtualmente para o planejamento, organização e execução de ações a serem desenvolvidas nos encontros com professoras(es) e educandos(as) no que se refere a ações de esclarecimento, formação, capacitação e divulgação a respeito de questões de gênero e diversidade sexual. Os primeiros encontros aconteceram através de ações realizadas durante o ano letivo de 2016 e envolveram atividades como palestras, rodas de conversa, cine debate, leituras de artigos, participação de estudantes e professoras(es) em Seminários promovidos por instituições de fora do nosso espaço escolar, discussões e produções de material pedagógico sobre a temática em estudo. Com base em todas as experiências realizadas fortalecemos em nós e consolidamos no nosso grupo de estudos a necessidade de darmos continuidade e avançarmos nas proposições pedagógicas para exploração das temáticas, tendo em vista que constatamos a dificuldade de professoras(es) e estudantes de se manifestarem abertas e confortavelmente nas discussões estabelecidas nos encontros, uma vez que demonstraram falta de conhecimento, desconforto e ainda preconceito arraigados a

concepções de gênero e sexualidade. De outra forma, observamos que as ações realizadas despertaram a sensibilização e o interesse para uma reflexão teórica esclarecedora com questões que problematizassem o tema gênero e sexualidade no cotidiano escolar de um curso de formação de professores(as). Até o momento, as nossas impressões sobre o trabalho realizado nos apontam uma longa caminhada a ser percorrida na busca da construção e do fortalecimento de conhecimentos e experiências que possibilitem a formação de seres humanos conscientes e práticas que amenizem as desigualdades, valorizem a diversidade humana e promovam a inclusão.

EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: UM NOVO OLHAR PARA AS DIFERENTES MANEIRAS DE TRABALHAR COM EDUCANDOS DA EJA A PARTIR DE TEMAS GERADORES, APRENDENDO E COMPARTILHANDO A PRÓPRIA HISTÓRIA

Isabel Cristina Alves de Oliveira
E. M. E. F. Francisco Meireles - Canguçu/RS

Este trabalho é resultado de atividades realizadas numa escola localizada na zona rural do município de Canguçu-RS, com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para conhecer, discutir e explicar como podemos melhorar o trabalho pedagógico na escola do campo, atualmente tão desprovido de recursos, e de como o professor contribui para contagiar os alunos, valorizando a cultura local e incentivando a permanência no campo. A realização deste trabalho surgiu da necessidade de recuperar o tempo perdido de alguns alunos que, devido à repetência, estavam fora da faixa etária das turmas da manhã e de pessoas que tinham parado de estudar, bem como a preocupação com o êxodo rural que ocorre na localidade. Cabe destacar que houve o respeito às particularidades e às características do lugar em que estão inseridos, observando a inserção dos conteúdos voltados às realidades dos alunos rurais. Os projetos desenvolvidos tiveram a duração de um semestre e foram avaliados constantemente a cada segmento do mesmo: pesquisa, discussão, planejamento, organização e conclusão, sendo que este último acontecia ao final do projeto, quando aproveitamos a culminância para a socialização. Após a escolha do tema (geralmente voltado à realidade do campo), ocorria a divisão de tarefas, tendo o cuidado para que cada aluno recebesse uma atividade que seria capaz de cumprir. Sob orientação das professoras, as tarefas eram conferidas e analisadas, verificando se os alunos estavam compreendendo o objetivo do projeto e das possibilidades de explorar mais o tema gerador; nem sempre o assunto restringia-se apenas ao campo, pois era imprescindível conhecer o mundo como um todo. O trabalho foi realizado de forma interdisciplinar e com atividades diversificadas, como tabelas, pesquisas, produção textual, painéis, teatro, paródias, vídeos, gincanas, jogos, filmes, palestras, visitas, mapas, contextualizações históricas, passeios e caminhadas. Desta maneira, o aprendizado não ficou *preso* apenas à sala de aula. A valorização dos conhecimentos locais foi uma grande aliada, tornando-se um canal entre as professoras e os alunos, numa verdadeira troca de ensinamentos. Com isso, a autoestima elevou-se, e constatou-se o êxito do projeto, pois nesse momento os familiares dos alunos também compareceram para prestigiá-los.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA

Ester Vellar Krause

E. T. E. Professora Sylvia Mello - Pelotas/RS

Este relato de experiência apresenta um projeto desenvolvido na Escola Técnica Estadual Prof^a. Sylvia Mello. Aconteceu ao longo do primeiro trimestre letivo de 2016, com alunos do segundo ano do Ensino Médio. Tem princípio de um Estudo de Caso, segundo Ludke e Menga (1986), usando a metodologia de projetos para desenvolver a temática da Matemática Financeira.

O desenvolvimento se deu diante da conversa com os alunos sobre como eles gastam as mesadas ou o dinheiro que ganham. Que objetos eles compram? Como o dinheiro é empregado? Eles conseguem poupar alguma quantia? Com base nas respostas, tomamos como ponto de partida para os estudos *a importância do planejamento financeiro*.

Esta temática tem se mostrado em vários espaços com a perspectiva de desenvolver um conhecimento crítico do mundo financeiro, a partir do conhecimento matemático apresentado no ensino médio. Os alunos desenvolveram pesquisas, se apoiaram em conhecimentos técnicos de informática, como Microsoft Excel, para elaboração das planilhas, e da metodologia usada para resolver situações-problemas propostas. Criaram planilhas de gastos pessoais e de gastos de suas famílias, construíram gráficos de consumo, analisaram produtos financeiros oferecidos por estabelecimentos bancários.

O objetivo deste projeto foi elaborar situações com base nos gastos cotidianos dos alunos e em investimentos que eles desejam fazer. Se as famílias dos alunos não tiverem esse hábito, estimular para que os estudantes ensinem aos pais como fazer. É importante que, ao final da atividade, eles compreendam que fazer o planejamento mensal deve ser um hábito para que consigam poupar e controlar as finanças sempre.

O projeto culminou com uma apresentação dos trabalhos para toda comunidade escolar, no auditório da Escola.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: UMA NOVA PERSPECTIVA

Stael Harnich Palivorda

E. E. E. M. João de Deus Nunes - Canguçu/RS

A Educação Física escolar há muito deixou de ser somente atividade prática de ordem recreativa e desportiva, passando assumir, ao longo dos anos, um caráter de socialização, formação e integração, transferindo deste modo para a disciplina a responsabilidade de proporcionar o crescimento do educando em diferentes esferas, física, cognitiva, afetiva e social. Entretanto, tem-se observado uma crescente evasão, solicitações de dispensa e atestados médicos nas aulas de educação física no ensino médio das escolas públicas; na mesma proporção, o número de adolescentes e jovens desenvolvendo problemas de saúde atribuídos ao sedentarismo alastra-se. Para que esta realidade, de inúmeras escolas, não atinja o processo de ensino e aprendizagem da E. E. E. M. João de Deus Nunes, em Canguçu/RS, foi desenvolvido, por parte de uma das educadoras físicas, uma nova metodologia de trabalho, a qual objetiva a formação integral dos discentes por meio da participação efetiva nas aulas práticas, através do movimento corporal por intermédio de diferentes gestos motores, integrando colegas e professor. Assim, para consolidar os objetivos referidos, foram adotados os seguintes procedimentos: formação de equipes de monitores, nas quais os alunos assumem a tarefa de auxiliar e coordenar as atividades; resgate das equipes esportivas e participação em eventos/competições; aulas com conteúdos de ginástica localizada, treinamento funcional e pilates.

Ao assumir esta responsabilidade, as aulas de educação física promovem, em suas atividades, a construção da cultura corporal, oportunizando novas vivências, levando à conquista da autonomia em suas ações na sociedade.

O referido trabalho ocorreu no decorrer do ano letivo de 2016, com os alunos de seis turmas de primeiros anos e uma de segundo ano do ensino médio da E. E. E. M. João de Deus Nunes, em Canguçu/RS, de forma que as aulas práticas atingissem todos educandos e suas necessidades, respeitando suas limitações e seus conhecimentos, despertando novos hábitos.

Logo após as primeiras aulas, observou-se a necessidade de um planejamento específico para as diferentes realidades encontradas em uma só turma, ou seja, houve a necessidade de propor atividades específicas para aqueles alunos que participam e praticam as modalidades desportivas do currículo e outras atividades para os que não mais sentem-se motivados a reproduzir sempre os mesmos gestos motores dos jogos.

Betti (1992, p. 286), no que tange essa discussão, também afirma que:

É preciso enfim levar o aluno a descobrir os motivos para praticar uma atividade física, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para a atividade física, levar à aprendizagem de comportamentos adequados na prática de uma

atividade física, levar ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto todas as informações relacionadas às conquistas materiais e espirituais da cultura física, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento.

De acordo com os objetivos traçados, as atividades foram desenvolvidas do seguinte modo: as equipes de voleibol, handebol e futsal juvenis, nos naipes masculino e feminino, foram montadas através de seleção aberta a todos alunos do educandário; posterior à seleção, os treinos das mesmas eram realizados em turno inverso ao do horário regular e em alguns momentos paralelos às aulas, contando com o trabalho da equipe de monitores, os quais também foram selecionados por intermédio de inscrição e de interesse. As tarefas que a monitoria exercia eram de elaborar, em conjunto com a professora, sendo coordenada pelos discentes, tarefas como organização do material, gerência de exercícios, jogos e relatórios. As aulas com os conteúdos de ginástica laboral, treinamento funcional e pilates eram ministradas paralelamente às atividades de ordem esportiva, em espaço adaptado. Os grupos, em sua maioria, eram compostos por alunas. Eles nomearam “aula *fitness*” a prática de tais exercícios.

Nesta perspectiva, foi possível, ao longo do ano, realizar um trabalho diferenciado nas aulas da disciplina, obtendo resultados de suma grandeza. Além das conquistas das equipes esportivas, tanto dentro como fora das quadras. As “aulas *fitness*”, como eram chamadas pelos praticantes, além de propiciarem uma nova vivência prática e motora, influenciaram a aquisição de novos hábitos saudáveis na vida dos jovens envolvidos.

Assim, foi possível concluir que, em uma aula de educação física planejada nesta nova perspectiva, na qual três diferentes atividades acontecem de maneira paralela, há o desenvolvimento integral dos estudantes, respeitando suas diferenças e tornando o momento prazeroso. Com efeito, é possível valorizar o papel da disciplina no atual cenário educacional, no qual diariamente os alunos encontram motivos, dos mais diversos e incoerentes, para não aderirem às dinâmicas práticas. Ainda verifica-se que o planejamento e a motivação do educador se tornam ferramentas indispensáveis para o bom desenvolvimento desta proposta de ensino e aprendizagem.

Referência

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1992.

EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS: A IMPORTÂNCIA DA SUA APLICAÇÃO NO PROCESSO DA PSICOMOTRICIDADE

Alessandra Moura de Oliveira e Silva
E. M. E. F. Dr. João Thiago do Patrocínio – Bagé/RS

Este resumo refere-se a um encontro, no ano de 2016, focado na importância da relação entre psicomotricidade e aulas de educação física, cujo público alvo foi a equipe diretiva e os professores regentes dos anos iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio, no município de Bagé, Rio Grande do Sul.

No Município de Bagé, os alunos têm o direito às aulas de Educação Física a partir dos anos iniciais, intitulada de *aula especializada*, ministrada por profissionais formados na área, além das atividades voltadas para a educação física que os professores regentes precisam colocar no planejamento e executá-las. No entanto, o que se pode perceber é o direcionamento das aulas não para este fim. Diante dessa realidade, notou-se a necessidade de um debate sobre o assunto, sendo que no primeiro momento do encontro houve uma breve explanação do conceito de psicomotricidade, trazendo autores de referência para o assunto; logo em seguida, ocorreu a abertura de espaço para algumas considerações. Como atividade prática, foram-lhes oferecidas, aos sujeitos participantes, imagens impressas de brincadeiras, jogos e brinquedos antigos e atuais para que eles escolhessem as que os remetessem à infância e que falassem a respeito das suas experiências enquanto crianças. Após momentos de nostalgia, os relatos foram sendo direcionados para a importância do brincar, do jogar e que, conseqüentemente, tudo estaria ligado ao desenvolvimento da psicomotricidade na criança, que poderia ser proporcionado nas aulas de educação física.

Através dos relatos dos participantes, foi possível concluir que, até aquele momento, existia uma aversão, até generalizada por parte dos professores, no querer ministrar aulas de educação física para seus alunos, por acharem irrelevantes, ou mesmo, por se acharem sem habilidades físicas para demonstrarem as atividades. Entretanto, com o assunto posto em discussão no encontro, os professores pareceram entender a importância da educação física para seus alunos e se comprometeram a incluí-la nos seus planejamentos de aula.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E HQ: UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO NO ENSINO MÉDIO

Rogério Victor Maas Brasil
Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Pelotas/RS

O foco da atividade intitulada *Educação Histórica e HQ: Uma Experiência de Sucesso no Ensino Médio* foi a utilização de histórias em quadrinhos nas aulas da disciplina de História com os jovens alunos dos três anos do Ensino Médio do Colégio Tiradentes.

A atividade (aula-oficina) é bem simples, mas apresentou excelentes resultados. Fundamentada na Educação Histórica, campo de investigação que se preocupa com o desenvolvimento histórico e a formação da consciência histórica de crianças e jovens, essa atividade de caráter lúdico permitiu aos jovens alunos do ensino médio do Colégio Tiradentes confeccionar as suas próprias histórias em quadrinhos (HQs, charges e tirinhas) com tema histórico.

Os resultados dessa atividade (aula-oficina) foram satisfatórios, pois permitiram aos jovens alunos desenvolver, através da narrativa gráfica (histórias em quadrinhos), o seu conhecimento a respeito do passado e de seu emprego no presente, ou seja, na sua orientação temporal e no pensar historicamente.

“EDUCAÇÃO VERDE: CAMINHOS VIÁVEIS PARA UMA QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE NUTRICIONAL: APRENDIZAGENS COLABORATIVAS A FAVOR DE NOVOS ESTILOS DE VIDA CONTEMPORÂNEOS SOB A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL”

Lauren Carla Escotto Moreira
Lenon Morales Abeijon
Daniel Vianna Pereira
I. E. E. Assis Brasil – Pelotas/RS

Esta experiência se propôs, dentro do espaço escolar, a desenvolver ações referentes à promoção da saúde e à busca de qualidade melhor de vida em formato atraente e educativo. Em segundo lugar, oportunizou uma integração maior entre os alunos de Ensino Médio Politécnico, do turno da manhã, no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, bem como a interação noutros locais — reconhecer os espaços agroecológicos das regiões do entorno da cidade de Pelotas/RS que se baseiam especificamente na produção e no consumo de alimentos orgânicos. Houve inúmeras informações relevantes na construção do conhecimento, experiências vivenciadas para conscientização e um estímulo à adoção de práticas alimentares e estilos de vida mais saudáveis dos visitantes nas regiões (no caso, os alunos). Os profissionais da educação de Ensino Médio Politécnico, do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, puderam atuar como colaboradores do projeto implementado na Escola, cada um deles constituído em seus componentes curriculares e seus respectivos conteúdos programáticos, porém, implicados quanto ao conhecimento em hábitos, valores e formação frente a uma qualidade de vida e saúde nutricional mais satisfatória. Essa ação necessitou de uma metodologia coletiva, a qual favoreceu discussões e a produção cooperativa de conhecimentos específicos por todos os participantes. Outros aspectos também foram elencados como tópicos importantes a serem debatidos em sala de aula, como a diversidade dos modos de viver e que se constitui como uma prática desnaturalizadora, a qual, muitas vezes, esmorece e fragmenta, frente ao que já se está incutido na sociedade contemporânea e em relação aos hábitos alimentares processados e industrializados, que são de fácil acesso para compra e consumo. O foco esteve em desarticular os discursos apreendidos e hierarquizados na vida social moderna em contraposição às práticas alternativas articuladas a linguagens novas e às possibilidades de aprendizagens colaborativas imbuídas no âmbito da escola.

ESCOLA E UNIVERSIDADE: FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA VIVIDAS NO PIBID

Cátia Simone Ribeiro Barcellos
Lourdes Maria Bragagnolo Frison
Vanessa Caldeira Leite
E. M. E. F. Ferreira Vianna - Pelotas-RS

O presente estudo trata da experiência vivida, nos anos de 2015 e 2016, em seis escolas da rede pública municipal de ensino da cidade de Pelotas: E. M. E. F. Núcleo Habitacional Dunas, E. M. E. F. Núcleo Habitacional Getúlio Vargas, E. M. E. F. Ferreira Vianna, E. M. E. F. Ministro Fernando Osório, E. M. E. F. Dr. Alcides de Mendonça Lima e E. M. E. F. Dom Francisco de Campos Barreto, desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), por meio de projetos interdisciplinares. Esses projetos envolveram aproximadamente 1080 crianças, contemplaram 54 turmas desde a Educação Infantil até o 5º ano, tendo o cuidado de priorizar as turmas e as/os alunas/os dos 1º, 2º e 3º anos, contando com o apoio de sete coordenadores/as de área (professores/as da Universidade), 18 supervisoras das escolas envolvidas, uma supervisora de referência e 120 alunas/os de iniciação à docência dos cursos de licenciatura em Pedagogia, Música, Dança, Educação Física e Matemática. Semanalmente, foram realizadas reuniões na universidade para planejamento, organização e execução das atividades em todas as escolas, bem como reuniões semanais em todas as áreas. Os projetos foram criados a partir da realização de diagnósticos elaborados por bolsistas a partir de observações no recreio, refeitório, entrada e saída dos/as alunos/as da escola, das salas de aula, além de entrevistas com a direção, a coordenação pedagógica, os/as professores/as, funcionários/as e alunos/as. É preciso destacar que também foram analisados documentos como o Projeto Político-Pedagógico, o Regimento Escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº 9394/96. Os projetos interdisciplinares tiveram ênfase nas temáticas: infância, alfabetização, letramento, ludicidade, brincadeiras e jogos. Os eixos trabalhados nos projetos foram: diversidade, diferenças, identidades, gênero, etnias, espaços e saberes, assuntos estes que estão presentes no currículo escolar, que de forma direta ou indireta fazem parte da pauta de discussões das escolas e que, não por acaso, aparecem como temas centrais. A aproximação entre escola e universidade fez com que a formação inicial e a continuada contribuíssem para o avanço das propostas de ensino, estimulando as aprendizagens dos/as alunos/as e dos professores/as os/as quais revisitaram teorias e saberes didáticos. Compreendemos que os objetivos foram atingidos na medida em que houve envolvimento e protagonismo dos/as participantes nas atividades propostas com o intuito de aprender a planejar, executar, refletir e colaborar com o propósito de investirmos em prol de uma educação básica de qualidade.

ESCRITORES DE ALÉM-MAR: UM EXPERIMENTO NA ESCOLA EM FÉRIAS

Roberta Bons Tavares
Cinara Tonello Postringer
E. E. E. F. Fernando Treptow – Pelotas/RS
UFPeI

A experiência *Escritores de Além-mar: um experimento na escola em férias* ocorreu na E.E.E.F. Fernando Treptow nos dias 30 e 31 de janeiro e 01, 07 e 16 de fevereiro de 2016. Organizada como um curso de formação para mediadores em leitura literária, a questão inicial *Por que Literatura além-mar? A tradição de lermos e ouvirmos os outros* foi respondida com a leitura de *O Lagarto*, de José Saramago, acompanhada de considerações acerca da mediação literária (escutar, apreciar, deleitar-se com o texto). Nesse mesmo dia, houve a leitura de *O conto da ilha desconhecida*, um clássico de Saramago, premiado e reconhecido em todo o mundo. No dia 31/01, a mediadora foi Beatriz Helena da Rosa Pereira quem leu parte de *As pequenas Memórias*. Nesses textos escolhidos, Saramago revela peculiaridades de sua infância que emocionaram os presentes. Em 1º de fevereiro, o mediador Guillermo Gómez leu fragmentos da obra de Varlam Chalámov (1907-1982), Nikolai Gogol (1809-1852), Nâzým Hikmet (1902-1963). A manhã foi finalizada pelas poesias de Wislawa Chemborska (1923-2012), autora escolhida por Beatriz Pereira para finalizar o módulo de formação. Integrando uma das Micropolíticas da Sala de Leitura Erico Verissimo (GELL/FaE/UFPeI), o curso foi realizado na Biblioteca da escola. É ofertado anualmente nas férias de verão e tem como objetivo a capacitação literária de adultos. A parceria Universidade-Escola tornou-se evidente em um dos produtos do Curso: o *Dia de Ler*, que ocorreu no dia 07 de fevereiro. Neste, estudantes da Universidade se caracterizaram como personagens dos contos de fadas e leram, na escola, livros de literatura para as crianças do bairro, convidadas pela direção da Fernando Treptow. O *Dia de Ler* ocasionou uma participação no Jornal do Almoço da RBSTV (matéria veiculada em 11/02/2017¹). Entre os resultados, estão a presença de quarenta frequentadores das mais variadas áreas de conhecimento, uma tarde de leitura literária para crianças e um Sarau de Contos, ocorrido no dia 16/02 na Vanguarda Livraria com a presença de estudantes da Disciplina TPP I da Licenciatura em Pedagogia da FaE/UFPeI. O experimento foi uma bem sucedida parceria entre a escola pública, seus dirigentes, docentes e estudantes e a Universidade, especialmente a licenciatura em Pedagogia, e pretende se firmar como experiência nos próximos anos.

¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/curso-em-pelotas-ensina-adultos-a-ler-para-criancas/5645304/>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

EU SOU + 1 PARA UM TRÂNSITO + SEGURO

Andreia Domingues Bitencourte
Colégio Estadual Félix da Cunha – Pelotas/RS

O presente relato aborda um tema de grande importância, que é a Educação para o Trânsito. Ele foi desenvolvido nas dependências do Colégio Estadual Félix da Cunha, em outubro de 2016, e contou com a participação de uma aluna do 2º Ano do Ensino Médio que desempenhou muito bem o papel de entrevistadora; contou também com a participação dos demais alunos de todos os turnos da nossa Escola (manhã, tarde e noite) que participaram como os entrevistados, e ainda houve a presença de alguns Policiais Militares e do Comandante da Brigada Militar (na época), de um Agente de Trânsito do Município de Pelotas e de Socorristas do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência).

A proposta foi parcialmente apresentada no curso de aperfeiçoamento para professores multiplicadores de educação para o trânsito, em alusão à Semana do Trânsito. O projeto tinha como objetivo principal conscientizar os alunos sobre o uso dos espaços públicos comuns, promovendo uma maior consciência sobre a segurança no trânsito, independente do meio de transporte que utilizam, bem como propor uma reflexão sobre o que os alunos entendem por trânsito, refletindo sobre os índices de acidentes de trânsito. Almejava, ainda, compreender o que os demais alunos pensavam sobre segurança no trânsito, se conheciam pessoas próximas que sofreram acidentes de trânsito e qual o meio de transporte que utilizavam no ocorrido e, a partir daí, contrapor essas informações com os dados estatísticos oficiais através de uma roda de conversa com agentes de trânsito, policiais e socorristas.

Após a apresentação da coleta de dados feita na nossa escola, o Comandante da Brigada militar, os Policiais, os Agentes de Trânsito e os Socorristas do Samu conversaram, debateram, exemplificaram, explanaram e mostraram os dados estatísticos oficiais que, na abrangência de toda a cidade, são bem maiores do que a amostra coletada entre os alunos da nossa escola.

Por fim, o projeto buscou identificar uma alternativa harmoniosa de utilização dos espaços comuns (Pedestres/Veículos), fazendo com que a Segurança no trânsito seja responsabilidade de todos, não somente na Semana Nacional do Trânsito de 18 a 25/09, mas o ano todo!

FAGUNDES VARELA EM FOCO: UMA MANEIRA DIVERTIDA DE EXPLORAR O TURISMO

Eliane Pelegrini Zandoná

Géssica Dondi

E. M. E. F. Caminhos do Aprender - Fagundes Varela/RS

Deu-se início aos trabalhos do ano letivo do ano de 2017 tendo em vista o Projeto Usina de Sonhos. As turmas de quinto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Caminhos do Aprender se aprofundaram na temática que envolve o turismo sustentável. Tendo esse tema como norte para o trabalho, foi agrupado o conteúdo programático para que os alunos pudessem construir seus saberes de uma forma mais divertida.

Assim, surgiu a ideia de confeccionar o jogo do Banco Imobiliário², em tamanho gigante, com os pontos turísticos, estabelecimentos comerciais e ruas de Fagundes Varela a fim de valorizar suas belezas naturais, bem como as culturais.

Este trabalho ganhou *vida* de modo a integrar o tema do projeto da escola com o objetivo de resgatar o que já havia sido estudado no quarto ano e refletir sobre nossa pequena cidade, seus pontos de comércio e turísticos.

Primeiramente foi necessário aprender como jogar o jogo já existente e estudar seu funcionamento, objetivo e logística. Depois, foi pensado como poderia ser montado, baseado nas principais ruas da cidade, pontos comerciais e turísticos.

Fez-se uma análise da localização para definir os valores para compra, aluguel, o valor das casas etc. As crianças desenharam e escreveram algo sobre os terrenos e pontos importantes, também confeccionaram as cartinhas e trouxeram dinheirinho para o banco.

Durante a realização do jogo, além da diversão, precisaram realizar contagens, fazer cálculos, dar troco, comprar. Também perceberam alguns valores de terrenos que não estavam coerentes e que precisavam ser ajustados.

O jogo banco imobiliário vem ao encontro da ideia de possibilitar uma proposta diferente para o estudo de pontos turísticos da nossa cidade e favorecer o desenvolvimento do raciocínio, da lógica, da estratégia de jogo, dos cálculos mentais, das noções de sistema monetário.

Percebeu-se grande entusiasmo e envolvimento, uma vez que a produção é dos alunos e por conter pontos e estabelecimentos que fazem parte do dia a dia. Foi um trabalho que trouxe resultados múltiplos, desde explorar melhor nosso município e perceber que a questão financeira cresce ou diminui dependendo da localização do imóvel, bem como a sua valorização de acordo com os investimentos feitos. Também favoreceu a reflexão sobre a necessidade de promover o melhor relacionamento com o dinheiro e o seu uso consciente.

² Jogo do compra e venda de propriedades.

FELIN – FESTA DA LITERATURA INFANTIL

Laurimei Charão Garcia
Patrícia de Faria Ferreira
Secretaria Municipal de Educação - Herval/RS

A FELIN – Festa da Literatura Infantil – está em sua 5ª edição e acontece, anualmente, em comemoração ao dia 18 de abril, dia do livro infantil, na Praça Marquês de Herval. O objetivo do projeto é promover uma festa em que a literatura infantil seja apresentada como ferramenta indispensável à formação de leitores, promovendo um ambiente favorável à leitura, mostrando aos professores, alunos e pais as diversas formas de trabalhar com histórias infantis e a potencialidade das mesmas. O evento é promovido pelo Setor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação com apoio das Secretarias Municipais de Cultura e Assistência Social, atendendo todos os alunos da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental do município, incluindo a rede estadual e APAE, um número aproximado de 810 crianças.

A festa é organizada com tendas temáticas que visam o incentivo à leitura e ao conhecimento da vida e obra de autores reconhecidos na área da literatura infantil. A visitação dos alunos é organizada seguindo um cronograma previamente combinado com a gestão das escolas. As atividades realizadas são: *Sítio da Leitura* com livros de literatura infantil e personagens do Sítio do Picapau Amarelo; *Hora do conto* é contação e animação de histórias; *Espaço HQ* é destinado à leitura de histórias em quadrinhos e revistas infanto-juvenis; *Tendas Temáticas* das escolas é o espaço de socialização do trabalho lúdico produzido nas escolas relacionado à literatura infantil; e a *Casa das Oficinas*, com teatro interativo. Na chegada, são recebidos por personagens do Sítio do Picapau Amarelo e da Turma da Mônica, devidamente caracterizados e encaminhados para uma das tendas, participam juntamente com as professoras e realizam um rodízio em todos os espaços da festa.

A FELIN é o principal evento do município de incentivo à leitura, segundo as avaliações realizadas por professores, gestores e pais. O impacto é muito positivo na sala de aula e na constituição de leitores.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CONSTRUÇÃO DO NÚMERO NA CRIANÇA

Mari Regina Rocha Janke
Ilis Ângela Wickboldt Manetti
I. E. E. Ponche Verde - Piratini/RS

O presente projeto vem compartilhar uma experiência pedagógica com o projeto *Do Medo à Alegria: ensinando-aprendendo a Matemática*, dentro do componente curricular de Didática da Matemática, com educandos do 2º ano do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, na cidade de Piratini/RS. É inegável que a Matemática tem sido revestida com pré-conceitos, sendo denominada como difícil na aprendizagem, tal hipótese foi reconhecida pelos próprios alunos dentro do Curso quando indagados sobre suas experiências e vivências nesse componente curricular. O trabalho tinha a proposição de refletir sobre o ensino da Matemática na educação infantil e nos anos iniciais; conhecer e aplicar os testes de conservação do número segundo Constance Kami, fundamentados nas implicações educacionais da teoria de Piaget, e viabilizar a pesquisa e construção de atividades lúdicas. Nesse sentido, foram realizados testes de aplicação para conservação do número com uma turma de pré-escola e o primeiro ano do ensino fundamental da escola. Após os testes, foram desenvolvidos jogos e atividades lúdicas para subsidiar a aprendizagem do número na criança. Dessa forma, foi construído um portfólio contendo todas as atividades propostas, bem como alguns exemplares dos trabalhos das crianças. O portfólio reuniu as etapas vivenciadas pelos alunos do Curso Normal e o registro do desenvolvimento da construção da aprendizagem das crianças no projeto. Em outro momento, foram realizadas entrevistas com as professoras dos anos iniciais e com os alunos do 4º e 5º anos. O trabalho foi expandido a uma escola situada na zona rural para uma possível observação das peculiaridades existentes dentro do nosso município para valorizar e conhecer as realidades que os futuros educadores poderão atuar. O diário de bordo foi componente essencial no projeto, através dele os alunos puderam se debruçar sobre suas ações e projetar suas práticas como educadores. Com notoriedade, o projeto suscitou reflexões sobre a importância de ensinar a criança a conhecer a natureza do número compreendendo o que chamamos de conhecimento lógico-matemático.

GÊNERO E GESTÃO, OS GS DA QUESTÃO: OLHANDO A CABELEIRA DA ZEZÉ, RECONHECEMOS E GARANTIMOS QUE ELA PODE SER O QUE QUISER

Juliana da Rosa Brochado da Luz
Márcia Beatriz Schelesener
E. M. E. F. Olavo Bilac - Pelotas/RS

Nossa escola recebeu na EJA o Diego, aluno que chegou cheio de vontade de estudar, acompanhado pelos irmãos que já eram nossos alunos. Perguntando à secretária várias vezes se realmente tinha vaga para ele, se já podia mesmo ir para a sala de aula e as afirmativas pareciam não estar sendo compreendidas.

Ao solicitar que o aluno ouvisse um pouco do funcionamento da rotina, também foi questionado quanto ao uso ou não do nome social, na intenção de orientar que o adquirisse. A resposta veio após um longo suspiro: “Que bom, queria falar mesmo em particular para dizer que me chamo Zeline e meu documento está sendo providenciado”. Observamos que mesmo sem o documento ela tinha o direito de dizer como queria ser chamada.

Parece um relato simples, mas também a orientamos quanto a ter tranquilidade para encaminhar à direção todas atitudes de desrespeito em relação a qualquer pessoa que estivesse na escola assumindo alguma função. Logo nos primeiros momentos de aula, o professor de música relatou à direção que a turma estava pegando pesado com as brincadeiras de dupla interpretação, mesmo após sua fala de reprovação, o que não foi entendido pela Zeline como hostilidade.

Desta forma, aconteceu uma reunião na sala de aula com esses alunos, trazendo nossa tranquilidade em receber a Zeline, mas a preocupação quanto aos possíveis encaminhamentos que teríamos que realizar, caso a mesma passasse por constrangimento desrespeitoso em nossa escola ou no bairro com os colegas.

Explicamos a função do nome social, da carteira social, do nosso entendimento em relação ao uso do banheiro após ouvi-los quanto a esse assunto. Não menos importante, deixamos muito explícito de que lado estávamos no tocante ao preconceito e à discriminação de qualquer espécie.

Ouvir a Zeline dizer que foi aluna há cinco anos e que foram as marcas de preconceito em função de ser muito afeminada, mas com aparência de menino, na cidade de Jaguarão/RS, que a mantiveram bem longe da escola. E hoje ver seu retorno a um espaço em que ela esperava ser muito rejeitada, fala da aluna, e ter seu relato dizendo “Me sinto igual a todos”, faz com que tenhamos a necessidade de buscar outras formas de problematizar e intervir, quanto às questões que têm impedido as pessoas do seu direito de acesso e permanência na escola, sem que sejam vítimas da ausência do respeito e equidade.

Acreditamos que outras Zelines estão sendo representadas pela Zeline e estas, a partir da tomada de consciência da obrigatoriedade da garantia dos seus direitos, irão ocupar muitos dos bancos vazios, deixados pelo vazio das relações que não se estabeleceram anteriormente na escola.

GÊNERO E SEUS ENTRELAÇAMENTOS: UM DIÁLOGO DENTRO DA ESCOLA

Driéle Luize Souza da Silva

E. M. E. F. Pedro Carlos Peixoto Primo – Rio Grande/RS

O projeto foi elaborado a partir da visão de alguns professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Carlos Peixoto Primo, da cidade do Rio Grande, que perceberam a necessidade de trabalhar com questões de gênero, como também sexualidade, cuidados com o corpo, higiene, prevenção, saúde, respeito e discriminação que são subtemas que entrelaçam essas indagações, em diferentes séries da escola, já que algumas turmas estavam envolvidas em uma problemática que fazia parte deste tema. Porém, o projeto se desenvolveu em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, com 20 alunos, dispondo atenção à questão da utilização do diálogo como estratégia para abordar essas temáticas, apresentando uma realidade que desequilibra a sociedade como um todo, pois a escola é o que garante o futuro da humanidade, mas está sem um espaço para os discentes discutirem sobre suas experiências e refletirem sobre seus atos, tomar consciência de tudo que os envolvem. Os encontros foram desenvolvidos com uma metodologia ancorada em dinâmicas e diálogos, com todos participando, cada um da sua maneira e com respeito ao próximo. Isso possibilitou uma troca de experiências entre os alunos favorecendo seu desenvolvimento pessoal.

Recordo que os alunos se mostravam bem motivados, pois quando me viam nos corredores da escola, já me perguntavam quando seria nosso próximo encontro. Alguns alunos se destacavam por mostrar seu posicionamento independente do tema. Como exemplo, posso citar na aula sobre prevenção, quando muitos achavam importante, mas nem todos se preveniam, uma fala de um aluno me chamou atenção: “Eu sei quando a pessoa tem AIDS, dá pra ver pelo corpo”. Ou falando sobre virgindade: “Ah, professora, aqui todo mundo sabe de todo mundo, só dois aqui em sala que não transaram ainda”. Também sobre o tema aborto quando muitos se posicionaram a favor e um menina disse: “Professora, o aborto é muito complicado de pensar ou criticar, se a menina é estuprada eu concordo que ela faça um aborto”. No encontro, também sobre o assunto estupro, contaram casos de vizinhos que já tinham estuprado alguém e ficaram na cadeia pouco tempo. Sobre a discussão em relação à temática família, em aula, apareceram diferentes tipos de famílias. Quando questionados sobre a diversidade familiar, surgiram algumas falas como: “Professora, pra mim família é pai e mãe e filhos, dois homens ou duas mulheres não podem formar uma família, pois a criança pode ficar traumatizada”. Ou: “Não tem nada a ver se tem dois pais ou duas mães, o que importa é o cuidado com os filhos, muitos casais héteros abandonam seus filhos ou não cuidam direito”.

Ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) possibilitem que todos os professores trabalhem com temas transversais, muitas vezes essa temática só é

desenvolvida pelos professores da biologia, por pensar somente na parte biológica do tema e não como uma construção social, histórica e cultural. Dessa forma, outros professores não conseguem dialogar de maneira confortável com os(as) alunos(as), esquecendo da Pedagogia Dialógica de Paulo Freire que defende o diálogo como parte integrante da educação. Essa vertente abre espaço para que todos possam se posicionar, e foi o que aconteceu nesse projeto.

GÊNEROS TEXTUAIS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: LEITURA E PRODUÇÃO

Valéria Alessandra Coelho Islabão
E. M. E. F. Olavo Bilac - Pelotas/RS

O presente texto visa relatar brevemente uma sequência didática envolvendo gêneros textuais desenvolvida em uma turma de 2º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac. As atividades fazem parte do projeto *Contribuições do planejamento com sequências didáticas envolvendo gêneros textuais no ciclo de alfabetização*, que busca evidenciar os contributos do planejamento de sequências didáticas com gêneros textuais para a compreensão e o uso da escrita no ciclo de alfabetização, desenvolvido pela professora titular da turma, que, além de professora na rede municipal, também é bolsista da educação básica (BEB-CAPEs). Este projeto vincula-se ao projeto de pesquisa realizado pelo Observatório da Educação/CAPEs – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização – 1º ao 3º ano (OBEDUC-PACTO), que objetiva, dentre suas propostas de investigação, acompanhar o processo de formação continuada dos professores participantes do PNAIC-UFPel, analisando as repercussões da formação continuada sobre a melhoria das práticas pedagógicas efetivadas nas salas de aula e nos índices de leitura e de escrita dos estudantes do ciclo de alfabetização.

Para a elaboração da sequência, partiu-se da ideia de que o texto é a unidade linguística de maior sentido, e que as demais unidades (letra/fonema, sílaba, palavra, frase) só serão compreendidas e terão sentido a partir do texto, o que atribui maior significado de representação e uso do Sistema de Escrita Alfabética. Entendeu-se a produção textual como uma escrita real, que parte da necessidade ou desejo de dizer algo a alguém (GERALDI, 1984). Discutiram-se noções de alfabetização (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999 e MORAIS, 2012), como o domínio do funcionamento do Sistema de Escrita alfabética, que se dá gradativamente através da reflexão sobre a escrita, de letramento (SOARES, 1998), como sendo a condição de quem cultiva e exerce as práticas sociais da leitura/escrita e de gêneros textuais (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; MARCUSCHI, 2005), tomando por base a ideia de que os gêneros textuais não se caracterizam por aspectos formais, estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais.

Partindo da literatura infantil, que era o maior interesse dos alunos, foram explorados diversos gêneros textuais que se encontravam anexos a livros infantis. Foram usadas diversas versões de contos de fadas e a coleção *Diários secretos*. Esses livros eram diários que tinham em seu interior cartas, bilhetes, notas fiscais, poemas e manuais de instruções, entre outros gêneros textuais. Os gêneros trazidos nesses livros foram explorados juntamente com outros textos de mesmo gênero trazidos pelos alunos. A motivação e a culminância do projeto foram a produção do *Diário Secreto do Patinho Feio*, na qual as crianças escreveram não apenas o conto, mas também diversos gêneros textuais que

foram anexados no decorrer da história, assim como nos livros originais.

As atividades da sequência são bons exemplos não só do trabalho com gêneros textuais em classes de alfabetização, mas também de estratégias de trabalho em turmas heterogêneas, com produção textual, gramática, ortografia, alfabetização e letramento.

Referências

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA; Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. p.19-36.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GESTÃO ESCOLAR E ITINERÂNCIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Marli Irgang Gonzaga

Nadia Silveira Pereira

Fabiana Teixeira Morales

Fernanda Marques Costa

E. E. E. F. Adolfo Fetter – Pelotas/RS

E. E. E. F. Dr. Procópio Duval – Pelotas/RS

E. E. E. M. Presidente Castelo Branco – Capão do Leão/RS

E. E. E. F. Dario Tavares – Capão do Leão/RS

E. E. E. F. Laura Alves Caldeira – Capão do Leão/RS

E. E. E. F. Gabriela Gastal – Capão do Leão/RS

A experiência diz respeito à gestão escolar e à formação continuada num processo de inclusão através da itinerância na Sala de Recursos em que tomam parte 6 escolas públicas estaduais, trazendo a importância do trabalho de gestão envolvendo a professora de AEE (Atendimento Educacional Especializado), a equipe diretiva, os professores e as famílias de alunos matriculados nesses estabelecimentos de ensino.

Trata-se de uma experiência proposta pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, através da 5ª Coordenadoria de Educação, que, buscando atender as necessidades das escolas, possibilita a itinerância através do atendimento especializado em AEE.

A itinerância em AEE teve início em 2015, proposta pela Coordenadoria de Educação – 5ª CRE, havendo o contato com as escolas que se inseriram na itinerância – Escola Estadual de Ensino Fundamental Adolfo Fetter e Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Procópio Duval.

A equipe gestora dessas escolas entrou em contato com a professora de AEE para encaminhar alunos a serem avaliados, havendo reuniões de estudo com os profissionais da escola sobre o trabalho com os alunos de AEE. Consequentemente, as escolas se reuniram com a professora de AEE para conversar sobre os alunos, e as avaliações foram realizadas considerando a Sala Regular e a Sala de Recursos.

A partir de 2016, inseriu-se na itinerância a Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Castelo Branco, do município de Capão do Leão, sendo que ali eram atendidos os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dario Tavares em um dia da semana e, no outro dia da semana, o trabalho era realizado com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Laura Alves Caldeira, que estava com as portas abertas para Escola Estadual de Ensino Fundamental Gabriela Gastal, que, devido à distância, encontrava dificuldade para encaminhar os alunos para AEE. Os alunos em atendimento apresentavam laudo, e também havia alunos em avaliação. Existia a acolhida da equipe diretiva recebendo esses

alunos, oferecendo o espaço físico e providenciando os encaminhamentos dos mesmos para outros órgãos para o apoio necessário (psicológico, fonoaudiólogo, psiquiátrico, clínico geral etc.).

O atendimento era feito desde os anos iniciais até os anos finais (EJA), estendendo-se para o médio em algumas situações. Havia sintonia entre a professora de AEE e a equipe gestora. Os professores dialogavam sobre cada caso, às vezes havia resistências, mas eram amenizadas com o diálogo e muito estudo (Formação Continuada).

O ensino itinerante era composto por um professor especialista em Educação Especial e representava uma proposta educativa viável como suporte para a educação inclusiva, em que não existia a disponibilidade, em todas as escolas públicas, de professores especialistas para o atendimento de alunos com diferentes tipos de necessidades especiais.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: AS LINGUAGENS VERBAL E VISUAL UNIDAS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Janaína Quintana de Oliveira
E. M. E. F. Antônio Ronna – Pelotas/RS

O trabalho aqui apresentado refere-se ao uso de Histórias em Quadrinhos nas aulas de línguas estrangeiras com alunos dos anos iniciais. Esta prática foi realizada na E. M. E. F. Antônio Ronna, localizada na Vila Princesa – Pelotas/RS, com alunos do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, nas aulas de Língua Espanhola da professora Janaína Quintana de Oliveira

Histórias em Quadrinhos são textos multimodais que unem as linguagens verbal e visual, contribuindo, dessa forma, para a construção do sentido e tornando-se uma ferramenta eficaz para o processo de ensino e aprendizagem em língua estrangeira. O propósito desta atividade foi fazer com que os alunos adquirissem vocabulário através de atividades de leitura do gênero mencionado.

O uso do gênero Histórias em Quadrinhos é recomendado pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e cada vez mais figura no ENEM, em vestibulares, em livros didáticos e em outros instrumentos pedagógicos.

As atividades ocorreram com a construção da *tebeoteca* (biblioteca ambulante de gibis), contando com um total de 30 gibis da *Mónica y sus amigos*. Esses gibis eram passados aos alunos para que fossem feitas as leituras e, em seguida, era solicitada a execução de um determinado trabalho. Os trabalhos pedidos eram referentes ao adiantamento das turmas, podendo ir desde a produção de um desenho relacionado à história lida até a produção de finais alternativos, ou a produção de narrativas baseadas no texto em questão.

Para a apreensão e fixação de vocabulário, os alunos eram orientados a buscar na análise das imagens o significado de determinadas palavras.

Os fatos observados e avaliados, mediante essas atividades, foram os seguintes: expansão do vocabulário da língua meta; evidente facilidade na construção do sentido do texto; aumento da criatividade, resultando no interesse pela leitura de outros gêneros textuais; desenvolvimento satisfatório das quatro habilidades linguísticas, que são a escrita, a leitura, a compreensão auditiva e a expressão oral.

O resultado foi positivo, pois de maneira lúdica promoveu um contato efetivo e prazeroso dos alunos com a língua estrangeira, realizando de forma profícua a construção do conhecimento.

INÍCIO DO PROJETO DE REORGANIZAÇÃO E OTIMIZAÇÃO DO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR EUCLIDES DA CUNHA

Elida Regina Nobre Rodrigues
E. E. E. F. Joaquim Caetano da Silva – Jaguarão/RS

A Biblioteca Escolar Euclides da Cunha funciona na Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim Caetano da Silva, que se localiza na área central do município de Jaguarão, RS. Em 2017, a escola contava com pouco mais de 400 estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Este escrito relata a primeira parte do projeto de reorganização iniciado em março de 2017; em anos anteriores, a biblioteca havia ficado fechada ou sem um profissional específico para tanto, o que ocasionou o extravio de exemplares, danificação de outros e, por conseguinte, o descaso dos alunos com o espaço.

No ano de 2016, o espaço físico da biblioteca foi trocado para uma sala mais ampla e arejada, buscando um melhor atendimento ao alunado e cuidado maior com o acervo. Durante essa troca, o serviço de empréstimo de livros foi mantido, prestado por membros da equipe diretiva, pelos professores das turmas ou pelos próprios alunos. No entanto, como já relatado, ao examinar alguns cadernos em que se apontavam os registros, percebeu-se que muito se perdeu com esse acerto. Essa primeira parte do projeto envolveu um diagnóstico de como os professores e professoras usavam a biblioteca e quais os projetos e encaminhamentos poderiam ser feitos utilizando esse espaço. O retorno desse primeiro momento foi muito bom, pois percebi que boa parte do grupo queria fazer uso do ambiente e, para isso, enriqueceram o trabalho com sugestões e contribuições bem pertinentes. Em seguida, tratei da organização, distribuição e incentivo do uso dos livros didáticos novos pelos professores e professoras de cada turma; posteriormente, seguiu-se o descarte dos livros, de acordo com as orientações disponíveis na obra *Dinamizando a biblioteca escolar*, Governo do Rio Grande do Sul (2014), envolvendo a doação para o alunado, instituições públicas, bibliotecas comunitárias e cooperativa de reciclagem do município.

Na conclusão dessa primeira etapa, foi possível perceber que o espaço físico estava mais agradável e convidativo, alunos e alunas aproveitavam os horários de intervalo para escolherem livros por conta própria e professoras/professores estavam escolhendo livros para trabalho ou deleite. As prateleiras, mais bem organizadas, permitiram uma melhor visualização do acervo. Há muito a ser feito ainda, mas um primeiro passo já foi dado para que o ambiente da biblioteca escolar Euclides da Cunha voltasse a fazer parte do cotidiano da escola, contribuindo para a formação de leitores e, de acordo com Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p. 24), tornando-se uma aliada “no fazer pedagógico, tornando-a uma extensão da sala de aula”, extrapolando o simples empréstimo de livros.

Referência

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

INTEGRAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE

Gislaine Duarte Fagundes

Graciéli Abrahm Griep Timm

Patrícia Rutz Bierhals

E. M. E. F. Oscar Fonseca da Silva – Canguçu/RS

Apresentamos aqui o relato das atividades desenvolvidas com as turmas de 4º e 5º Anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oscar Fonseca da Silva, localizada no Alto da Cruz, 5º distrito do município de Canguçu/RS, território camponês, distante, aproximadamente, 42 km da sede do município.

Trazemos aqui a descrição das principais atividades desenvolvidas junto à comunidade escolar. Foram realizadas aulas-passeio no entorno da escola, sendo um dos lugares visitados aquele que dá nome à localidade. Em seguida, foi realizado um piquenique com frutas da época, trazidas de casa pelos educandos e educadores. A partir dessas aulas-passeio na comunidade, foi constatado que, ao realizar o trajeto da cidade de Canguçu/RS até a nossa escola, não encontrávamos nenhuma placa informativa sobre os aspectos geográficos locais. Devido à escola estar situada em um trajeto secundário e receber professores de outras localidades e também da sede do município, percebeu-se que essas pessoas encontravam dificuldades para deslocar-se até nossa escola, inclusive professores contratados, que chegaram naquele ano (2015) à escola. Desde então, deu-se início a uma pesquisa sobre os prováveis locais que necessitariam de sinalização. Acreditamos que seja fundamental promover, nas nossas escolas do campo, espaços e tempos educativos que propiciem a auto-organização dos educandos. Nossa proposta era/é desenvolver práticas que estimulem uma postura protagonista e participativa na escola e em vários outros espaços sociais, uma vez que, segundo Arroyo, Cالدart e Molina (2011, p.53-54):

[...] pensar em uma proposta de escola do campo, hoje, não é pensar num ideário pedagógico pronto e fechado, mas, ao contrário, é pensar num conjunto de transformações que a realidade vem exigindo/projetando para a escola (educação básica) neste espaço social, neste momento histórico.

Em parceria com a Secretaria Municipal de Trânsito, Transporte e Obras Públicas, conseguimos as placas para começar o trabalho de sinalização da localidade. Os alunos participaram do processo de instalação das placas, juntamente com os funcionários da Prefeitura Municipal, e a opinião de todos foi importante na escolha do lugar e no posicionamento das mesmas. Podemos perceber a satisfação de todos com o trabalho realizado e os benefícios trazidos à comunidade. No ano de 2016, a escola comemorou 60 anos de funcionamento e, em virtude desse fato, no ano de 2015, em conversa com um ex-aluno da escola e colaborador, ele se propôs a compor uma música para homenagear a instituição de ensino pelos seus 60 anos de atividade. Em uma roda de conversa com esse ex-aluno, educandos e educadores manifestaram seus desejos sobre o que deveria

constar na letra da música, que, desde então, passou a ser uma espécie de hino da nossa escola, sendo usada em eventos e apresentações da qual a escola participa, enchendo a todos que se identificam com a escola de orgulho.

As atividades desenvolvidas foram motivadas pela formação que recebemos no curso Escola da Terra, curso de aperfeiçoamento ofertado pela UFRGS, que proporcionou aos educadores que participaram uma visão mais ampla da importância da valorização dos povos do campo, que muitas vezes caem no esquecimento. A formação contribuiu no sentido de fortalecer em nós a visão de que, enquanto educadores do campo, temos o compromisso e a obrigação de despertar em nossos educandos o gosto pelo meio rural, assim como promover discussões com a comunidade escolar acerca da importância do trabalho do homem e da mulher do campo, mostrar para esta geração de educandos que o meio rural (campo) é tão importante quanto o meio urbano. Hoje, podemos constatar um maior interesse pelas questões locais (do campo) por parte da grande maioria dos educandos que a escola atende, e a comunidade passou a participar de mais atividades desenvolvidas pela escola.

Referência

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

INVESTIGANDO FUNÇÕES POLINOMIAIS COM O USO DO SMARTPHONE

Gabriela Dutra Rodrigues Conrado

Maria Arlita da Silveira Soares

E. E. E. M. Nossa Senhora da Assunção - Caçapava do Sul/RS

Esse texto relata uma intervenção-piloto de um projeto que está em desenvolvimento pelo grupo de pesquisa *matE² – Educação e Educação Matemática*. Esse projeto visa, entre outras ações, construir inovações para o ensino de Matemática por meio das novas tecnologias. A intervenção-piloto foi realizada em dois períodos de 45 minutos no segundo ano de Ensino Médio em uma escola pública do município de Caçapava do Sul, com a participação de 18 estudantes.

A atividade almejou investigar dificuldades e potencialidades do uso de aplicativo de Matemática dinâmica na sala de aula, nesse caso o *Mathematics* (aplicativo gratuito disponível na loja virtual Google Play Store). Optamos por abordar conceitos relacionados às funções polinomiais, pois, utilizando aplicativos, é possível ampliar as discussões para polinômios de diferentes graus. Geralmente, o ensino de funções polinomiais na Educação Básica fica restrito aos polinômios de 1º e 2º grau. Isso ocorre, provavelmente, porque a representação gráfica de polinômios com maior grau é quase inviável de ser construída manualmente em sala de aula.

Nessa atividade, fizemos uso de um material de apoio que apresentava as funções e as questões a serem inseridas e discutidas. Os estudantes inicialmente instalaram o aplicativo em seus *smartphones* e, em seguida, digitaram as respectivas funções, partindo para a visualização e manipulação do objeto matemático. Conseguimos investigar conceitos de paridade de funções, estudo do sinal, testando conjecturas e enfatizando questões qualitativas de exploração, como orienta Borba (2010).

A participação dos estudantes na atividade atingiu as expectativas, entretanto, as dificuldades na interpretação das questões e, principalmente, na formalização dos conceitos envolvidos surpreenderam-nos. A formalização constitui etapa fundamental, uma vez que nesse momento o professor e os estudantes organizam as ideias, traduzindo as investigações e proposições em verdades matemáticas. Além disso, nos desafiamos a modificar a ordem de ensinar os conceitos relativos ao tema, sugerindo uma atividade ativa e desafiadora. Assim, verificamos que trazer a tecnologia para a sala de aula do modo como fizemos foi proveitoso, mas nos exigiu planejamento, tempo de discussão e reflexão para aprimorar próximas experiências.

Referência

BORBA, Marcelo de Carvalho. *Softwares e internet na sala de aula de Matemática*. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática, Cultura e Diversidade. **Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática, Cultura e Diversidade**. Salvador – BA: 2010. p.01-11. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/gpi-mem/downloads/artigos/borba/marceloxenen.PDF>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

JOGOS EDUCACIONAIS DIGITAIS: UTILIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS

Cris Elena Padilha da Silva
Colégio Municipal Pelotense – Pelotas/RS

Este trabalho apresenta como foco principal a utilização de jogos educacionais digitais do site Iguinho nas séries iniciais. A experiência foi desenvolvida no Colégio Municipal Pelotense, com uma turma de 2º Ano das Séries Iniciais, no Laboratório de Informática, que apresenta 30 computadores conectados à internet.

Hoje, a tecnologia está presente em todas as áreas da sociedade, a comunicação com o mundo é realizada em um instante, pois as pessoas estão cada vez mais conectadas através da internet, permitindo que notícias, experiências e conhecimentos possam ser compartilhados com pessoas de diferentes países. Essa evolução deve estar presente também na escola, motivando os alunos para o uso das novas tecnologias, para o desenvolvimento de habilidades e competências, ampliando as práticas para um melhor aprendizado.

Com a implantação dos laboratórios de informática nas escolas, temos uma nova possibilidade de motivação para os alunos, funcionando como um ambiente de inovação nas escolas, onde, através de jogos educativos, podemos levar o aluno a aprender brincando, de maneira prazerosa e divertida.

O jogo educativo apresenta duas funções: a lúdica, proporcionando diversão, e a educativa, que ensina, expandindo a possibilidade de aprendizagem, auxiliando no processo de autoconfiança e desenvolvendo a capacidade de resolver problemas (KISHIMOTO, 2003).

Autores como Bicudo e Rosa (2010) destacam que ao aplicarmos a realidade virtual imersiva, na qual o aluno se sente imerso no ambiente, as relações entre aluno, professor e conteúdo se tornam mais amplas, facilitando um melhor desenvolvimento de suas habilidades.

O objetivo desse projeto foi levar o conhecimento de forma lúdica, no qual o aluno aprende por meio de jogos educacionais digitais. Foi realizado com a utilização do site Iguinho, que tem como proposta desenvolver a aprendizagem, através de jogos, animações, arte, música, diversões. Cabe destacar que a turma do 2º ano das séries iniciais, grupo com o qual foi desenvolvida a proposta, participou de jogos online, no laboratório de informática, uma vez por semana.

Conclui-se com esse projeto que os jogos educacionais digitais podem promover um ambiente de aprendizagem atraente e gratificante, constituindo-se um recurso poderoso para o desenvolvimento do aluno.

Referências

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ROSA, Maurício. **Realidade e Ciber mundo**: Horizontes Filosóficos e Educacionais Antevistos. Canoas: Ulbra, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

KAHOOT: FERRAMENTA POTECIALIZADORA DA APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA E LÍNGUA PORTUGUESA

Marion Rodrigues Dariz

Tanier Botelho dos Santos

E. M. E. F. Dr. Joaquim Assumpção - Pelotas/RS

E. E. E. F. João Belém - Santa Maria/RS

Constantemente, assistimos a discussões quanto ao papel da escola. Historicamente, sabemos que é o lugar, por excelência, da mediação do conhecimento sistemático e científico. Todavia, esse lugar vem passando por inúmeras inovações e, nesse sentido, torna-se imprescindível modernizar práticas e propostas de ensino e aprendizagem concernentes ao conteúdo e à forma como esse conteúdo é ensinado, com a finalidade de atender às novas necessidades/demandas impostas.

Pensando nas inúmeras variações em relação aos recursos didáticos utilizados pelos educadores, no que tange às tecnologias, a busca por outras metodologias para o ensino constitui-se tarefa importante na prática pedagógica de educadores que buscam a construção de uma aprendizagem efetiva. É nessa perspectiva que se insere este trabalho, o qual visa a relatar duas experiências de sala de aula com a utilização do *Kahoot*, caracterizado como um aplicativo de avaliação gratuito na Web que permite o uso de *quizes* na sala de aula como ferramenta metodológica para o ensino, oportunizando uma participação ativa dos alunos.

O trabalho foi desenvolvido com alunos dos nonos anos de uma Escola Estadual de Santa Maria/RS (duas turmas) e de uma Escola Municipal de Pelotas/RS (uma turma), com aproximadamente 25 alunos por classe, com uma média de idade entre 14 a 16 anos. Buscamos, com o uso do aplicativo, além de encontrar meios para tornar as aulas atrativas, uma ferramenta mediadora no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos de Inglês e Português respectivamente. Segundo a teoria vygotskiana, o acesso do indivíduo ao conhecimento não é direto, é mediado por ferramentas, especialmente, pela linguagem, por pessoas, entre outros. Assim sendo, o *Kahoot* se constituiu um instrumento mediador capaz de propiciar a internalização dos conteúdos.

Como resultado, foi observado que os alunos de ambas as disciplinas das duas escolas tiveram a oportunidade de aprender enquanto se divertiam com o *Kahoot*. Os alunos se sentiram encorajados, porque eles estiveram jogando, e não simplesmente marcando um *quiz* no caderno. As atividades da plataforma garantiram envolvimento, transformando a sala de aula em um espaço de interação, contribuindo para melhor desempenho e aprendizagem dos estudantes. Vemos, assim, no *Kahoot*, um forte aliado e uma ferramenta potencializadora para a aprendizagem de conteúdos também de outras disciplinas.

LAÇOS ORGÂNICOS PARA O ENSINO INTEGRADO: CONTORNOS ESCOLARES NA PROPOSTA POLITÉCNICA DO RS

Jucenir Garcia da Rocha

Lauro Borges

Colégio Estadual Carlos Alberto Ribas – CECAR – Jaguarão/RS

A centralidade desta ação reside em experiências de ensino integrado na área de Ciências Humanas, abrangendo discentes de duas turmas de terceiro ano do período da manhã do Colégio Estadual Carlos Alberto Ribas – CECAR, localizado na cidade de Jaguarão, RS.

A experiência emergiu de nossa inquietação perante aos desafios suscitados pela proposta do Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul; especialmente, pela forma que o mesmo foi implementado na Escola, desde 2013, tratando o Seminário Integrado e Projetos – SIP como mais um componente isolado, preservando a estrutura da gradeação no currículo.

Contudo, vale lembrar que esta ação – embora proposta em fórum pedagógico coletivo de área – não obteve engajamento da classe docente em sua integralidade considerando que

[...] os professores também são afetados e levados a desempenhar novas funções nessa perspectiva de socialização, que corresponde a concepções individualistas, de competição em lugar de práticas de colaboração, de responsabilidade compartilhada entre todos aqueles que convivem na escola (CORRÊA, 2012, p 146).

Ainda assim, foi possível abranger todos os componentes curriculares da área de forma a propiciar uma avaliação mais ampliada dos impactos concernentes ao *aluno concreto* em detrimento das versões que focam em verbalizações empíricas acerca das volições dos jovens sem um exame científico mais acurado. Para tal, foi preciso criar diversos encontros de planejamento coletivo, de modo a organizar e ajustar os conteúdos disciplinares para as aulas integradas e, posteriormente, para a elaboração de uma avaliação integrada, bem como para o processo de correção final e a consequente avaliação dos resultados.

Entrementes, a ação também serviu para evidenciar, sem tratar o fenômeno como anomalia, o quanto a “instituição escolar, embora desenvolva atividades próprias – que explicitam parte de sua identidade, de sua alteridade – está eivada de contradições e de embates que os grupos sociais constroem em suas vivências” (CORRÊA, 2012, p. 139).

Por fim, vale dizer que, além daquilo que se averiguou sobre os impactos e percepções dos discentes em seus percursos formativos, este processo fez refletir sobre os legados gramscianos que conferem grau de importância aos laços orgânicos no *que-fazer* do

professor enquanto ator social proeminente na produção e execução da ação intelectual na Escola. Neste sentido, esta experiência produziu, durante todo o processo, inúmeros efeitos introspectivos, com poder qualificador de nossas práticas, além de ter ficado evidente que, ao você “se aliar a outros seres humanos – com os quais convive e compartilha formas de pensar e de agir, de aglutinar esperanças e utopias – é capaz de elevar à mais alta potência seu poder transformador” (CORRÊA, 2012, p. 140).

Referência

CORRÊA, Vera. As relações sociais na escola e a produção da existência do professor. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.128- 147.

LEITURA E ESCRITA. FORMAÇÃO E VIAGEM.

Marta Lizane Bottini dos Santos
Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello – Pelotas/RS
Escuela El Tricentenario – Medellín/Colômbia

Este texto apresenta as experiências de uma professora em formação que, a partir de um projeto de intercâmbio de cartas, experimenta oferecer a leitura (de histórias infantis) como processo de formação a si e a um grupo de estudantes de duas escolas distintas que trocam correspondências. O trabalho se desenvolveu em duas escolas: Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello, na cidade de Pelotas – RS/Brasil, e a Escuela El Tricentenario, da cidade de Medellín/Colômbia; no Brasil, com alunos de um quinto ano ensino fundamental, e na Colômbia, com alunos de turmas da educação básica.

Uma vez por semana, durante o período do segundo semestre do ano de 2016, na escola brasileira, com a turma do 5º do ensino fundamental do turno da tarde, foi feita a leitura de histórias infantis que passeavam entre autores clássicos e contemporâneos. Em outubro, na segunda semana, por um período de sete dias, esta experiência estendeu-se à Escuela de Medellín. Como tratar a escrita sem antes proceder à leitura e vice-versa? As cartas trocadas entre os estudantes pretendiam amenizar dificuldades de ensino-aprendizagem, e aqui este trabalho de leitura se fez importante, pois desvelava mundos aos grupos de estudantes antes escondidos, o da imaginação, da criação, da curiosidade, etc., que se intensificava e se qualificava no desenvolvimento de escrita das cartas. Os processos de formação de leitura/escrita intercambiadas produziram e deram expressão a movimentos de subjetivação nos estudantes e na docente em formação. “A leitura de si oriunda das correspondências pessoais pode ser tão transgressiva quanto aquela que visa transpor o limite da linguagem, pois, trata-se de reinventar a si mesmo na e pela escrita cotidiana” (IONTA, 2011, p. 93). A leitura de personagens clássicos possibilitou um abrir-se, criar-se, *re-fazer-se*, a partir do imaginário, do poético.

Este trabalho possibilitou apreender como se comportam alunos de distintas realidades frente a mecanismos de ensino e aprendizagem da língua. A leitura dos textos de autores clássicos e também dos contemporâneos produziu (produz) um modo de resistência ao modelo dominante de lecionar, tratando a leitura e a escrita como práticas edificantes e fundamentais em que é preciso vazar o arquétipo *natural* de lecionar, a partir, por exemplo, de uma proposta de leitura/escrita e vice-versa. É ir além. A referida proposta nos levou para além de outras fronteiras, além das físicas e reais. A leitura realmente abriu portas.

Referência

IONTA, Mariza. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v.19, n.1, p.91-101, jan./abr. 2011.

LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: CONQUISTAS E RECONQUISTAS

Valéria Alessandra Coelho Islabão
Josiane da Rosa
E. M. E. F. Olavo Bilac - Pelotas/RS

O presente relato apresenta a experiência de duas professoras e seus alunos, da rede municipal de Pelotas, com a leitura literária. O cenário é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, localizada na periferia de Pelotas. Uma das docentes envolvidas é professora das séries iniciais, atuando no ciclo de alfabetização, e a outra é professora de história e atua em turmas de 6º a 9º anos.

Durante o 3º ano do ensino fundamental, os alunos em questão participaram de vários projetos de leitura literária, como *Maleta literária*, *Minhas histórias favoritas* e *Hora da literatura*, sendo neste momento alunos da professora Valéria. Atualmente, esses alunos participam de um novo projeto, com a professora Josiane, que visa reconquistar o território perdido pela literatura entre essas duas etapas de escolarização.

Durante conversas entre as duas docentes sobre o gosto que ambas tinham pela literatura, e na troca de experiências com a leitura, surgiram vários questionamentos e discussões. Entre eles, o porquê de a leitura perder espaço a cada ano de escolaridade, e qual seria a importância de reconquistar esse espaço/tempo e, logo, a discussão de estratégias para que esse objetivo fosse alcançado.

Assim, nasceu o projeto *Ler, muito prazer!*, organizado pela professora Josiane (História), no qual ela abre espaço, em suas aulas, para alunos de turmas de 6º a 9º anos, onde os mesmos podem ler, sem que seja cobrada nenhuma tarefa posterior a essa leitura. São disponibilizados cerca de 80 livros de boa qualidade e uma ficha onde o aluno anota o livro que está lendo e onde parou sua leitura, para que possa retomá-la na próxima aula, se assim desejar.

Com o retorno da leitura como lazer, e não apenas pretexto para atividades posteriores, proporcionando momentos aprazíveis e conversas gostosas sobre os temas abordados nos livros, logo surgiram comentários dos alunos sobre suas memórias do ciclo de alfabetização. O novo projeto, segundo os alunos, remeteu-os diretamente às experiências vividas quando tinham entre 6 e 8 anos. A maioria dessas memórias é referente às aulas com a professora Valéria, que procurava manter espaços e tempos destinados à literatura no cotidiano da turma. As falas dos alunos demonstraram que esses momentos foram, além de muito prazerosos, também importantes para sua formação escolar e extraescolar, explicitaram que essas atividades de leitura literária contribuíram para sua formação pessoal, para ampliar seus conhecimentos de si e do mundo, para o domínio da língua, a melhora da interpretação e redação, bem como da ortografia e vocabulário. Declararam-se muito satisfeitos com o retorno a essa atividade e temerosos quanto a uma nova interrupção dessa prática.

Percebemos, atualmente, que a leitura está conquistando espaços fora da biblioteca, ocupando tempo fora das aulas de português e voltando a ser assunto entre os alunos, professores e familiares. Estamos juntos, professoras e alunos, reconquistando um território que já pertenceu à literatura e perdeu-se com o tempo.

LEITURA LITERÁRIA: CONSTRUINDO O COMPORTAMENTO LEITOR E SUBSIDIANDO A PRÁTICA DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Joseane Cruz Monks

E. M. E. F. Luiz Augusto Assumpção – Pelotas/RS

O presente trabalho relata a experiência sobre uma prática cotidiana de sala de aula, que envolve a leitura literária como fio condutor do processo da formação do comportamento leitor nos alunos em fase de alfabetização. A prática foi realizada durante todo o período letivo de 2015, numa turma de 1º ano do ciclo de alfabetização do ensino fundamental, numa escola da rede municipal de ensino, da cidade de Pelotas. A turma era composta por um total de 25 alunos, com faixa etária entre 06 (seis) e 07 (sete) anos.

Nas primeiras aulas, realizei atividades que envolviam diversos suportes textuais, dentre outros, revistas e livros literários de meu acervo pessoal e também do acervo da sala de aula, livros disponibilizados pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Foram nessas atividades que identifiquei a ausência de alguns aspectos relacionados ao comportamento dos sujeitos como leitores, tais como: a maneira de manipular os materiais, como e por onde começavam a folhear as páginas dos livros, o movimento de leitura (mesmo sem estarem alfabetizados), como e por que escolhiam tais livros e a não identificação do nome do autor, do ilustrador e da editora. Percebi que era necessário abordar, no planejamento das aulas, uma prática diária de leitura literária, denominada naquele contexto de *leitura deleite*, conforme base do PNAIC. Essa prática de leitura permitiria, entre outros, aprendizados da leitura e da escrita, e também a construção de um comportamento leitor que daria sustentabilidade para uma prática de leitura frequente e significativa.

A prática de leitura estruturava-se diariamente com a leitura oral de algum título literário. Ao longo das aulas, procurei variar os livros e os gêneros textuais, bem como a organização do espaço para a leitura, às vezes na sala de aula, sentados em sua organização habitual, na biblioteca e à sombra das árvores,

Acreditando em todas as potencialidades que a prática de leitura diária pode propiciar, esta ação foi de fundamental importância para o processo inicial de alfabetização e letramento, pois o desejo de ler os livros com autonomia mobilizou a turma para o aprendizado.

LUDICIDADE, ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lúcia Edi dos Santos Kurz

E. E. E. M. Dr. Antônio Leivas Leite – Pelotas/RS

Entendendo que a proposta do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é fornecer às professoras o embasamento teórico e recursos que permitam a alfabetização de todas as crianças, até o final do 3º ano, tornando o processo eficiente e prazeroso, e tendo como foco Piaget (1998, p. 160), quando afirma que “a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo por isso, indispensável à prática educativa”, buscamos uma forma lúdica de acompanhar as mudanças, nas práticas destas, a partir dos estudos realizados nos encontros de formação. Surgiu, assim, a mascote da turma 11 (Lilás). Lilás é uma boneca de pano que visita as salas de aula das alfabetizadoras, participando das atividades do dia. Um dos alunos é escolhido para realizar as atividades no caderno da Lilás (oportunidade para acompanhar os trabalhos realizados pela professora). Ao final da visita a cada escola, eu vou buscá-la e então, nesse dia, também observo o trabalho realizado. Assim, de forma lúdica, as alfabetizadoras são acompanhadas na prática de sua formação continuada, almejando, desse modo, consolidar os conceitos de alfabetização na perspectiva do letramento e da importância do uso de jogos e brincadeiras no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), compreendendo e desenvolvendo estratégias de inclusão de crianças com deficiência ou distúrbios de aprendizagem no cotidiano da sala de aula, e, ainda, criando um ambiente alfabetizador que favoreça a aprendizagem, considerando a heterogeneidade de conhecimentos dos aprendizes. Buscamos respaldo na bibliografia dos autores como Friedman, Vygotsky, Goleman e Santos. Observamos que, de acordo com Vygotsky (1984, p. 27):

É na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos que o educando aprende a agir em uma esfera cognitiva. Na visão do autor a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

Os objetivos propostos foram atingidos, indo além do esperado, visto que também outros aspectos foram contemplados, entre eles, as questões de afetividade e disciplina, a cooperação entre alfabetizadoras e alunos, e demais objetivos das unidades, como, por exemplo, o trabalho com diferentes gêneros textuais (elaboração de documentos das mascotes, bilhetes).

Referências

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

VIGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

MALA DE LEITURA

Larissa de Souza Schwanz
E. E. E. F. Arco Iris – Pelotas/RS

O presente trabalho foi realizado com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental na E. E. E. F. Arco Iris. Trabalhar com literatura infantil desde o processo de alfabetização é algo muito discutido por profissionais da área e adotado por muitos professores como algo indispensável para o bom desenvolvimento da oralidade e da escrita do aluno. Autores como Emília Ferreiro e Piaget já salientavam a importância de partir da realidade do aluno, mesmo ele não tendo contato em casa com livros, na escola é que poderá adquirir o hábito da leitura e isso fará parte de uma nova realidade de sua vida.

Primeiramente, foi proposto aos pais que estes lessem para seus filhos em casa, sendo que, cada dia, um aluno por vez levaria um livro de histórias do acervo literário do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa. Para casa, o aluno levaria uma mala (pasta decorada que dizia *Mala da Leitura*), um livro de histórias e um caderno de desenho, para desenhar ou escrever algo sobre o que foi lido. Assim que todos os alunos tivessem levado um livro, se repetiria novamente a ordem com outros livros diferentes. No dia que cada criança levava para casa, no outro dia apresentava o livro, contava oralmente a história e mostrava o desenho.

O projeto foi de suma relevância para aproximar a família da escola, sendo que esta é um agente importante para o processo de alfabetização do aluno. Além de ter aumentado, nos alunos, o gosto pela leitura, eles também adoravam o momento de partilha em sala de aula e em casa, mostrando que ler é algo fascinante e facilitador para o processo de aprendizagem.

NO DESABROCHAR DE UM PEQUENO APRENDIZ

Tatiane Furtado da Fontoura
E. M. E. F. Guido Timm Venzke – Canguçu/RS

Cuidar da saúde vai além do simples conhecer o que nos faz ou não bem. É, também, desvendar na semente lançada na terra e em cada alimento ingerido os seus benefícios e seus mistérios nutritivos, procurando maneiras de viver, de forma harmônica e saudável, nesse meio ambiente em que estamos inseridos, ou seja, numa verdadeira sintonia entre corpo, planeta e mente.

Assim, considerando que o tema saúde, sobre o olhar infantil, começa com o encantar, a criança, para sensibilizá-la sobre a importância de tudo que em nosso meio existe, em especial, as plantas e sua contribuição no equilíbrio de nosso corpo, e conduzindo-as ao processo de crescimento, aprendizagem e ampliação da visão de mundo, é que desenvolveu-se o Projeto *No desabrochar de um Pequeno Aprendiz*, cuidar da SAÚDE, é SEMEAR, por um FUTURO mais FELIZ, sendo o público alvo os alunos da Educação Infantil (4 anos), da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guido Timm Venzke (Posto Branco), no ano de 2016.

Desta forma, possibilitou-se a cada criança desta turma, família e escola, o sentimento do *zelar* pela sua vida, de forma saudável, vivendo, alegremente, a infância, mas traçando atitudes corretas, nos registros da história neste planeta! Planeta que é nossa casa, como é para nós, o nosso corpo e que deve ser cuidado, com muito amor, respeito e carinho.

Para o concretizar destes registros, foram vivenciadas diversas experiências, ou seja, através de músicas, dramatizações, teatro, vídeos, palestras, oficinas de culinária e pedagógicas, passeios, danças, brincadeiras, entre outras atividades, inúmeros foram os saberes compartilhados. E, em cada passo dado, em função destes, o olhar interdisciplinar, dinâmico, reflexivo e criativo esteve junto, sendo a alavanca destaque para esta concretização. Destaque este que resultou em *segurança* para maior frequência às aulas (mesmo em dias chuvosos), pois esses pequenos médicos, ambientalistas, cientistas e nutricionistas foram instigados para além da sala de aula: no toque do olhar, mexer, sentir, pensar e agir. Afinal, a educação não se constrói sozinha, ela é uma *teia de experiências e conhecimentos*, tecidas por inúmeras parcerias, em prol de um PLANETA mais justo, saudável e feliz.

O DEBATE SOBRE ASSÉDIO MORAL NA ESCOLA

Elisa Machado Milach
Daniela Grillo de Azevedo
E. E. E. M. Santa Rita – Pelotas/RS

No final de 2015, realizamos uma pesquisa com os alunos do turno da manhã da Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita sobre o assédio moral. A pesquisa surgiu dos debates em sala de aula em que foi recorrente a seguinte opinião entre os alunos: “As meninas gostam das cantadas, até pedem por isso, dependendo de como estão vestidas”. Diante dessas declarações, aplicamos um questionário para as meninas e um adaptado para os meninos, cujo intuito foi verificar a veracidade dessas afirmativas. As perguntas tiveram como base uma pesquisa realizada pela campanha *Chega de Fiu Fiu*, da ONG Olga.

Os dados analisados, no total de 66 questionários das meninas, mostraram que 64 já foram assediadas, e dessas, apenas duas consideravam *legal*. Sentiram-se *irritadas* 54, enquanto apenas 13 sentiram-se *bonitas*. Muitas, ainda, sentiam-se *irritadas* e *agredidas*. Também, 41 meninas já deixaram de passar por algum lugar a fim de evitar o assédio e 34 já trocaram de roupa por receio. Os dados obtidos nos questionários dos meninos, 63 no total, mostraram que 39 já assediaram.

Em março 2016, socializamos os resultados da pesquisa para todos os turnos da escola. Os espaços de discussões abertos foram bastante ricos, pois os alunos surpreenderam-se com os resultados apresentados. Especialmente os meninos, que não acreditavam que as meninas realmente sentiam-se daquela maneira em relação ao assédio moral. As meninas tiveram espaço para expressar-se sobre o assunto e dizer o que pensavam.

Entendemos que esses espaços de discussão são importantes no ambiente escolar, incentivando a liberdade de expressão e o *empoderamento* feminino, levantando questões presentes e pertinentes à nossa sociedade atual, especialmente porque o padrão de masculinidade não se constrói sem a contribuição feminina. O gênero é construído com o outro, feminino e masculino (RIBEIRO, 2008). Sendo assim, no ano de 2017, esta pesquisa terá continuidade na escola com novos levantamentos de dados, bem como, outros espaços para discussão, debate e conclusões.

Referência

RIBEIRO, Cláudia Regina. Gênero e sexualidade na escola: relato de uma educadora. *Ciência em Tela*, NUTES/UFRJ, v. 1, n.1, p.01-12, 2008.

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: REFLEXÕES DA COTIDIANIDADE DO EU – PROFESSORA DOS ANOS INICIAS

Neuza Pacheco Valadão
E. M. E. F. Santa Irene – Pelotas/RS

Este trabalho busca analisar como são trabalhados os conteúdos de geografia com os alunos da educação infantil. A pesquisa pretende salientar a grande importância que o conteúdo de geografia tem na construção dos sujeitos e que, no entanto, ainda não é trabalhado em sua plenitude, muitas vezes pelo fato de o professor dessa etapa de ensino não ter a formação necessária para a abordagem dos conteúdos desta ciência, ou por considerá-la menos importante, privilegiando os estudos de português e matemática. Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo geral: compreender e avaliar como é realizada a abordagem e o desenvolvimento dos conteúdos da geografia com os alunos da educação infantil em uma escola do município de Pelotas, e teve como objetivos específicos: identificar junto aos professores as dificuldades apresentadas na elaboração e no desenvolvimento das aulas de geografia para os educandos dos anos iniciais, avaliar as estratégias utilizadas no ensino de geografia na educação infantil e analisar se as dificuldades encontradas no ensino da geografia nos anos iniciais dizem respeito à defasagem da abordagem desse tema na educação infantil. Como metodologia, buscou-se entender o processo de construção dos conteúdos de geografia e, para alcançar os objetivos da pesquisa, foi realizada uma reflexão da prática docente da autora como professora da educação infantil da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Irene, Pelotas/RS, além de entrevistas com professores dos anos iniciais do ensino fundamental da mesma escola, na expectativa de delimitar dificuldades que estes apresentam e que podem ser sanadas a partir do ensino e aprendizagem dos conteúdos da Geografia na educação infantil. A análise realizada na escola diz respeito a uma pesquisa participante, por entender que estou inserida neste contexto onde será realizada a análise, atuando diretamente na coleta e observação de dados. A relevância deste estudo deverá ser a possibilidade de os professores compreenderem a importância da Geografia no desenvolvimento das crianças. Pretendo ainda, com este trabalho, ajudar os educadores a repensarem suas práticas pedagógicas e novas maneiras de trabalhar os conteúdos geográficos.

O DESPERTAR DE NOVOS AUTORES

Roseli Cristina Zanetti Pereira

E. M. E. F. Marechal Floriano – Canguçu/RS

Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim - Morro Redondo/RS

Sou professora de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Durante minha trajetória, percebi que parte dos alunos não gostavam de ler e escrever, escreviam muito mal e, na maioria das vezes, apresentavam dificuldades na interpretação de conteúdos diversos. Ao propor produções textuais, logo vinha, por parte deles, a preocupação com o número de linhas a ser escrito. Deduzi que precisava despertar neles o gosto pela escrita e leitura para assim facilitar a interpretação.

Durante toda a semana, trabalhava um tipo de texto (aqui usarei o exemplo de texto poético), e partia da leitura e interpretação, para as características do texto (rimas), aproveitando para trabalhar as outras disciplinas também de forma rimada ou poética. Ao final da semana, já estavam familiarizados com as características ali encontradas.

Segunda-feira, dia que costumava trabalhar as produções textuais, eles criavam o texto de acordo com aquele gênero trabalhado. Quando percebia dificuldades, propunha atividades em grupo, assim se auxiliavam mutuamente. Dessa forma, conseguia trabalhar os diversos gêneros textuais e, concomitantemente, os alunos descobriam as diversas formas de produção.

Na semana seguinte, escolhia outro gênero textual e, intercalados, sugeria produções a partir de sacola mágica, textos coletivos, textos rotativos (com troca dos cadernos e segmento do assunto ou com troca de cadernos, porém seguindo o primeiro assunto), textos com mímicas, através de gravuras, textos ao ar livre, releitura de textos, visitas à biblioteca com leituras livres etc. Dessa forma, despertava a curiosidade.

Em datas específicas, organizávamos produções teatrais, paródias, danças, para que assim pudéssemos realizar apresentações aos pais e comunidade. Depois de escritos, os textos eram lidos e havia uma votação do melhor texto da semana. Os melhores textos (selecionava um de cada aluno) eram colocados em um *livro da turma*. Nesse livro, colocava a foto junto com a produção textual de cada aluno, bem como os textos produzidos coletivamente. Quando a turma era menor, conseguia montar com a letrinha deles, porém, em turmas maiores, devido ao alto custo, digitava para imprimir. Durante a montagem e edição desse livrinho, havia muita expectativa por parte dos alunos e da família, que colaboravam vendendo rifas ou participando em outras promoções para angariar fundos para impressão. Geralmente, em um dia de festa na escola, fazíamos o lançamento do livrinho. Esse era um momento inesquecível. Era fantástica a alegria ao encontrarem suas produções e mostrarem para parentes, amigos, enfim, era um momento de trocas. Quando começa o ano logo perguntavam: “Nesse ano vai ter livrinho?”.

Para quem trabalha em escolas particulares, com alunos de classes mais favorecidas, pode parecer ingênuo o fato de haver a foto junto porque seus alunos têm lembrancinha de aniversário, convites e outros momentos em que suas fotos são evidenciadas, porém, com alunos de classes menos favorecidas, a foto impressa não é tão corriqueira.

Concluo que esse trabalho despertou o interesse pela leitura, o conhecimento dos diferentes gêneros, proporcionando uma identificação individual. Também percebi que ver um texto editado, mesmo que de forma muito simples, ocasionou satisfação ímpar. Nos dias das produções textuais, verifiquei o grande interesse em escrever, cada aluno comentava de onde surgiu a ideia, compartilhavam releituras de textos e fatos, procuravam sinônimos e significados de palavras, enfim, a experiência transformou positivamente a leitura, escrita e interpretação, tornando indivíduos mais pensantes, capazes de interpretar conteúdos e inferir significações aos textos lidos e ao mundo que os cerca.

O ENSINO DE MATEMÁTICA COM PROJETOS DE PESQUISA

Rafael Montoito

Maria da Graça Teixeira Peraça

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense –

Campus Pelotas – Pelotas/RS

Apesar de o ensino médio no IFSUL ser chamado de *médio integrado*, é bastante raro termos oportunidade de integrar o ensino de Matemática a outras disciplinas, mais ainda se considerarmos as disciplinas específicas dos cursos técnicos. Para a reversão desse quadro, seria necessário que diversas teorias e metodologias contemporâneas fossem colocadas em prática, o que não é muito fácil de se conseguir, uma vez que isso demanda uma mudança de concepção de ensino, de aprendizagem, de formação docente e de espaço escolar que, na prática, ainda são insipientes nas escolas. Na tentativa de apontar caminhos outros para o ensino de Matemática, trazemos aqui o relato de dois projetos de pesquisa, realizado com alunos bolsistas; apesar de não terem sido desenvolvidos com turmas completas, serviram como um espaço de *experimentação*, um ensaio para que conseguíssemos ver se, na prática, nossas ideias são exequíveis, antes de as desenvolver mais sistematicamente com grupos maiores de alunos. Ambos projetos foram desenvolvimentos, paralelamente, nos anos de 2015 e 2016.

O primeiro, chamado À Procura de Inter-relações entre Literatura e Matemática: Ler, Interpretar, Criar e Resolver Problemas Matemáticos Escondidos na Literatura, tinha como objetivo principal trabalhar conjuntamente os conteúdos de Matemática coligados à dimensão imaginativa, que não é levada muito em consideração no ensino desta ciência exata. Para tal, dois alunos, orientados por nós, leram *Sylvie e Bruno*, de Lewis Carroll, e tentaram encontrar ou criar atividades matemáticas a partir dos excertos. Em outros momentos, os professores também lhes propuseram atividades elaboradas a partir dessa mesma narrativa. O projeto apoia-se na ideia de que ler e escrever é compromisso de todas as áreas de ensino, aspectos defendidos por pesquisadores como Maria da Conceição F. R. Fonseca (2004), Adair Mendes Nacarato (2009), Luzia de Maria (2009), dentre outros.

O segundo, de nome *Matemática e Arte: uma Experiência Interdisciplinar*, contou com o auxílio de duas professoras da coordenadoria de Comunicação Visual. Estudamos, com quatro alunas desse curso, a matemática da civilização Maia, principalmente seu sistema numérico e a relação numérico-mítica das suas construções. Posteriormente, foi solicitado às alunas que criassem um produto que representasse a cultura desse povo e que apresentasse, de algum modo, seus conhecimentos matemáticos. O resultado é um conjunto de chá com a embalagem na forma de uma pirâmide maia. Tanto nas peças quanto na embalagem, vêem-se os algarismos e inscrições maias. Este projeto articula História da Matemática no ensino, conforme sugerem Iran Abreu Mendes (2013), Ubiratan D'Ambrosio (2005), Teresa Vergani (2007), dentre outros.

Percebe-se, então, que os projetos de pesquisa proporcionam ricos momentos de ensino e de aprendizagem de Matemática e deveriam ser usados mais frequentemente nas escolas. O desenvolvimento de projetos dá mais autonomia aos alunos, mostra outras faces da disciplina e rompe com a ideia de o professor ser o detentor do conhecimento. Esses e outros motivos são suficientes para que pensemos em desenvolver mais projetos com nossos alunos.

O LÚDICO VAI À ESCOLA

Patrícia de Faria Ferreira
Laurimei Charão Garcia
Secretaria Municipal de Educação de Herval/RS

O *Lúdico vai à Escola* é o projeto permanente do Setor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Herval, com ações diferenciadas que visam oportunizar aos professores e alunos atendimento educacional de qualidade, ampliando as alternativas pedagógicas e os processos de ensino e aprendizagem, possibilitando um ambiente criativo e de amadurecimento intelectual. O projeto atende os alunos da educação infantil e do ensino fundamental da rede municipal de ensino e, com frequência, a rede estadual.

São várias atividades que funcionam durante todo o ano letivo, a saber: a *Caixa de Jogos* fica na escola à disposição dos professores e da coordenação pedagógica para a utilização frequente, se possível diária, com os alunos na sala de aula. O método para seu uso será de escolha do professor ou coordenador. A *Brinquedoteca* está à disposição das escolas, com prévio agendamento, todas as manhãs no Polo Universitário. O acervo conta com diversos jogos educativos, brinquedos antigos, materiais adaptados, computador com internet, livros infantis interativos, teatro de fantoches, entre outros brinquedos educativos. O Ônibus-cinema leva até as escolas filmes infantis e juvenis, mostra de curtas-metragens, teatro de fantoches e contação de histórias. O tema trabalhado é relacionado a projetos e assuntos de interesse da escola. A *Tenda do Saber* acontece com a participação em datas comemorativas e eventos do município, levando aos alunos atividades lúdicas e educativas. As *Oficinas Pedagógicas e Literárias* são realizadas, no mínimo, uma vez por mês, em visita às escolas são elaboradas as atividades, segundo as necessidades apontadas pela comunidade escolar, valorizando e respeitando as peculiaridades da mesma.

Em avaliações periódicas, são destacados como aspectos positivos a flexibilidade do projeto, o atendimento às necessidades reais de cada escola e o respeito às diferenças de cada uma. Um desafio é mantê-lo, dentro da perspectiva apresentada, na nova gestão municipal.

A elaboração, organização e execução são de responsabilidade do setor de projetos da Secretaria de Educação juntamente com a equipe gestora das escolas e professores(as).

O MUNDO FANTÁSTICO DA LEITURA

Josimara Wikboldt Schwantz

Isabel San Martin Schwartz

E. E. E. F. Dona Gabriela Gastal - Capão do Leão/RS

Este trabalho apresenta um projeto de ensino executado no segundo semestre de 2015, nas turmas de 4º e 5º ano da E. E. E. F. Dona Gabriela Gastal, denominado *O mundo fantástico da leitura*. Teve por objetivo incentivar os estudantes à prática cotidiana do ler e, conseqüentemente, do escrever ao conhecer escritores e escritoras da literatura brasileira. A metodologia baseou-se em experimentação de leitura, oral e silenciosa, diante das matérias literárias oferecidas, pesquisa sobre vida e obra dos autores, produção textual e artística.

Trabalhou-se com Monteiro Lobato, João Simões Lopes Neto e Ruth Rocha. O projeto ocorria duas vezes por semana. A cada novo autor explorado, era realizado um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos em relação às produções referentes ao escritor destacado do mês. Os alunos tinham por tarefa descobrir elementos de suas biografias como: nome completo do literato, data de nascimento, cidade onde nasceu, fatos interessantes acontecidos em sua vida, principais livros ou personagens e outras curiosidades. Assim, o exercício era acionado de maneira que conhecessem o percurso histórico vivido por cada escritor. Também foram desenvolvidas ilustrações a partir das histórias selecionadas e produção de novos textos inventados e inspirados na obra escolhida da semana. Por exemplo, durante uma atividade de leitura do conto *Jogo de osso* de João Simões Lopes Neto, as crianças produziram desenhos na tentativa de ilustrá-lo e assistiram a uma animação adaptada da obra, disponível na internet. Os registros desempenhados durante as aulas foram sendo organizados em envelopes e, ao final do ano, expostos à comunidade escolar.

Como resultado, percebeu-se uma boa aceitação entre os estudantes que participaram ativamente das atividades, compreendendo a importância de um trabalho em equipe e o respeito mútuo entre os colegas. A leitura foi sendo tomada como um elemento indispensável nas práticas cotidianas em sala de aula e, também, o ato de escrever e reescrever textos. Verificou-se, durante e após a execução do projeto, que um maior número de estudantes vêm requisitando o uso do espaço da biblioteca na escola, bem como adquirindo autonomia em relação à escolha dos livros oferecidos à leitura. Além disso, constatou-se um senso crítico em relação a determinados autores e sua produção. Por meio dessa experiência, é possível compreender a importância da leitura para além de um hábito. Percebe-se que o ato de ler está imbricado no ato de escrever, como uma via de mão dupla, produzindo um processo de tradução da própria vida dos estudantes e suas escolhas.

O NOSSO CORPO

Heniane Passos Aleixo
Thaís Philipsen Grützmann
Fabiane Carvalho Bohm

Escola Especial Professor Alfredo Dub – Pelotas/RS

O trabalho apresentado resulta de uma experiência com uma aluna com surdo-cegueira congênita e sua colega com surdez, do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Especial Professor Alfredo Dub, escola bilíngue para alunos surdos, localizada na cidade de Pelotas, RS. A aluna participante deste trabalho se utiliza da Língua Brasileira de Sinais, Libras, em campo reduzido, para estabelecer a comunicação, visto ter baixa visão.

O relato apresenta a descrição de atividades contínuas desenvolvidas em 2016 sobre a consciência do corpo com o meio e consigo mesmo. Para as alunas da turma criarem uma noção do próprio corpo, primeiramente, foram feitas imitações da rotina habitual do banho, para quando fossem dados os passos, elas já irem internalizando as respectivas partes do corpo. Em um segundo momento, as alunas deitaram sobre um pedaço de papel pardo, onde uma desenhou a outra, cuidando para que não faltasse nenhuma parte do corpo. Após a aluna sair de cima do papel, deveria ser completado o corpo da colega com os órgãos que estavam faltando. Em outro momento, as alunas deveriam olhar os desenhos e identificar as diferenças entre eles, de estatura, cabelos, cor dos olhos, entre outros. Depois de identificadas as diferenças, a professora mediu a altura das alunas, colocando um barbante atrás da porta do tamanho delas, e comparando com uma pesquisa feita anteriormente, com a medida que elas nasceram.

A professora também se deitou no papel pardo e as alunas fizeram o seu desenho. Depois de finalizado, a professora fez fichas com o nome das partes do corpo humano, e foi auxiliando onde deveriam ser colocadas tais fichas. Este desenho com os respectivos nomes ficou exposto na sala de aula para auxílio no vocabulário do português.

As alunas participaram ativamente de todos os momentos, vivenciaram as atividades, tiveram uma apreensão e uma compreensão maior sobre seu corpo, valorizando suas diferenças e percebendo as semelhanças, as mudanças ocorridas ao longo do tempo, compreendendo as diferentes funções do corpo humano. O presente relato foi significativo para as alunas em questão, pois ao fazer relação com a rotina delas e a noção da estrutura corporal, estabeleceu-se grande interesse por estudos sobre o corpo humano levando a outras atividades equivalentes. Percebeu-se um aprendizado com sentido no momento que as alunas corresponderam às atividades de forma espontânea e motivada, questionando sobre seu corpo e o funcionamento de cada órgão.

O PROCESSO DE INCLUSÃO E LETRAMENTO DIGITAL NOS ANOS INICIAIS

Haidi Wehrmann Reinar Steinle
Neemias Steinle

E. M. E. F. Nestor Elizeu Crochemore - Pelotas/RS

O presente relato busca apresentar o uso e as possibilidades didáticas da Ferramenta LABILED – Laboratório de Inclusão e Letramento Digital, no processo de letramento e inclusão digital, em uma Escola do Campo – Rede de Ensino Municipal de Pelotas, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (E. F.).

Desenvolvemos a pesquisa-ação sob a ótica do método indutivo segundo Demo (2001). Sendo assim, os dados obtidos no processo de construção do conhecimento foram analisados de forma descritiva, e o interesse voltou-se mais às possibilidades de uso do produto no processo de aprendizagem. A coleta de dados foi realizada por meio da análise dos relatórios de acesso e desempenho fornecidos pela Plataforma e Questionários, disponibilizados aos sujeitos da pesquisa. Nesse cenário, os sujeitos da ação docente constituíram-se de alunos e professores da Educação Básica.

A prática pedagógica se desenvolveu com a utilização do Blog LABILED. Analisamos os relatórios da plataforma, anotações do pesquisador e um questionário, com o intuito de traçar estratégias para desenvolver e planejar as atividades de letramento (KLEIMAN, 1995) a serem aplicadas na aula presencial, de modo que estas fossem compatíveis com o nível de letramento dos alunos no ano de 2016.

Sendo assim, a referida modelagem propõe que a interação se desenvolva com a união do espaço do aluno e do feedback do professor em sala de aula. Para tanto, utilizamos os conceitos de interatividade e de feedback propostos por Leffa (2003).

Disponibilizamos atividades compostas de palavras, frases, expressões idiomáticas, imagens e áudios que são organizadas por lições em função de uma temática ou tópico alvo determinado no planejamento didático da turma. Como parte do processo de aprendizagem, os aprendizes acessaram dinâmicas de aprendizagem denominadas AILED – Atividades Integradas de Aprendizagem em meio Digital –, que possibilitam ao professor enviar para as turmas, semanalmente, o material on-line.

Para tanto, realizamos apontamentos concernentes às questões norteadoras desta ação: num primeiro momento objetivou-se verificar a possibilidade de utilização do LABILED, como um meio de estímulo, no processo de aprendizagem dos componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais.

Em um segundo momento, procurou-se verificar se os elementos do mundo da perfeição criado pelo jogo (HUIZINGA, 2000) constituem-se como elementos facilitadores para o aprendente na interação e construção do conhecimento nos anos iniciais. Nesse contexto, os alunos e professores pesquisados solicitaram, no questionário de avaliação, a continuidade do Projeto LABILED. Estes afirmam estar aprendendo com maior facilidade os conteúdos estudados por meio da AILED.

O TEATRO COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA

Marismar Chaves da Silva

Aline Souza

E. E. E. M. Areal – Pelotas/RS

Nosso projeto começou a ser pensado no ano de 2015, enquanto planejávamos o componente curricular Seminário Integrado a ser desenvolvido no ano de 2016. Nossa Escola, Areal, recebia o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que avaliava o desempenho de professores e alunos no referido Seminário Integrado em que foi diagnosticada a necessidade de fazer um trabalho de cunho mais prático, visto que, na época, todas as séries do Ensino Médio realizavam o mesmo projeto baseadas na formação do aluno pesquisador. Percebeu-se que a mesma proposta aplicada nos três anos do Ensino Médio era cansativa, repetitiva e não atendia à necessidade de construir um trabalho que preparasse o aluno de forma integral para o seguimento de seus estudos, nem aprimorava suas capacidades para o ingresso no mundo do trabalho de forma eficaz. Dessa maneira surgiu o projeto *Teatro como recurso pedagógico no desenvolvimento da cidadania*. O projeto foi desenvolvido com os alunos do primeiro ano da instituição escolar e contou, na sua gênese, com o diagnóstico realizado pelo PIBID, bem como com as sugestões de intervenções do estudo e com a adesão da direção da escola e das professoras acima nomeadas, Lúcia Galli (professora de Geografia), Dóris Beirsdorf (Professora de Química), Aline Souza e Marismar Silva (Professoras de Língua Portuguesa).

O projeto tinha como objetivo desenvolver uma ação vivencial, em que o aluno, a partir da observação do seu entorno social, cultural e político, pudesse vivenciar a transformação dessa realidade em objeto de estudo sistematizado. No diagnóstico realizado pelo PIBID constatou-se que o aluno encontrava dificuldades de traduzir em palavras e atitudes o que era percebido nas pesquisas trabalhadas pelos professores do Seminário. A produção do aluno estava muito presa à leitura e cópia mecânica e automatizada, feita para atender uma demanda escolar, encontrando dificuldade de se perceber como sujeito construtor de sua aprendizagem, em que sua linguagem era reprodução de uma realidade estabelecida, da qual não havia apropriação e da qual se distanciava e a compunha como uma obrigação sem de fato envolver-se cognitivamente e emocionalmente com os fatos abordados, salvo algumas exceções, que dependiam muito mais do esforço do professor envolvido no processo do que do aluno. O teatro aparecia como uma possibilidade de oportunizar a vivência do aluno com os fatos por ele elencados como objeto de estudo. A intenção não era formar o ator ou o artista teatral, mas permitir através dos jogos dramáticos o desenvolvimento de capacidades e habilidades que a aula e o trabalho de pesquisa tradicionalmente elaborado na escola não conseguia atender. Nas palavras de Grassi (2008, p. 135):

Os jogos dramáticos permitem o estabelecimento de um espaço e de um tempo de criação e imaginação, construção de conhecimentos, expressão e elaboração de sentimentos, conquista de autonomia, vivência de liberdade, estabelecimento e estreitamento [...] da espontaneidade, desenvolvimento da capacidade de observação, percepção, análise e síntese, pensamento, linguagem, conhecimento, domínio e equilíbrio do próprio corpo e de suas possibilidades expressivas, relacionais e motrizes.

E muitos outros elementos que não cabem nesse resumo. O projeto resultou numa transformação das relações interpessoais no contexto escolar, aproximando todos os agentes do processo ensino/aprendizagem; houve um significativo progresso da postura do aluno diante do ato de aprender, bem como o professor sentiu-se mais capacitado para realizar as metas da educação no que diz respeito a formar um aluno capaz de aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a conviver. No momento, não podemos ainda quantificar os resultados do nosso trabalho, no entanto, são visíveis a todo corpo da comunidade escolar as transformações no ambiente social, político e cultural da Escola Areal.

Referência

GRASSI, Tânia Mara. **Oficinas psicopedagógicas**. Curitiba: Ibpx, 2008.

O TEATRO COMO SUBSÍDIO PARA A AULA DE LÍNGUA INGLESA

Joice Mirapalhete Fabra

Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar - Santa Vitória do Palmar/RS

No segundo semestre do ano de 2014, foi planejado e realizado o projeto *Teatro em Inglês*, no colégio Estadual Santa Vitória do Palmar. Este projeto fez parte das atividades organizadas para o Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio, em que abrangeu os alunos dos 2º anos.

As peças teatrais foram desenvolvidas com base nas fábulas infantis que os alunos já conheciam, como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida* e *Cinderela*. Essas fábulas foram encenadas em Inglês pelos alunos das turmas 201, 202 e 203, que precisaram se reunir para construir o cenário, organizar e produzir as falas na língua estrangeira para as cenas.

O projeto teve como objetivo desenvolver a oralidade e a criatividade de produção oral e escrita na Língua Inglesa. Assim, optou-se pelo teatro e por contos de fadas conhecidos, para que os alunos pudessem associar as falas e para que a compreensão se tornasse mais acessível para os alunos que assistiriam às encenações. O projeto teve colaboração dos professores de Literatura e Sociologia, a fim de trabalhar a interdisciplinaridade. Atividade referente ao desenvolvimento do Caderno Formação de Professores do Ensino Médio – Áreas do conhecimento e integração curricular, proposta pelo Pacto.

Essa etapa do caderno de formação pretendia que os professores refletissem acerca de uma maneira de viabilizar as metas colocadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de:

[...] preparar o educando para o trabalho e a cidadania, de modo que ele possa continuar aprendendo e ser capaz de se adaptar a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; promover o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual, além do pensamento crítico; possibilitar a compreensão dos fundamentos científicos-tecnológicos e dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática (BRASIL, 2013, p. 06).

Assim, as disciplinas de Sociologia e Literatura foram fundamentais para discutir com os alunos aspectos da linguagem figurada das falas utilizadas nas peças e aspectos do comportamento humano.

Além de alcançar os objetivos propostos, o projeto propiciou aos alunos a integração entre as turmas e o espírito de cooperatividade, pois tiveram que trabalhar juntos para apresentação do teatro. Este foi apresentado para todas as turmas do Ensino Médio da escola.

Referência

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Formação de professores do ensino médio. Áreas de conhecimento e integração curricular. Etapa I - Caderno IV.** RAMOS, Marise Nogueira; FREITAS, Denise de; PIERSON, Alice Helena Campos [Autores]. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE

Patrícia da Luz

E. M. E. F. Assis Brasil - Pedras Altas/RS

Esta experiência tem como objetivo demonstrar a contribuição da cultura popular e a desmistificação do uso das ervas medicinais em nosso município, bem como compreender a importância da utilização correta das mesmas. O seguinte projeto foi desenvolvido com alunos do quinto ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Assis Brasil, no Município de Pedras Altas/RS. A realização do referido trabalho foi uma oportunidade de aproximar os educandos da apropriação e do conhecimento da utilização das ervas medicinais e teve como objetivos: a) conhecer as ervas medicinais mais utilizadas na nossa localidade; b) recolher as ervas medicinais para fazer a desidratação das mesmas; c) visitar o herbário localizado no interior do Município; d) reconhecer a utilidade de cada erva medicinal; e) buscar dados sobre a importância da utilização das ervas medicinais; f) escrever pequenos textos sobre as ervas medicinais; g) desenhar as ervas medicinais; h) catalogar as ervas medicinais mais utilizadas na comunidade; i) construir um livro sobre as ervas medicinais.

Os primeiros encaminhamentos foram realizados em sala de aula, momento em que os educandos sugeriram o trabalho com o tema, pois no município existe um grande potencial e interesse na área. Há um herbário comunitário no interior, onde, além de produzirem-se ervas medicinais utilizadas na vida diária da comunidade, fabricam-se travesseiros com ervas aromáticas, infusões, sabonetes artesanais, daí o interesse dos alunos em realizar este projeto.

A partir dos questionamentos surgidos em aula, foram emergindo novas hipóteses, pensamentos, conceitos sobre a utilização das ervas medicinais.

A culminância do projeto se deu no final do mês de maio e 2017, quando os educandos realizaram uma exposição das ervas medicinais que foram recolhidas e catalogadas em aula. Na ocasião, os alunos ofereceram à comunidade escolar uma tarde de degustação dos chás mais utilizados na comunidade. Esta pode participar e ouvir dos educandos uma lição de carinho, interesse e, acima de tudo, a responsabilidade com a mudança de vários hábitos (a automedicação, ou uso em abundância das ervas medicinais) até então cultivados pelos mesmos e seus familiares. A realização do projeto permitiu a construção de novos conhecimentos.

OFICINA DAS SENSações

Heniane Passos Aleixo
Thaís Philipsen Grützmann
Fabiane Carvalho Bohm

Escola Especial Professor Alfredo Dub – Pelotas/RS

O presente relato a ser apresentado resulta de uma experiência com uma aluna do 2º ano do Ensino Fundamental com surdo-cegueira congênita, a qual frequenta a Escola Especial Professor Alfredo Dub, escola bilíngue para alunos surdos, localizada na cidade de Pelotas/RS. A linguagem é um requisito fundamental para a relação entre os sujeitos, e pode ser manifestada de várias formas. A aluna em questão se utiliza da Língua Brasileira de Sinais, Libras, em campo reduzido, para estabelecer a comunicação, visto ter baixa visão. O relato apresenta atividades contínuas desenvolvidas em 2016 sobre os sentidos do nosso corpo. Para a criança com surdo-cegueira, a informação sensorial a ajuda a compreender melhor o mundo em que vive, a usar seus resíduos sensoriais e suas habilidades. Quanto mais cheia de significados a atividade desenvolvida, maior é sua consciência corporal.

A oficina das sensações foi distribuída ao longo de vários dias, e cada dia foi trabalhado um sentido diferente. Para trabalhar o paladar, foram oferecidos diversos alimentos, em pratinhos ou potinhos com colherinhas descartáveis. A aluna cheirava os alimentos e logo em seguida os provava, dizendo o nome e se ele era bom ou ruim, doce/amargo/azedo/salgado. Para o tato, foi oferecida uma caixa com diversos objetos dentro; a aluna deveria tocar, dizer o que era, se era macio/áspero, duro/mole, quente/frio. Para o olfato, foram disponibilizados diversos frascos com odores diferentes, a aluna não poderia olhar dentro dele e deveria descobrir pelo cheiro qual o produto ou alimento utilizado, dizendo também se considerava bom ou não. Ao trabalhar a visão, a professora foi para o pátio com a aluna e pediu para que observasse o que estava à volta, percebendo detalhes, como cores, vegetação, pessoas; em seguida, fez a reprodução do desenho em uma folha, e voltou ao pátio para verificar se o desenho ficou parecido com o observado.

Por ser uma escola para pessoas com surdez, a audição é trabalhada de maneira informativa, explicando que eles são sujeitos surdos ou com deficiência auditiva que se comunicam por outra língua que é a Língua Brasileira de Sinais. As pessoas ouvintes podem identificar música, barulhos diversos, vozes de pessoas, mas eles, sendo pessoas com surdez, podem sentir a vibração dos sons no seu corpo. Esta experimentação foi feita com som no computador e tocando com a palma da mão no coração.

Esta atividade foi significativa para a aluna com surdo-cegueira, uma vez que foram possibilitadas novas experiências partindo das questões do dia a dia, contribuindo para a promoção do seu conhecimento, já que essas oficinas a motivaram a conhecer o próprio corpo e, com isso, percebeu-se um grande crescimento da sua aprendizagem.

OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA A PARTIR DA LEITURA DE “CARTAS DE AMOR AOS MORTOS”

Cecilia Novack Oliveira

Marília Dias Treicha

Deliane Leivas Tavares

E. E. E. M. Dr. Antônio Leivas Leite – Pelotas/RS

Este trabalho tem como tema a leitura e a escrita criativa de alunos do 2º ano do Ensino Médio da E. E. E. M. Dr. Antônio Leivas Leite, a partir da leitura do livro *Cartas de amor aos Mortos*, de Ava Dellaria. Após a constatação, pela professora de Seminário Integrado, de que a turma tinha dificuldades interpretativas e de produção escrita, o grupo do PIBID/Letras/UFPel, que realiza ações na escola citada, pensou desenvolver estas duas habilidades através da leitura do livro e da produção de cartas. Voltar-se para um gênero que caracteriza épocas remotas de nossa história literária é um modo de propor uma nova forma de escrever e produzir significado em plena era digital, lembrando que:

[...] a escrita de cartas pessoais nos coloca diante de uma situação semelhante a da conversa espontânea [...]. Não existem, propriamente, imposições do gênero de discurso, decorrendo as possíveis restrições antes do tipo de relação (mais ou menos íntima) entre os correspondentes [...]. De fato, tudo cabe na carta pessoal (SILVA, 1995, p. 235).

Assim, não trataremos da escrita de cartas argumentativas ou comerciais, e sim de cartas pessoais e/ou literárias. Os alunos não conheciam o livro que seria trabalhado, desse modo, as primeiras seis cartas foram distribuídas aleatoriamente e lidas entre os alunos que estavam sentados em círculo. Após, foi aberta uma discussão sobre os temas: vida/morte, cartas, leitura e lembranças/memória. Por fim, foi solicitado que os alunos escrevessem uma carta que deveria ser destinada a alguém que fizera parte da vida deles, mas que já falecera, ou produzida sob a perspectiva de uma das personagens do livro. Inicialmente, a percepção dos alunos sobre o livro foi de interesse pela história e a vontade de seguir a leitura, que foi verificada através da leitura integral do livro, por alguns posteriormente, além do compartilhamento de trechos do livro nas redes sociais.

Referência

SILVA, Vera Lúcia Paredes Pereira da. Ao correr da pena: aspectos da organização tópica em cartas pessoais. In: HEYE, Jürgen (Org.). **Flores Verbais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p.231-246.

OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR NA QUALIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS ANOS INICIAIS: A INSTITUIÇÃO DA HORA-ATIVIDADE

Jorge Antônio de Oliveira Satt

Ida Letícia Gautério da Silva

E. M. E. F. João de Oliveira Martins - Rio Grande/RS

O presente texto objetiva dialogar acerca da experiência de implantação da hora-atividade na Escola Municipal de Ensino Fundamental João de Oliveira Martins, enquanto espaço-tempo de estudo, planejamento e discussão das professoras de anos iniciais sobre problemáticas pertinentes ao fazer docente, como estratégia de qualificação da prática pedagógica. A hora-atividade significa a inclusão de disciplinas no currículo dos anos iniciais, tais como: artes, educação física, língua estrangeira, contação de histórias, entre outras atividades que oportunizam 4 horas semanais para o/a professor(a), regente de classe, dedicar-se às atividades formativas, sendo que estas podem ser realizadas tanto no âmbito escolar quanto fora dele.

Essa caminhada iniciou em 2012, quando assumimos a gestão da escola e, à época, dispúnhamos de 1h30min semanal para a realização de reuniões, trocas de experiências, estudos e planejamentos. De lá para cá, e com muita insistência da equipe diretiva junto à Secretaria de Município da Educação de Rio Grande – SMed/Rio Grande/RS, conseguimos a ampliação deste tempo. Nessa perspectiva, concordamos com Warschauer (2001, p. 183), quando diz que:

Defender a formação de professores através de redes de partilha entre pares e na organização escolar não significa que se exclua os especialistas e pesquisadores, pois seria prescindir de conhecimentos que alimentam a prática docente. Entretanto, é necessário que o diálogo e a abertura para a aprendizagem entre essas categorias profissionais se dêem em reciprocidade e não reproduzindo a concepção de que os professores, como práticos, devem aplicar as teorias geradas pelos especialistas do meio científico acadêmico.

A instituição do espaço-tempo de formação no ambiente escolar é o reconhecimento do trabalho intelectual do professor e a reflexão sobre a prática é parte fundamental de seu fazer com vistas a melhorar sua ação político-pedagógica.

Referência

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PARADA LITERÁRIA – O EXEMPLO DE LER E CONTAR HISTÓRIAS TAMBÉM É ENSINAR

Letícia Fonseca da Silva
Adriane Carrilho Esperança Vergara
E. M. E. F. Frederico Ozanan – Pelotas/RS

Sabendo que o aluno tem pouco contato com a leitura em seu ambiente familiar, apresentando na escola dificuldades de aprendizagem decorrentes dessa carência, fez-se necessária a realização de um trabalho que despertasse o gosto e o hábito da leitura, condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual do educando. Com o objetivo de despertar a curiosidade e o prazer de ouvir e contar histórias, valorizando a literatura nas suas mais diversas formas e gêneros, a presente experiência relata o projeto chamado *Parada Literária*. O mesmo foi elaborado e desenvolvido durante o ano de 2016 na E. M. E. F. Frederico Ozanan, no município de Pelotas, e atingiu os alunos de séries iniciais e educação infantil, envolvendo grande parte dos educadores da escola e mais da metade dos alunos.

Incentivados pela coordenação pedagógica da escola e na busca de integrar o Projeto Doce Leitura, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação, os professores acordaram em parar suas atividades uma vez por semana, ao mesmo tempo, para convidar os alunos a ouvir histórias contadas por eles. Ao pensar nessa ação, os docentes não mediram esforços diante da precariedade de espaço físico incapaz de acolher o grande número de alunos. Nada foi empecilho para motivar e dar o exemplo de ler aos seus alunos. A *parada* foi uma ação na qual todos os envolvidos paravam ao mesmo tempo para escutar um docente que contava uma história. Como a escola é pequena, esse encontro de alunos e professores acontecia em diversos espaços conforme a disponibilidade e o tema abordado.

O projeto era parte de outras ações de incentivo à literatura, que culminaria com a Jornada Literária, a qual acontece com outras escolas da rede municipal de ensino no final do ano letivo. Porém, o que nos chamou atenção foi que o projeto da Parada Literária esteve paralelo a outras atividades, tornando-se prática rotineira da escola. Os alunos já esperavam e ficavam ansiosos para escutar a história semanal que poderia ser contada por um educador ou seu convidado. Os saberes docentes demonstrados nesses momentos, através de diferentes metodologias utilizadas, refletem a intenção do professor de fazer a mobilização interna do aluno com as diversas estratégias de apresentar o conhecimento respeitando a heterogeneidade das formas de aprender defendidas por Charlot (2013). Para o autor, "temos de ler o mundo com a lógica dos outros, com os olhares dos outros, para entender como se constrói a experiência dos outros, como se estrutura o mundo dos outros" (CHARLOT, 2013, p. 163).

Desta forma, o professor que era responsável por apresentar a história da semana, conforme calendário organizado pela coordenação pedagógica, utilizava desde a leitura com expressão oral e facial até teatro envolvendo familiares e alunos de diferentes

turmas. As fontes de livros faziam parte do acervo literário da biblioteca, o que depois era disponibilizado para empréstimo. Para nossa alegria, a professora responsável pela biblioteca contou que tinha fila de espera desde a primeira história apresentada na Parada Literária, pois os alunos tiveram o interesse de ler o que escutaram, explorando a fonte apresentada e atingindo o nosso objetivo, que era incentivá-los à leitura através do nosso próprio exemplo.

Concomitante a outras ações, nas quais os professores tinham atividades de literatura para integrar a Feira do Livro na escola e a Jornada Literária do município, as diferentes estratégias utilizadas por esses profissionais para dar significado ao projeto demonstraram que o saber dos professores é heterogêneo e provém de diversas fontes, desde o saber científico, o saber curricular, o saber da experiência profissional até o saber cultural, produzindo, conseqüentemente, diferentes competências que são demonstradas nas suas ações pedagógicas.

A coordenação pedagógica, na qual eu fazia parte no momento, pretendia dar visibilidade ao saber docente defendido por Tardif (2014), quando explica que “[...]a tendência dominante atualmente é reconhecer que os práticos do ensino possuem um saber original, oriundo do próprio exercício da profissão, que chamamos conforme o caso, de saber da experiencial, saber prático” (TARDIF, 2014, p.297), dando assim, o seu exemplo como forma de mobilizar o aluno na busca do conhecimento, neste caso, na busca da leitura que, nos dias de hoje, nos parece que deixou de receber a devida importância na vida dos indivíduos.

Assim, a Parada Literária, através dos saberes docentes, mostrou-nos a importância desta prática no ambiente escolar, pois não bastava saber ler e simplesmente cobrar a leitura, era preciso fazer uma leitura reflexiva, entender o que a escrita expressava, compreender não somente os livros, mas o mundo a sua volta, ampliando o vocabulário, bem como a capacidade de compreensão e argumentação, tanto escrita quanto oral. O projeto colocou as crianças em contato com o mundo mágico da leitura, oportunizando-lhes, além do prazer da descoberta de histórias, através de diferentes estratégias, a redução das carências apresentadas na leitura e escrita, buscando a mobilização interna que o aluno deve atingir na procura destes conhecimentos, tanto como fonte de entretenimento quanto de crescimento intelectual e participação social.

Referências

- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PELOTAS: RAÍZES, TRADIÇÃO E INSTITUIÇÕES

Daniel de Souza Lemos

E. M. E. F. Dr. Mário Meneghetti - Pelotas/RS

Pelotas é uma cidade com pouco mais de duzentos anos de história e, apesar dessa jovialidade que caracteriza a Princesa do Sul, observa-se que o povo pelotense ainda não se apropriou de sua própria história. Portanto, é preciso que se busquem formas e meios de se difundir o conhecimento histórico acumulado sobre Pelotas. Esse, portanto, é o foco da experiência, a divulgação crítica da história de Pelotas, suas raízes, tradição e instituições. O trabalho foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Mário Meneghetti, localizada no Bairro Getúlio Vargas. Os participantes do processo foram os alunos da Educação de Jovens e Adultos, da 9ª etapa, totalizando 20 estudantes, do turno vespertino.

O currículo da Educação de Jovens e Adultos, oferecido pela rede municipal de educação de Pelotas, apresenta um componente denominado *Prática Integrada*. Destina-se a trabalhar competências e habilidades que apresentam aos educandos reflexões críticas sobre a sua realidade social utilizando diferentes linguagens – verbal, musical, gráfica, plástica e corporal – de modo a potencializar a apropriação, por parte do estudante, do conhecimento que a escola lhe proporciona.

Dessa maneira, foram trabalhados elementos que constituem o cabedal histórico da cidade de Pelotas como: a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul e a região sul; a empresa charqueadora nos Arroios Pelotas e São Gonçalo; a mão-de-obra do trabalhador africano escravizado; a Literatura pelotense: Lobo da Costa e João Simões Lopes Neto; a presença européia em Pelotas, os imigrantes; o patrimônio arquitetônico; a cultura popular; carnaval; as instituições políticas: Câmara de Vereadores, Prefeitura e Judiciário.

Vários autores foram utilizados como referência, em especial, o atual celeiro de novos trabalhos de pesquisa realizados pelos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, que têm demonstrado grande interesse sobre Pelotas. Destacando-se: Marcos Hallal dos Anjos, Eduardo Arriada, Ester Gutierrez, Leandro Ramos Betemps, Beatriz Loner, Mário Osório Magalhães, Roger Costa da Silva, Jonas Vargas, Caiuá Allan, entre outros.

Como recursos didáticos, foram utilizados o texto escrito com debate-diálogo, exercícios de fixação, caça-palavras, palavras-cruzadas, colorir mapas, colorir os casarões históricos, leitura e representação em esquetes teatrais de fragmentos das obras de Lobo da Costa e João Simões Lopes, pesquisa e recorte de jornais e revistas sobre vários temas das tradições de Pelotas, entre outros.

Conclui-se que, a partir do desenvolvimento dos conteúdos propostos, utilizando variados recursos didáticos, foi possível divulgar e interpretar criticamente aspectos da história de Pelotas, bem como colocar à disposição dos estudantes envolvidos no processo saberes relativos a sua cidade, proporcionando uma nova postura do educando frente à possibilidade de se apresentar como cidadão conhecedor da suas origens.

PIBID INTERDISCIPLINAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES

Aline Notari
Raquel Schmidt
Quenia Carrilho

E. M. E. F. Núcleo Habitacional Dunas – Pelotas/RS

O relato de experiência pretende refletir sobre as aprendizagens referentes ao PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES, na Escola Municipal Núcleo Habitacional Dunas desde 2014. Participam do programa bolsistas das diferentes áreas do conhecimento, duas supervisoras da escola selecionadas pela UFPel e uma coordenadora institucional da área da Pedagogia.

O programa desenvolve-se na escola, nos eixos disciplinares e interdisciplinares. O eixo interdisciplinar tem como objetivo unir as vivências e superar as fragmentações das áreas de conhecimento presentes no currículo escolar para atuar nas escolas da rede pública, apoiando esses estudantes e aproximando escola e universidade. As reuniões interdisciplinares e as ações acontecem semanalmente na própria escola. As turmas atendidas nesse período foram pré-escola, primeiros e quartos anos do turno da manhã.

Inicialmente, houve a necessidade de fazermos um diagnóstico da realidade escolar. A partir do diagnóstico, foi montado um projeto interdisciplinar que teve como objetivo realizar oficinas com as crianças na escola, ao longo de 2015 e 2016. As ações do projeto desenvolveram-se da seguinte maneira: escolha do tema e planejamento da atividade, execução da proposta, avaliação e planejamento da próxima. Os temas do projeto foram: a) corpo e movimento: ações de expressão corporal (brincadeiras que envolviam atividades de equilíbrio; noções de espaço; lateralidade; entre outras possibilidades) e ações de movimento corporal (experimentação de diferentes estilos de dança e ritmos musicais); b) brincadeiras e jogos: ações com jogos matemáticos e jogos pedagógicos que auxiliassem o desenvolvimento do raciocínio lógico das crianças; ações com jogos e brincadeiras lúdicas nas quais as crianças poderiam experimentar repertórios de brincadeiras em tempos e espaços diversos; c) arte e cultura: ações estéticas; dança; manifestações culturais; ações de leitura e dramatizações de histórias literárias e/ou produzidas pelas crianças trabalhando questões de gênero, por exemplo.

Após a realização das atividades, decidimos refletir a respeito de algumas aprendizagens que os bolsistas e as supervisoras construíram nesse processo das oficinas interdisciplinares desenvolvidas pelos alunos pibidianos. Percebemos maior envolvimento do grupo interdisciplinar na elaboração e na ação das atividades, nas quais houve troca de saberes de ambas as partes e a participação das crianças em atividades dinâmicas, as quais ajudaram os estudantes com a experiência de iniciação à docência a perceber os pontos significativos para as ações futuras.

PIQUENIQUE LITERÁRIO: LER É DE FATO UM PRAZER

Liana Barcelos Porto

E. M. E. F. São João Bastista de La Salle – Canguçu/RS

O objetivo dessa experiência foi despertar o gosto pela leitura, a criticidade, a criatividade e a escuta do outro, tendo como plano de fundo a literatura infantil. Os partícipes do trabalho são os alunos do 3º ano dos anos iniciais da E.M.E.F. São João Batista de La Salle, situada na Glória (1º distrito de Canguçu).

A ideia do projeto surgiu diante das dificuldades encontradas no início do ano letivo, bem como do resultado apresentado no diagnóstico de leitura. Pensou-se, então, em algo que pudesse envolver as crianças no mundo da leitura de forma prazerosa. Desse modo, a professora resolveu inserir no contexto da leitura ambientes diferentes da sala de aula, espaços livres onde a prática da leitura se efetivasse mais livre, transformando-se em uma ação espontânea e prazerosa. Assim, surgiu o projeto *Piquenique Literário: Ler é de Fato um Prazer*. Vale frisar que, para Barbosa (1994, p. 141): “A escola deve se organizar em função de um novo conceito de leitura, que supõe a adoção de um novo processo de aprendizagem”. Nesse sentido, a educadora procurou oportunizar momentos de leituras diferenciados, nos quais a leitura não acontecesse por si só, e sim no coletivo, na roda, objetivando atingir o que diz Freire (2001, p. 56): “Mas para mim, desde o início, nunca foi possível separar a leitura das palavras da leitura do mundo. Segundo, também não era possível separar a leitura do mundo da escrita do mundo. Ou seja, linguagem”.

O mundo está cheio de significados que precisam ser compreendidos como as transformações que ocorrem na natureza, nas sociedades etc. Alfabetizar deve compreender o significado da leitura do mundo. Não se pode integrar ao mundo aquele que não entende seus símbolos, códigos e palavras. E, para integrar as pessoas ao mundo, elas precisam ser ouvidas. Esse foi o cerne do projeto: a escuta do outro, as contações grupais. As atividades foram bem variadas e sempre buscaram esse objetivo, tais como: rodinha de leitura, encenação com fantoches, piquenique e debate ao ar livre, piquenique no refeitório, malinha da leitura familiar etc.

O projeto ainda continua em execução, mas pode-se afirmar que contribuiu para a formação leitora qualificada dos alunos do 3º ano. Com o desenvolvimento das ações da experiência supracitada, foram superadas muitas barreiras, o que tornou possível transformar a realidade encontrada. A função da escola não é só ensinar a ler mecanicamente, mas considerar a leitura como um meio imprescindível para a construção de saberes e um poderoso instrumento contra a alienação.

Referências

- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

POEMAS DA ALMA: UMA VIAGEM ALÉM-MAR ATRAVÉS DA POESIA

Carlos Eugênio Costa da Silva

Marcele Fernandes

E. M. E. F. Frederico Ozanan – Pelotas/RS

No mês de novembro do ano de 2016, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Frederico Ozanan realizou a sua Feira do Livro, onde o poeta Carlos Eugênio Costa da Silva foi convidado a ser patrono. Em atividades diversas promovidas durante dois dias, uma delas chamou a atenção, pois alunos do 5º ano, após realizarem a releitura de um poema do patrono, receberam-no para uma *Conversa com o Autor*. Questionamentos apareceram e o interesse pela escrita poética manifestou-se em cada um deles e, então, por sugestão da professora Marcelle Fernandes e com a anuência de todos, foi criada na mídia social Facebook uma Oficina Virtual de Poesias, batizada de *Poemas da Alma* por uma das alunas em concurso realizado como primeira atividade do grupo. Professores se integraram à proposta, e em pouco tempo foi alcançado o número de 23 membros. Com a ação presencial da professora Marcelle e o apoio virtual do poeta Carlos Eugênio, como segunda atividade, o grupo teve o desafio de criar um poema sobre a importância dos livros e a obra teve êxito na primeira apresentação de *Poemas da Alma*, realizada na 3ª Feira do Livro de Capão do Leão. Buscando novos horizontes, o grupo Ozanense ultrapassou fronteiras, atrevendo-se a participar do festival literário *Histórias em Postais*, promovido pelo Correio do Porto – Portugal. Postais com imagens de Pelotas foram comprados, poemas foram compostos e a ansiedade tomava conta de todos: Onde é Portugal? E os mapas foram consultados numa interdisciplinaridade com as demais disciplinas. De repente veio a notícia: poemas classificados! Expostos virtualmente na página do festival eram acessados por todos (em breve estariam sendo expostos ao vivo nas galerias de cultura de Portugal). Impressionada pela alacridade dos poemas, a comissão organizadora de Portugal contatou com o grupo, querendo saber mais sobre os jovens poetas que eram reconhecidos pela dedicação e ufanismo. De repente, a notícia se espalhou: veio uma matéria no site da Prefeitura Municipal de Pelotas, uma matéria de capa e duas páginas no jornal Diário Popular, e culminou com uma entrevista a Radio Com 104.5 FM. Era a autoestima tomando conta da cena, levando além-mar moradores de um bairro considerado de alta violência, estudantes de uma escola municipal que muitas vezes são depreciados pelos que têm melhores condições. A poesia transformou vidas e alunos com alto grau de dificuldade de aprendizado e escrita encontraram nos versos uma oportunidade de expressão. Três estudantes detectados através de laudos médicos demonstraram avanços significativos, tanto na área cognitiva como na área emocional. Um deles relatou conseguir expor suas emoções através da poesia, aluno este que apresentava diversos problemas de relacionamento, inclusive na escola. Além do ganho escolar, pudemos perceber a aceitação das famílias que, integradas ao grupo,

incentivaram a participação acompanhando seus filhos a reuniões e atividades. Por esses motivos, inserção social e melhora considerável da autoestima e rendimento escolar, percebemos a importância de dar continuidade ao projeto no ano de 2017, estendendo-o a toda a escola e deixando que os integrantes do grupo se sintam à vontade para fazer parte da Oficina Virtual Poemas da Alma, desde o primeiro até o oitavo ano do ensino fundamental. É a educação buscando novas práticas para tornar-se atrativa e oportunizar a igualdade de direitos.

POESIAS SENSORIAIS

Marivone Porto Rodrigues

E. E. E. M. Nossa Senhora de Lourdes – Pelotas/RS
Colégio Estadual Cassiano do Nascimento – Pelotas/RS

O projeto Poesias Sensoriais foi um trabalho desenvolvido em duas escolas: E. E. E. M. Nossa Senhora de Lourdes, nos anos de 2014 e 2015, com duas turmas de terceiros anos, e no ano de 2016, com cinco turmas de primeiro ano e uma de segundo ano, no Colégio Estadual Cassiano do Nascimento, ambos na cidade de Pelotas. O presente trabalho é um processo de aprendizagem de um fazer criador com autoria, porque proporciona aos alunos o entendimento de que uma mensagem é um corpo de ideias, ou seja, um mapa de sentidos sobre todas as poesias por eles lidas, durante o trimestre, e sensorialmente entendidas através das dinâmicas que investem em esquemas interpretativos e na emoção. E como esse processo acontece?

No início do terceiro trimestre, professora e alunos escolhem poesias nos livros da biblioteca, preferencialmente autores do modernismo e pós-modernismo, e, através da leitura individual e coletiva, expressam ao grupo o sentido que o poema lhes passa, podendo variar da repulsa até o melhor dos sentimentos, e assim vão surgindo palavras, expressões, pequenos textos como interpretação do poema. Além disso, é oportunizado aos alunos o manuseio de objetos com gostos, cheiros, sons e formas que estimulam o sensorial e a descrição dos sentimentos por eles provocados e transportados para o poema escolhido, com a intenção de mostrar que a poesia traz em si uma relação entre o mundo material e imaterial, conforme declara José Luiz Fiorin na obra *Em busca do sentido* (2008).

Para concluir esse processo de apropriação do sensorial presente nos poemas, e com a intenção de formar um espaço interacional, os alunos são convidados a pintar uma tela que represente o poema por eles escolhidos, e depois é organizada uma exposição para que toda a escola admire o projeto e também participe de momentos de sensorialidade como os que os alunos tiveram durante o processo de interpretação e criação.

E o porquê das telas se a aula é de literatura? Nada é tão representativo de experiência estética como uma imagem; assim, as telas dão acesso a formas de interação, e conhecimentos dos sentidos provindos de uma leitura dinâmica das poesias escolhidas. A poesia e a literatura são manifestações de enfrentamentos do paradoxo do inexplicável, sendo assim, as imagens visuais nas artes correspondem a formas de questionamento, que nesse caso ajudam na interpretação dos textos poéticos e trazem para as aulas de literatura uma grande motivação.

PRA POETIZAR MINHA CIDADE: A ESCOLA INTEGRADA E ATUANTE NA 3ª FEIRA DO LIVRO DE CAPÃO DO LEÃO

Carlos Eugênio Costa da Silva
Suélen Cunha Cardoso

Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto - Capão do Leão/RS

A 3ª Feira do Livro de Capão do Leão, realizada no mês de dezembro de 2016, apresentou aspectos inéditos e integrou as escolas do município à festa literária. Por intermédio da Secretária de Educação, Suélen Cunha Cardoso, as dez EMEFs do município, quinze dias antes da abertura oficial, foram visitadas pelo Patrono da Feira, o poeta Carlos Eugênio Costa da Silva, que divulgou o evento e sua programação, e desenvolveu oficinas de Poesia sobre o tema da Feira do Livro: Pra poetizar minha cidade. Com uma aceitação coletiva e através de técnicas explanadas pelo Patrono, a inspiração semeou ideias e a colheita foi profícua: onze poemas coletivos representando todas as escolas do município. Com o início da 3ª Feira do Livro, os poemas ganharam as ruas. *Pra Poetizar minha Cidade* figurou em pequenos cartões pendurados cuidadosamente na *Árvore de Poesia* na Praça João Gomes, onde os visitantes podiam *colhê-las* para levar de lembrança; formaram uma exposição itinerante, através de cartazes adesivos fixados nas janelas dos ônibus do transporte escolar e dos ônibus que fazem a linha Capão do Leão/Pelotas/Capão do Leão, numa parceria com a Empresa Bosembecker, buscando contagiar os usuários do transporte coletivo, moradores ou não de nosso Município, convidando-os a conhecer nossa terra. E, como registro para a *eternidade*, ocorreu o lançamento com *Sessão de Autógrafos* do opúsculo *Pra Poetizar minha Cidade* com todos os poemas produzidos pelos alunos, e, após, a distribuição às bibliotecas das escolas e comunidade. Numa pluralidade discente, outras atividades foram realizadas, como concurso de redação, concurso de desenhos, festival de vídeos, show de talentos estudantis, oficinas de arte, apresentações, o que aguçou a participação na Feira e o convívio com a cultura durante três dias de festa, tornando-os artistas principais da construção literária. A possibilidade de participação efetiva dos alunos, produzindo, *colhendo* e interagindo com a poesia trouxe novos horizontes para a sala de aula. Os alunos passaram a propor novos momentos de produção literária, em diversas disciplinas. Ver suas produções impressas em forma de livro foi o auge e a certeza de que todos os esforços somados na concepção dessa feira foram válidos. Pensar um espaço em que a escola e os alunos sejam os atores principais, onde o caminho mais simples seria o comercial, não é nada fácil. Porém, sabemos que onde a educação é tratada com a devida importância, investimento e respeito o sucesso é garantido.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE AS TEMÁTICAS AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA CROCHEMORE ATRAVÉS DO PROJETO NEABI

Tatiana Cristina Ugoski Rodrigues

Jaqueline de Mattos Mendes

Pamalomid Zwetsch

E. M. E. F. Nestor Elizeu Crochemore - Pelotas/RS

Este trabalho visa relatar a experiência prático-pedagógica desenvolvida através do Projeto NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas), da E. M. E. F. Nestor Elizeu Crochemore, situada na localidade da Vila Nova, 7º Distrito – Quilombo, na zona rural de Pelotas/RS, sobre as Temáticas Afro-Brasileira e Indígena. O projeto NEABI visa atender o cumprimento das Leis 10639/2003 e 1645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nos currículos escolares. Tendo em vista a importância na formação sociocultural, econômica e política, julgamos de extrema relevância o estudo dessas etnias, suas influências e contribuições para a construção da identidade brasileira e local. Nesse estudo, apresentamos o trabalho realizado ao longo do ano de 2016. O projeto ocorre uma vez na semana e é coordenado por uma professora da escola, que organiza e executa as atividades ao longo do ano, com os alunos do mesmo. Além disso, o projeto visa fomentar, junto aos professores da escola, o trabalho dessas temáticas nas salas de aula.

Na temática indígena, o Núcleo abordou o povo Kaingang, estudando sua cultura e civilização, bem como, os problemas de demarcação territorial dessa etnia na cidade de Pelotas. Além disso, houve a reflexão sobre a cultura e contemporaneidade dessa etnia. Os alunos, através de pesquisas na internet e em jornais, se sensibilizaram com a forma precária vivida por esses indígenas na localidade destinada a eles em nosso município, mobilizando-se com uma campanha de recolhimento de alimentos e vestuário que culminou com a visita à aldeia indígena. No que se refere à temática afro-brasileira, trabalhou-se a lenda local de *Nioro*, que explica a origem do nome de um dos balneários da cidade de Pelotas, *Barro Duro*. Após a leitura e discussão sobre o texto, foram realizados dois vídeos representando essa história, através da técnica do *stop-motion*. Para isso, montaram-se painéis para gravar as cenas. As personagens foram criadas a partir da oficina de bonecas *Abayomis*. Ao final das gravações, os alunos foram levados ao Balneário, pois muitos não conheciam o local, tendo em vista a distância da localidade de nossa escola e residência dos alunos.

A comunidade escolar pôde perceber, com esses trabalhos, o quanto ainda essas etnias são pouco atendidas pelo poder público e, ainda, avaliar quais as reais condições de vida que vivem essas comunidades. Em ambas as comunidades, os alunos observaram

o descaso dos governos e o quanto de luta há ainda que ser feita para que exista uma equiparação social.

PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Adriana Nebel Kovalski

E. M. E. F. Martinho Lutero - São Lourenço do Sul/RS

A produção de vídeo estudantil é desenvolvida como atividade pedagógica desde 2015, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Lutero, escola rural situada no interior de São Lourenço do Sul, envolvendo professores, educadores e alunos dos anos iniciais e finais. Começou como atividade interdisciplinar, e foi a partir desse pensar inicial que me despertou o interesse e o desafio de qualificar este trabalho com o mestrado, sentindo sua importância na escola e na minha vida profissional. Pois, independente da disciplina que leciona, o professor é um agente condutor da ação dos estudantes, deve ser um mediador do processo de ensino-aprendizagem, tem um compromisso com a linguagem, com a escrita, com a expressão oral de nossos alunos, com a valorização de sua cultura, e também deve desenvolver projetos em sala de aula, trabalhando a interdisciplinaridade. O objetivo desta pesquisa, portanto, é analisar se a produção de vídeo estudantil como instrumento tecnológico e de apoio pedagógico desenvolve habilidades nos alunos, sejam elas sociais e artísticas, de integração, participação em resolução de problemas de forma colaborativa, habilidades manuais e criatividade.

A necessidade da realização desta pesquisa é resultante do desafio de ensinar através do uso das tecnologias. Para isso, foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa como uma pesquisa de campo que, segundo Fonseca (2002), caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, realiza-se coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.). Por meio de oficinas realizadas no porão da escola (espaço utilizado para desenvolver atividades diferenciadas), os alunos obtiveram conceitos de como produzir um roteiro, como usar uma câmera ou celular para gravar, como pesquisar músicas permitidas para usar em seus vídeos, como formatar os vídeos gravados através do programa Movie Maker. Organizaram-se em equipes e dividiram as tarefas entre cada grupo, responsabilizando-se pelo figurino, pela maquiagem e pelo local de gravação. A organização era feita pelos alunos e auxiliada pelo professor. A turma foi dividida em 4 grupos com 6 alunos, sendo que as tarefas e o modo de fazer foram divididas entre eles sem a intervenção do professor, tendo os alunos inteira liberdade para realizar os mesmos.

Como resultado deste trabalho, foram produzidos 3 vídeos e 4 documentários que participaram de festivais em Pelotas e Alvorada, recebendo premiações como melhor filme e melhor arte, entre outros. Como professora e pesquisadora deste projeto interdisciplinar, observo que a produção de vídeo estudantil modificou toda nossa escola.

Como atividade de apoio à aprendizagem, incentivou outros professores e hoje faz parte das atividades ofertadas aos alunos também em outras disciplinas, aproximando cada vez mais alunos e professores, modificando o espaço escolar. Além disso, a produção de vídeo estudantil desperta emoções nos alunos participantes do projeto, como a liberdade de criar, sem regras, sem imposições, despertando assim outras habilidades, como elevar a autoestima, desenvolver a organização, a criatividade e a iniciativa.

PROJETO “ESPAÇO DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS PARA A PRODUÇÃO DE JOGOS E MATERIAIS ADAPTADOS”

Ângela Brum Soares

Andreia Nachtigall Robe

CAPTA - Centro de Apoio, Pesquisa e Tecnologias para a Aprendizagem
– Pelotas/RS

O CAPTA, setor responsável pelo processo de inclusão no município, trabalha na perspectiva da implantação e implementação de políticas públicas voltadas para esse fim, tendo como meta garantir a inclusão de alunos com deficiência nas escolas municipais, assumindo assim o compromisso de formação continuada. Dentro dessa perspectiva, o Projeto de Construção de Jogos e Materiais Adaptados surgiu com o objetivo de possibilitar aos estudantes e outros profissionais da área da educação e afins um espaço de reflexão, partilha de saberes, trocas de experiências, além da ampliação do conhecimento e consequente qualificação da prática pedagógica.

Os encontros são realizados semanalmente nas sextas-feiras, com duração de 4 horas de atividade prática de produção de material e jogos adaptados. Atualmente, o grupo de trabalho é composto por professores e estudantes da área da educação que atuam voluntariamente na confecção e criação de jogos e materiais adaptados.

Para a sua realização, é utilizado inicialmente um espaço para o desenvolvimento das atividades práticas. Nas oficinas, são produzidos materiais e jogos adaptados que são disponibilizados para as Escolas Municipais, oferecendo aos professores das escolas recursos pedagógicos importantes para alcançar de maneira lúdica os objetivos propostos.

Também atendendo solicitação, são oferecidas oficinas de jogos e materiais adaptados no espaço escolar. Nesses casos, os materiais confeccionados na oficina são direcionados conforme a demanda da escola solicitante. Nessas oficinas, são proporcionadas a troca de experiências, a reflexão sobre os objetivos e a importância do uso de jogos e materiais adaptados na prática pedagógica inclusiva. Desde o início do Projeto, conforme a demanda solicitada, já foram ministradas 34 oficinas, criados 76 jogos e confeccionados e distribuídos um total de 935 jogos.

Este projeto, que inicialmente se restringia ao setor da educação especial, acabou crescendo, estendendo-se a toda a rede, envolvendo equipes diretivas, professores e funcionários que coletivamente estudam, constroem e definem as necessidades da escola. Os jogos confeccionados vêm auxiliando a prática pedagógica de professores da rede municipal, objetivando uma construção do conhecimento de maneira mais ativa, despertando o interesse do aluno para a realização das atividades acadêmicas.

PROJETO CINEMA NA ESCOLA: PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS COMO ALIADAS DA APRENDIZAGEM

Josiane Pinho da Rosa
E. M. E. F. Olavo Bilac - Pelotas/RS

O presente texto visa fazer um breve relato sobre o Projeto Cinema na Escola, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, pela professora Josiane Pinho da Rosa, que leciona História do 6º ao 9º ano do ensino fundamental na instituição.

O projeto é desenvolvido desde o ano de 2011 e atende alunos da pré-escola à Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos três turnos. Os anos iniciais e EJA são atendidos dentro de seus respectivos turnos e as turmas dos anos finais são recebidas no contra-turno.

Em nossa comunidade, verificamos a desigualdade social em grande nível, portanto, são também desiguais as oportunidades de acesso à cultura. O projeto visa oferecer, através de uma atividade reflexiva e agradável, acesso a produções cinematográficas de qualidade, que fazem ligação não só com conteúdos das diferentes disciplinas, mas também com questões sociais, políticas e (inter)pessoais pertinentes ao grupo envolvido. O projeto objetiva disponibilizar uma ferramenta didática atraente aos alunos, que vivem imersos em uma cultura audiovisual. Atualmente, todos nós somos bombardeados por produções audiovisuais que alcançam as crianças e os jovens com total facilidade, despertando sua atenção, modificando seus pensamentos, opiniões e ditando comportamentos. Cabe à escola trazer algo que os atraia como aliada e auxiliar no desenvolvimento do senso crítico frente a essas produções.

As exposições, em turno inverso, também mantêm o aluno mais tempo envolvido nas atividades escolares, diminuindo o tempo utilizado em atividades na rua, sem a devida supervisão de adultos responsáveis, algo comum nessa comunidade. Recentemente, o projeto foi ampliado, proporcionando saídas de campo com visitas ao Cine UFPel, Cine Art e Cineflix. No ano de 2017, o projeto tem como meta retomar as exposições de obras audiovisuais para professores, funcionários e familiares, proporcionando momentos de reflexão e troca de ideias.

Como principais ganhos proporcionados pelo projeto Cinema na Escola, podemos citar a parceria com as professoras das séries iniciais, que o utilizam bastante e relatam que ter a quem encaminhar pedidos de temas e filmes, bem como alguém que cuide da parte logística da exposição, é de grande importância em suas práticas, e que poder dispor desse recurso em seu planejamento é algo enriquecedor para o processo de ensino e aprendizagem.

Assim como os pequenos, os alunos das séries finais também têm grande carinho pelo projeto, relatam que conseguem visualizar o conteúdo através dos vídeos e assim melhorar

seu entendimento do mesmo. Seus professores não dispõem de tempo suficiente em suas aulas para a exibição de vídeos longos, mas estes, sendo assistidos no contraturno, podem ser discutidos e aprofundados nas aulas regulares.

Os alunos da EJA destacam que através do projeto podem ter acesso a lazer e cultura, tendo aulas mais atrativas, que ganham conotação de momentos de descanso e reflexão, algo difícil devido às suas atividades diárias.

Este projeto, que entra em seu 7º ano de funcionamento, beneficia toda comunidade escolar e é apontado por alunos e professores como um diferencial da instituição.

PROJETO DE ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA JEREMIAS FRÓES: ¡AQUÍ SE HABLA!

Carolina da Silva Lautenschläger

Patrícia Duarte Nunes da Silva

Eduardo Garralaga Melgar Júnior

Mabel Manetti Damasceno

E. M. E. F. Jeremias Fróes – Pelotas/RS

Tendo em vista a impossibilidade da aprendizagem da oralidade da língua espanhola nas aulas regulares nos anos finais do ensino fundamental, na E. M. E. F. Jeremias Fróes, em função do pouco tempo em sala de aula para que fossem desenvolvidas as quatro habilidades dos alunos (compreensão oral e escrita e expressão oral e escrita), criou-se o projeto denominado *Jeremias Fróes: ¡Aquí se habla!*. Visto as poucas oportunidades que os alunos da escola possuem em função da baixa renda familiar, pensou-se em oportunizar a aprendizagem do espanhol de forma inicial e continuada, já que é uma das línguas estrangeiras mais importantes em âmbito mundial. Pensando nas exigências futuras na vida de nossos alunos, seja em relação à sua inserção ao mercado de trabalho ou na continuação de seus estudos, propusemos e realizamos o projeto na escola, visto que na cidade de Pelotas não é comum a oferta de cursos de língua estrangeira gratuitos aos estudantes. Mais que a aprendizagem da língua estrangeira, vemos este projeto como uma oportunidade para que os alunos conhecessem outras culturas, diferentes entre si, mas que utilizam o mesmo idioma de comunicação, o espanhol. Dentre as pretensões do projeto, realizadas posteriormente, a ideia era ampliar os horizontes das nossas crianças e adolescentes mostrando um universo além do que vivem em seu cotidiano, onde poucas oportunidades são oferecidas em função da baixa renda e baixo grau de instrução familiar. Notou-se que na sala de aula, quando os alunos se utilizam da língua estrangeira para a comunicação, sentem-se motivados e com uma melhor autoestima, fato que se repetiu em todas as aulas realizadas no *¡Aquí se habla!*. Temos claro que não podemos mudar e transformar toda a realidade de todos os alunos da rede municipal de ensino, mas temos ainda mais claro que podemos transformar, através do ensino e educação, a realidade dos alunos da nossa escola, da escola Jeremias Fróes a partir da experiência iniciada em 2015, que teve continuidade visto que os alunos demonstraram o efetivo aprendizado do espanhol, como língua estrangeira. Os alunos sentiram-se ainda mais motivados demonstrando melhor autoestima e melhor rendimento na disciplina regular na escola.

PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING APLICADO À TURMA DO QUINTO ANO NUMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DE BAGÉ, RIO GRANDE DO SUL

Alessandra Moura de Oliveira e Silva
E. M. E. F. Dr. João Thiago do Patrocínio – Bagé/RS

Este resumo refere-se aos doze encontros de um projeto de intervenção com o objetivo de prevenção e combate ao bullying escolar com alunos do quinto ano do ensino fundamental, em 2016, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Thiago do Patrocínio, em Bagé, Rio Grande do Sul.

Os atos de violência noticiados se multiplicam e acontecem também dentro das escolas, envolvendo desde os alunos dos anos iniciais até a universidade. De acordo com Abramovay e Rua (2004), não é possível analisar a violência nas escolas sem refletir sobre a agressão física, os pequenos roubos, o vandalismo e o que os pesquisadores franceses consideram como *incivilidades*. O termo violência, segundo Arendt (1970), é a mais flagrante manifestação de poder. Por essa perspectiva, a violência pode se manifestar de variadas formas. Dentro do ambiente escolar, tem-se o bullying, sendo este o objeto do projeto de intervenção pedagógica que surgiu da possível incidência de ações características do bullying, através de relatos, observações e análise documental relacionada à turma do quinto ano da referida escola. Fante (2012) explica que bullying é uma palavra usada para definir a violência das relações interpessoais e que no ambiente escolar está ligada às ações de agressividade moral e/ou física entre os alunos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. Nos encontros do projeto de intervenção, procurou-se a abordagem do bullying através de imagens, debates, filme, formação de um tribunal de júri, atividades lúdicas com brincadeiras e a formação de um teatro de bonecos, envolvendo professores e alunos.

O resultado dos encontros foi muito positivo, baseando-se pelas observações das reações durante as atividades e posteriormente através dos relatos dos participantes. Inclusive, a professora regente da turma do quinto ano confirmou uma considerável melhora nas relações entre os alunos após a intervenção e, conseqüentemente, a equipe diretiva achou por bem e necessário incluir o projeto como processo de conscientização e combate ao bullying para as demais turmas da escola.

PROJETO DOCE LEITURA: RELEITURA, DISCUSSÃO, ADAPTAÇÃO E TEATRO DE SOMBRAS SOBRE O TEXTO “UM CASO DE AMOR OU UMA TRAGÉDIA MATEMÁTICA”

Maurício Mailan Lange

José Francisco Duran Vieira

E. M. E. F. Ministro Arthur de Souza Costa – Pelotas/RS

Este trabalho teve como foco a participação no Projeto Doce Leitura, desenvolvido pela SMED/Pelotas-RS, em 2016, no qual o objetivo principal era fomentar mais atividades de leitura significativa, em toda a rede municipal de ensino, proporcionando o domínio, a interpretação, a compreensão e a produção de textos pelos alunos e, conseqüentemente, aumentar o índice de leitores assíduos, críticos e autônomos com prazer em realizar leituras na escola e em casa.

A proposta foi desenvolvida com a turma 18A/2016 (18A), envolvendo a disciplina de Matemática com o professor titular Maurício Mailan Lange e o professor do Laboratório de Informática Educativa José Francisco Duran. A turma deveria realizar um Teatro de Sombras utilizando o texto de autor anônimo *Um caso de amor ou uma tragédia matemática*. O trabalho tinha por finalidade ler e interpretar a história, identificar termos desconhecidos e pesquisar seus significados, discutir gênero e o papel social pré-estabelecidos pela sociedade, reelaborar outro final para a história em decorrência dos debates estabelecidos e contar a readaptação da história através da utilização do Teatro de Sombras.

As metas propostas foram alcançadas, já que os educandos apresentaram melhora no interesse e desempenho nas aulas subsequentes.

Conclui-se que a utilização dessa metodologia aumenta o interesse dos(as) alunos(as) pela disciplina, ampliando os índices de aproveitamento e tornando as aulas mais atrativas. Portanto, utilizar metodologias que valorizem a participação ativa dos(as) alunos(as) no processo de ensino e que contribuam de forma especial para uma aprendizagem mais significativa conduz a um entrosamento maior entre alunos(as) e entre alunos(as) e professores, além de promover momentos de aprendizagem interdisciplinar e elevando os índices de aproveitamento.

PROJETO DOCES LEITURAS

Eduardo de Sousa Garcia
Paula Morales Oleiro Garcia
E. E. E. F. Padre Anchieta – Pelotas/RS

O projeto Doces Leituras é realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Anchieta e tem como foco principal despertar ou resgatar o interesse pela leitura através da conexão entre o prazer que uma boa leitura proporciona e àquele proporcionado pela degustação de um doce saboroso.

Realizamos essa prática de diversas formas, desde pequenos encontros em torno da leitura até quando tornamos uma obra literária em um grande evento, adaptamos um espaço na escola propício e estimulador para a realização das leituras e atividades. Isso foi feito tendo em vista que a leitura é um dos meios pelo qual se obtém o conhecimento das mais diversas áreas, facilitando, então, a argumentação e o vocabulário para a produção de um texto oral ou também escrito, e para, além disso, auxilia-nos a entender, a nos posicionar e agir no mundo.

A escola, em seu caráter formador, tem grande parcela de responsabilidade para com o incentivo à leitura, pois, promovendo o hábito nas crianças, estas irão crescer sabendo que a leitura enriquece o conhecimento, tendo grande importância na vida das pessoas.

Entretanto, percebemos que a nossa comunidade escolar possui grande distanciamento e carência de hábitos de leitura, o que resulta em baixo incentivo das famílias aos nossos alunos para que leiam e utilizem parte de seu tempo em casa para ler. Baseado nisso, criou-se um dever ainda mais profundo de desenvolvermos estratégias de ensino que possam suprir essa necessidade.

O Projeto Doces Leituras proporcionou ganhos significativos para todos os envolvidos em sua execução, estimulando o debate em torno da importância da leitura na comunidade escolar, o prazer pela leitura junto aos alunos, professores, e também possibilitou o enriquecimento na aprendizagem, trazendo alegria e qualificação das práticas pedagógicas de forma geral na escola.

PROJETO ENCADERNAÇÕES CASEIRAS: PRODUÇÃO DE LIVRETOS UTILIZANDO GRAVURAS, DESENHOS E FOTOGRAFIAS

Caroline Pereira de Azambuja
E. M. E. F. Dr. Alcides de Mendonça Lima – Pelotas/RS

A experiência foi focada na produção de livretos ilustrados e narrados com imagens, feitas pelos alunos, através de gravura, desenho e fotografia. Foi desenvolvida em aulas de Artes Visuais na E. M. E. F. Dr. Alcides de Mendonça Lima, no bairro Fragata, na cidade de Pelotas, em turmas do 6º ano do Ensino Fundamental.

O projeto foi realizado no período de um trimestre, trabalhando-se o desenho, a gravura, a produção de fanzines e a fotografia. Primeiramente, estudamos alguns tipos e técnicas de desenho e então, a partir da música *Aquarela*, de Toquinho e Vinícius de Moraes, desenvolvemos desenhos e construímos o primeiro livreto do projeto. Posteriormente, a técnica de xilogravura (gravura em madeira) foi apresentada para a turma. Em seguida, a partir de poemas do livro *Classificados e Nem Tanto*, de Marina Colasanti, construímos o segundo livreto com ilustrações feitas em gravura. A matriz das gravuras foi adaptada com EVA, material alternativo à madeira.

O terceiro livreto da sequência foi desenvolvido na forma de Fanzine (uma revista amadora feita por um fã de qualquer assunto) a partir de um tema escolhido pelos alunos. O último livreto da sequência foi construído com uma seleção de fotografias feitas pelos alunos, que foram impressas em papel adesivo de maneira que pudessem ser trocadas entre os colegas.

A proposta surgiu devido à necessidade de um formato diferente para os trabalhos, que despertasse o interesse dos alunos em guardá-los, apresentá-los a outras pessoas, e, principalmente, serem capazes de avaliar seu próprio processo de aprendizagem.

O Projeto Encadernações Caseiras: Produção de Livretos Artísticos Utilizando Gravuras, Desenhos e Fotografias, além de propiciar o incentivo à leitura, permitiu o contato das turmas com diferentes linguagens artísticas, promovendo, assim, de uma maneira lúdica e atraente, a expressão individual dos alunos, contribuindo para uma aprendizagem significativa em Arte.

PROJETO ESCOLAR NETG – NÚCLEO DE ESTUDOS TRADICIONALISTA GAÚCHO

Adriane Carrilho Esperança Vergara
E. M. E. F. Frederico Ozanan – Pelotas/RS

A escola, como uma instituição, precisa saber que deve formar sujeitos que possam se inserir na sociedade de modo a modificá-la positivamente. Se é para a sociedade que a escola forma o indivíduo, logo, conclui-se que ambos, ambiente escolar e meio social, devem manter uma relação de reciprocidade para o bom andamento da educação. Por isso, tem-se a percepção de que há a necessidade de uma mútua colaboração entre a esfera social e a dimensão escolar, principalmente, em relação ao meio externo do local a que as unidades de educação pertencem.

O presente relato destaca um projeto extraclasse que iniciou em agosto de 2015 na E. M. E. F. Frederico Ozanan e permanece até os dias atuais. O projeto foi pensado a partir da história do município de Pelotas, onde os charqueadores tiveram grande influência na colonização de nossa cidade, e o churrasco, o chimarrão e os acordes da gaita eram o remédio para a superação de tempos difíceis. Essas são histórias que nos orgulham e nos levam a preservar e resgatar a cultura tradicionalista.

Observou-se que a comunidade escolar demonstrou vontade e entusiasmo em conhecer e participar de ações que envolvem a tradição gaúcha quando a escola recebeu a visita de um CTG – Centro de Tradições Gaúchas. O Centro convidou os alunos a participarem de uma visita durante a Semana Farroupilha. Para preservar a cultura regional no ambiente escolar é que surgiu o Projeto NETG – Núcleo de Estudos Tradicionalista Gaúcho, atualmente batizado pelo nome de *Asas da Tradição*. O NETG é um projeto que incentiva as práticas da cultura local, resgatando valores de trabalho em equipe e respeito ao próximo, promovendo lazer integrado ao conhecimento da cultura gaúcha. Neste sentido, Barbier (apud MACHADO, 2000, p. 06) salienta: “[...] o projeto não é uma simples representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma idéia; é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real, uma idéia a transformar em ato”.

Atualmente, a proposta conta com 20% dos alunos matriculados na escola nos turnos manhã e tarde de diferentes séries e idades. Diante da grande adesão ao projeto, a frequência e a participação da comunidade, que também se envolveu, podemos dizer que é um sucesso e um grande avanço, pois alunos que antes estavam desmotivados para estudar ou para frequentar a escola resgataram, nas atividades do projeto, a valorização pelo ambiente escolar e pelas coisas que fazem parte das raízes de nossa cultura. Além disso, o projeto acontece em turno inverso, propiciando aos alunos atividades extracurriculares no ambiente escolar, o que não os deixa vulneráveis para atividades ilícitas. As instituições escolares devem, também, buscar aproximar-se da realidade comunitária, pois mui-

tas vezes espera-se apenas que a comunidade busque participar, quando não há um estímulo a essa participação, bem como ressalta Nogueira (apud DIDONÊ, 2013, p. 11): “A escola deve se misturar e se contaminar com o bem e o mal das comunidades”. Com essa postura, a escola começa a adquirir a cara do espaço comunitário e, como consequência, a comunidade se sentirá incentivada a estar mais presente e atuante na escola. Apesar de não existir um espaço único, dentro da escola, para o projeto e o desenvolvimento das atividades, isso nunca foi empecilho para se realizar palestras, conversas, debates, danças tradicionais e tradicionalistas, entre outras. O grupo nunca desmotivou e ainda projeta ideias. Entre elas, a conquista de um espaço físico para a realização das atividades, o que contribui para a busca de fazer da escola, além de um espaço de educação e conhecimento, um lugar para ajudar o aluno a exercer sua cidadania através de atividades saudáveis e educativas. Entre as atividades que foram possíveis nesses dois anos de projeto, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer várias manifestações da cultura gaúcha, além de conhecer um pouco da história do tradicionalismo catalogada por Paixão Côrtes e outros autores que resgatam a nossa história. Deste modo, a proposta demonstra importância no ambiente escolar, pois oportuniza grandes saberes e experiências não só em relação ao tradicionalismo gaúcho, mas também à convivência em sociedade e ao crescimento intelectual.

Referências

DIDONÊ, Débora. Coluna Compartilhe. **Revista Vida Simples**, São Paulo, v.129, p.11, 2013.
MACHADO, Nilson. **Educação: Projetos e valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

PROJETO JORNAL NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NO GINÁSIO DO AREAL

Aline Vohlbrecht Souza
E. E. E. M. Areal – Pelotas/RS

O *Jornal na Escola* é um projeto experimental que está sendo desenvolvido com alunos do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Areal, em Pelotas. O objetivo da proposta consiste na produção de um jornal impresso feito inteiramente pelos alunos do segundo ano do ensino médio, que oportuniza a eles condições para que se desenvolvam como indivíduos e como sujeitos sociais críticos da realidade que os cerca, reafirmando assim as relações entre a escola e a comunidade, contribuindo no processo de participação e construção da cidadania.

Nesta perspectiva, o embasamento teórico e prático se estrutura sob os conceitos de comunicação comunitária e Educomunicação. Dentro desse contexto, buscamos estreitar a relação entre a escola e a comunidade, democratizando a comunicação nesse espaço, procurando identificar e refletir sobre as demandas de interesse. Procuramos favorecer o uso das novas tecnologias na sala de aula, como ferramentas pedagógicas, mediadoras do aprendizado. Nesse ambiente, explicitamos os conhecimentos básicos sobre jornalismo, além de um esforço voltado para a leitura e escrita jornalística dos textos que compõem esse gênero, assim como possibilitamos oficinas de conhecimentos técnicos acerca do fazer jornalístico.

A escola onde o projeto foi desenvolvido não possuía um canal de comunicação eficiente entre seus membros e a comunidade onde ela está inserida, e potencializar esse espaço é garantir a essa comunidade o princípio da liberdade de expressão e do direito à comunicação, além de desenvolver no aluno um olhar para as problemáticas da escola, estimulando a cidadania e o protagonismo, em uma constante troca de saberes e experiências. Tudo isso sob a ótica da relação entre educação e as novas tecnologias.

A aproximação das áreas de educação e comunicação colocou esses adolescentes no centro do processo educativo, uma vez que essa realidade baseou-se na horizontalidade da comunicação, na qual foram convidados a aprender fazendo. Eles experimentaram as linguagens, produziram conteúdo, opinaram, debateram e decidiram em grupos os temas que seriam abordados. E quando se apropriaram da comunicação como produtores, e não só como receptores, passaram a ter um novo olhar sobre as relações que constroem diariamente ao seu redor e com o mundo. Além disso, compreenderam com mais nitidez a contribuição do uso das tecnologias na escola, como uma ferramenta de produção de conhecimento.

Por fim, essas práticas colaboraram para que a comunidade se comunicasse melhor, mediante troca de saberes e experiências, favoreceu o desenvolvimento de um paradigma diferenciado de educação, dialógico e participativo. E o lema da escola *Educando para a cidadania* nunca fez tanto sentido.

PROJETO: ERA UMA VEZ

Elizane Pegoraro Bertinetti
E. M. E. F. Dom Pedro II – Canguçu/RS

Falar sobre contos infantis é, sem dúvida, falar sobre a imaginação, pois os contos são de suma importância para o desenvolvimento da imaginação da criança. As histórias infantis, mesmo sendo antigas, ainda hoje podem ser consideradas verdadeiras obras de arte, porque sempre falam de sentimentos, como ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração, e que podem ser compreendidos pela criança através das emoções e da fantasia deste mundo imaginário. Segundo Ressurreição (2010, p. 19):

A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações.

Desta forma, o objetivo do referido projeto foi, baseado nos contos infantis, desenvolver a imaginação e a criatividade, traçando relações entre o mundo mágico e o mundo real, identificando no aluno as suas preferências e atitudes em relação a tudo que o cerca e oportunizando, assim, a formação dos próprios conceitos através das descobertas e vivências. Buscamos também resgatar e fortalecer os valores reais da vida cotidiana e desenvolver a criatividade e a sensibilidade a partir de cada história trabalhada.

O projeto ocorreu a partir das histórias *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria*, *João e o Pé de Feijão*, *Branca de Neve* e, diante desses contos, foram trabalhadas atividades diferenciadas para que pudéssemos atender aos objetivos do trabalho, sendo que a culminância do projeto foi a apresentação de um novo conto que surgiu durante a proposta e que englobava todos os contos trabalhados em sala de aula.

O projeto superou as expectativas, pois o envolvimento foi de coração, e penso que um dos meios mais preciosos que existe para tocar o coração das crianças é a literatura infantil. Ela é encantadora, capaz de nos mover sem sairmos do lugar.

Referência

RESSURREIÇÃO, Juliana Boeira da. A importância dos contos de fada no desenvolvimento da imaginação. **Revista Ensiqlopédia**, v.7, n.1, 19-34, out./2010. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro_2010/pdf/a_importancia_dos_contos_de_fadas_no_desenvolvimento_da_imaginacao.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2018.

QUALIDADE DE VIDA

Janice Pinto Duarte
Stael Harnich Palivorda
E. M. E. F. Joaquim Nabuco – Canguçu/RS

A obesidade, de acordo com Morrell (2017), é resultante da acumulação intensa “de gordura que excede aos padrões estruturais e físicos do corpo”. E conforme “o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos (NIH), um aumento de 20% ou mais acima de seu peso corporal ideal significa que o excesso de peso tornou-se um risco à saúde”. Acredita-se que, atualmente, 70 milhões de brasileiros, quase um terço da população, estão acima do peso ou obesos. Nesse cenário, também suspeita-se “que um milhão dessas pessoas sejam considerados morbidamente obesos. A Obesidade também pode ser definida como um aumento de peso às custas de tecido gorduroso” (MORRELL, 2017). As causas mais comuns, conforme Morrell (2017), são: a origem genética (distúrbios da leptina), distúrbios endócrinos (doenças de tireóide, das glândulas suprarrenais, hipófise, gônadas), como ainda maus hábitos alimentares relacionados a uma vida sedentária. Em relação ao termo obesidade mórbida, Morrell (2017) esclarece que “foi criado por Payne”, no ano 1963. Payne era “um cirurgião americano” e o vocábulo concebido visava “caracterizar o potencial de complicações decorrentes da obesidade” (MORRELL, 2017). Ainda segundo Morrell (2017), as “razões para a obesidade são diversas e complexas. A obesidade não é simplesmente um resultado de alimentação excessiva”.

Pesquisas têm demonstrado que, em muitos casos uma causa significativa e fundamental da obesidade mórbida é a genética. Estudos demonstraram que, uma vez estabelecido o problema, esforços como programas de dieta e exercícios muito pouco adiantam [para] proporcionar um alívio eficaz em longo prazo. A ciência continua pesquisando outras respostas. Mas até que a doença da obesidade mórbida seja entendida melhor, o controle do peso excessivo é algo com o que os pacientes devem lidar durante a vida toda. Por isso, muito importante entender que todas as intervenções médicas atuais, incluindo a cirurgia para perda de peso, não devem ser consideradas curas médicas. Ou melhor, são tentativas de redução dos efeitos do peso excessivo e alívio de sérias conseqüências físicas, emocionais e sociais provenientes da obesidade mórbida (CLÍNICA DR. MICHEL MENEZES).

Diante do quadro acima apresentado, justificou-se a realização do projeto na E. M. E. F. Joaquim Nabuco, em Canguçu/RS. Em seu desenvolvimento, o projeto tinha como objetivos: sensibilizar a comunidade escolar para aquisição de hábitos saudáveis; implementar, na alimentação escolar, pratos feitos com legumes, frutas e verduras,

fazendo com que os alunos adquirissem e valorizassem uma alimentação saudável, feita pelos próprios alunos, merendeiras e professora de Ciências; conhecer e valorizar a diversidade de receitas e alimentos; selecionar receitas que pudessem se adaptar ao uso de alimentos reaproveitados; compreender o gosto e o que chama a atenção dos alunos na alimentação; socializar as receitas com os alunos, professores, funcionários e suas famílias.

Sendo a atividade física muito importante e fundamental na vida da criança e do adolescente, devemos desenvolver a criança de corpo inteiro; não podemos separar seu corpo, suas dificuldades, pois suas limitações devem ser levadas em conta no processo de desenvolvimento de sua aprendizagem. Nesse contexto da importância da atividade física, podemos analisar os seus benefícios, uma vez que o exercício acelera o metabolismo, ajuda no crescimento e desenvolvimento psicológico e do corpo, evitando o estresse e motivando-os a desenvolver outras atividades. Além disso, o exercício físico pode representar um momento de lazer e descanso das atividades habituais. Promovemos, através deste projeto, o desenvolvimento social, trazendo bem-estar, assim como inúmeros benefícios à saúde e à qualidade de vida.

Referências

CLÍNICA DR. MICHEL MENEZES. **Obesidade Mórvida**. Disponível em: <<https://aobesidade.com.br/obesidade-morbida/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MORRELL, Alexander. **Obesidade e Cirurgia Bariátrica**. Disponível em: <<http://brazilhealth.com/Visualizar/Artigo/127/Obesidade-e-Cirurgia-Bariatrica>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO: LÍNGUA E LITERATURA SOB UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA

Raquel Souza de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense –
Campus Charqueadas – Charqueadas/RS

Este trabalho visa apresentar os resultados obtidos por meio uma experiência na disciplina de Língua e Literatura III, com alunos do terceiro ano do ensino médio integrado aos cursos de Informática e Mecatrônica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Charqueadas. A experiência realizada tem por objetivo verificar a construção de sentido que emerge a partir das interações frente à proposta de produção de texto mediada por recursos semióticos com o uso das tecnologias digitais móveis. Esta atividade faz parte da elaboração de um Currículo Ecológico de Língua e Literatura pautado no desenvolvimento de consciência, autonomia e autenticidade. As perspectivas teóricas que fundamentam a construção do currículo e dessa prática são a da colaboração como característica inerente ao ser humano (TOMASELLO, 2010; PINKER, 2007) e a da Linguística Ecológica de Van Lier (2000; 2014). A metodologia da atividade intitulada *Diários de Leitura Compartilhada* foi aplicada em três grupos distintos dos dois cursos e se deu em três etapas: a primeira consistia na apresentação da proposta aos estudantes; a segunda etapa era a da construção dos grupos, escolha das obras a serem lidas e organização e planejamento das leituras pelos estudantes; na terceira e última etapa, em grupos fechados do *Facebook*, os estudantes de Língua e Literatura III deveriam interagir semanalmente sobre as obras literárias que se propuseram a ler, trazendo imagens ou vídeos relacionados ao trecho do livro que estavam representando e, posteriormente, formulando hipóteses para as postagens dos colegas. A partir da análise dos dados, identificamos que os estudantes que estavam focados e engajados conscientemente na realização da atividade produziram signos de maneira significativa e coerente com o que era representado no texto. Averiguamos que assumiram o protagonismo e que o poder sobre as leituras deixou de estar somente nas mãos do autor da obra. Suas postagens revelaram elementos que não estão implícitos nos textos lidos, mas que formam parte da construção de sentido que fizeram a partir das leituras, como a aparição, em suas postagens, de paisagens e cenários comuns ao contexto onde vivem. Percebemos também que a leitura passou a representar uma atividade coletiva e houve um comprometimento dos membros dos grupos com seus pares. Este trabalho não pode ser considerado como concluído, pois, a partir dessa experiência, pretende-se planejar outras atividades sob a ótica ecológica, relacionando as práticas da disciplina ao contexto dos estudantes com vistas a continuar desenvolvendo e aprimorando o Currículo Ecológico de Língua e Literatura.

RETAS PARALELAS E PERPENDICULARES ATRAVÉS DO OLHAR DE PIET MONDRIAN

Gabriani Silveira Mota

Meliza Badia

Rosa Rickes Lages

Valquíria Rösler Zschornack

E. M. E. F. Irmã Maria Firmina Simon - Canguçu/RS

O presente projeto teve como objetivo despertar o interesse dos educandos a partir das obras Piet Mondrian para um olhar lúdico e crítico, no qual o aprendizado da sala de aula transpassasse as paredes da escola. O mesmo desenvolveu-se na E. M. E. F. Irmã Maria Firmina Simon, com as turmas de 5º e 7º ano do Ensino Fundamental, com as professoras Gabriani Silveira Mota, Meliza Badia, Rosa Rickes Lages e Valquíria Rösler Zschornack.

A organização do projeto partiu do olhar das professoras envolvidas para que fossem abordados os conteúdos dentro do currículo de uma forma diferente e interdisciplinar.

Nóvoa (1998) entende que o professor, ao assumir sua profissionalidade como um professor que saiba analisar a prática educativa desenvolvida na escola e fora dela, deverá saber gerir as mais diversas atividades que constituem a sua profissão. O professor precisa dar conta do que acontece no seu contexto escolar e, a partir do conhecimento profissional, provocar mudanças significativas tanto no ensino quanto na realidade social.

Dessa forma, a professora de Matemática iniciou o trabalho através dos conceitos de Retas Paralelas e Perpendiculares, fazendo um trabalho prático na aula de matemática com o traçado em folha ofício dessas retas e o uso de réguas (esquadros, réguas, transferidores). Em português, a professora apresentou aos alunos obras do artista Piet Mondrian, bem como sua biografia, em forma de vídeo, para após fazer a construção prática pelos alunos da biografia do artista. Em outro momento na aula de matemática, a professora retomou os traçados feitos anteriormente com o uso das réguas pelos alunos, e cada um procurou identificar a obra de Piet Mondrian no trabalho produzido. Nas aulas de Geografia, a professora Meliza trabalhou a nacionalidade do artista e a influência da colonização holandesa no Brasil. Após os trabalhos de traçados das retas e reconhecimento da obra de Piet Mondrian, os alunos juntamente com a professora Gabriani fizeram a pintura de sua obra em uma tela, fazendo assim uma releitura da obra de Piet Mondrian.

A culminância do projeto foi feita através de uma exposição dos trabalhos de arte, biografia do artista e outros trabalhos desenvolvidos durante o período. Conclui-se que os alunos a partir deste projeto mostraram uma nova visão a respeito dos conteúdos trabalhados e do meio que os cerca. Também certificou-se que é possível trabalhar de maneira interdisciplinar e que a aprendizagem acontece nos diversos espaços escolares.

RODA DE LEITURA: TECENDO OLHARES SOBRE MIA COUTO

Juliane da Silveira Garcez

Cinara Tonello Postringer

Márcia Duarte de Souza

Escola SESI Eraldo Giacobbe – Pelotas/RS

O presente relato tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas na atividade Roda de Leitura: Mia Couto tecendo olhares sobre *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, junto ao 2º Ano do Ensino Médio Regular da Escola SESI Eraldo Giacobbe – Pelotas/RS, sendo desenvolvida no Dia da Leitura SESI em parceria com o GELL – GRUPO DE ESTUDOS EM LEITURA LITERÁRIA/FaE/UFPeL. A realização da atividade contou com a presença das mediadoras de leitura do Gell: estudante de Pedagogia Cinara Postringer, Pedagoga Márcia Duarte e a titular da classe Professora Juliane da Silveira. Os estudantes, após uma leitura prévia do livro, foram convidados a expor suas opiniões, percepções e entendimentos em um debate sobre algumas passagens do livro. A Roda de Leitura torna-se fundamental para a escola por visar o protagonismo dos alunos no momento de apropriação, construção e disseminação do conhecimento a partir de estratégias de leitura, as quais servirão como estímulo para a atribuição/aquisição de significados e sentidos que o texto oferece.

De acordo com Queiroz e Dias (2012, p. 06):

O ato de ler, então, não representa apenas a decodificação, já que ela não está imediatamente ligada a uma experiência, fantasia ou necessidade do indivíduo. De acordo com os PCN's (BRASIL, 2001), a decodificação é apenas uma das várias etapas de desenvolvimento da leitura. A compreensão das ideias percebidas, a interpretação e a avaliação são as outras etapas que, segundo Bamberger (2003, p. 23), “fundem-se no ato da leitura”³. Desta forma, trabalhar com a diversidade textual, segundo os PCN's (BRASIL, 2001), fazendo com que o indivíduo desenvolva significativamente as etapas de leitura é contribuir para a formação de leitores competentes.

Por fim, é possível concluir que esta atividade possibilitou aos alunos a tomada de consciência no que tange à contextualização da obra com fatos históricos, políticos e sociais, além de compreender a utilização de uma linguagem metafórica e rica em neologismos, recursos linguísticos utilizados pelo autor. Em suas exposições, os estudantes deixaram evidente a compreensão de que uma obra literária pode ser relacionada com o cotidiano. Em um dado momento do debate, uma aluna expôs a percepção de que um dos capítulos abordava o conflito na relação entre pais e filhos, situação vivenciada por todos.

³ BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.

Referência

QUEIROZ, Sara Rodrigues de; DIAS, Thaís Cândida Silva. **A importância da leitura em sala de aula**. 2012. p. 01-13. Disponível em: <<https://rl.art.br/arquivos/4174459.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

“SER CIDADÃO É TAMBÉM... EXIGIR NOTA FISCAL”

Patrícia Tarouco Manetti Becker

E. M. E. F. e E. I. Vera Maria de Azevedo Moreira – Piratini/RS

O trabalho com a educação fiscal possibilita a construção de cidadãos mais conscientes dos seus deveres e direitos. É na escola que começamos a pensar e repensar o nosso cotidiano e o nosso entorno. Diante disso, partimos para transformar o nosso meio através da práxis. Nossos educandos do ensino fundamental (séries iniciais) estão ligados hodiernamente ao poder do consumo. Desse modo, devemos aproveitar o momento para refletirmos sobre qual a maneira correta de consumirmos em benefício pessoal e social.

O projeto teve início com o planejamento das atividades, nas quais foi organizado o material para ser trabalhado com os educandos e seus familiares durante o ano letivo. O tema do projeto foi apresentado aos educandos e, posteriormente, aos pais para que os mesmos questionassem sobre o assunto e, assim, pudéssemos repensar, se necessário, as atividades.

Primeiro, discutimos sobre o que precisávamos fazer para montar um comércio, o que era necessário para funcionar adequadamente, conforme as normas do incentivo fiscal. Foi visualizado um vídeo, no qual os personagens infantis encenavam sobre de onde se originava o dinheiro, o que o consumidor precisava para realizar uma compra, o que o comerciante devia fazer quando efetivava a venda, quais os benefícios que o povo tinha com arrecadação dos impostos, que poderiam se transformar em mais recursos para a saúde e a educação.

A partir da discussão acerca da importância do tema, foram trabalhadas, nas disciplinas de matemática, língua portuguesa, estudos sociais, artes e ensino religioso, atividades relacionadas à leitura e interpretação, números naturais, cálculos, comparações de valores, bem como a importância de solicitar a nota fiscal.

No ano letivo de 2016, as atividades propostas tiveram como tema principal a educação fiscal, nas quais os educandos ficaram motivados, pois o trabalho envolveu vídeos e visitas ao Telecentro, para podermos fazer uma página no facebook e postarmos nossas experiências de sala de aula e também para trocarmos ideias sobre os conteúdos; também usamos imagens de produtos industrializados para realizar cálculos e interpretar as informações dos folhetos de propaganda; por fim, apresentamos o projeto na Feira de Ciências da escola. Na Feira Municipal de Ciências, fomos classificados para o FECIMES, em razão da explanação desenvolvida pelos educandos quando relataram os trabalhos desenvolvidos em sala de aula. O projeto envolveu tanto os educandos, que todos conseguiram aprovação sem recuperação, pois, através de uma avaliação continuada, os mesmos identificaram que tinham que participar de todas as propostas.

SER DIFERENTE É NORMAL: DESENVOLVENDO PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS À CIDADANIA NA SALA DE AULA ATRAVÉS DO USO DE TECNOLOGIAS

Rosana da Silva Vieira

E. E. E. F. Rachel Mello – Pelotas/RS

A sociedade atual encontra-se impregnada de informações negativas e de pré-conceitos que desestabilizam a convivência daqueles que a compõem passando por um momento difícil quanto aos valores cidadãos. A escola é, e sempre será, uma importante ferramenta de mudanças e de conhecimentos compartilhados. Para Freire (2000), é necessário *reinventar o mundo* e, nesse cenário, a educação é peça fundamental. A atividade, aqui relatada, teve o objetivo de pôr em discussão algumas das muitas mazelas presentes na sociedade atual e, através do uso de recursos tecnológicos e com base nos preceitos da CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), propôs momentos de reflexão à turma acerca da amplitude das diferenças existentes entre os seres humanos. O trabalho foi desenvolvido em etapas no ano de 2015, com alunos de 8º ano da E. E. E. F. Rachel Mello, iniciando a partir da necessidade de abordagem de temas voltados aos valores cidadãos, bem como tratando das diferentes formas de ser e de agir em sociedade dentro da sala de aula. Desse modo, levantou-se a questão sobre a diversidade no seu mais amplo sentido. Os alunos foram instruídos e desafiados a montar pequenas apresentações em forma de vídeos ou slides sobre o tema, abordando assuntos como o preconceito com portadores de necessidades especiais, *bullying*, entre outros. Uma aula acerca da problemática foi o primeiro passo, na sequência, com auxílio de material explicativo, foi explanada a montagem do trabalho e o objetivo da atividade. Os alunos elaboraram suas apresentações fora da escola, com o auxílio de computadores próprios ou em lan houses. Em outro momento da avaliação, em grupo e na sala de vídeo da escola, a turma apresentou as mais diversas visões relacionadas ao tema. Ao término de cada apresentação, os grupos explicaram seus trabalhos promovendo pequenos debates com o restante da turma, relatando a experiência e o que conseguiram aprender com a pesquisa. A proposta obteve resultados bastante positivos. Cabe destacar que a atividade surgiu de uma discussão em sala de aula e mobilizou a turma a usar ferramentas tecnológicas no desenvolvimento das tarefas, ao mesmo tempo em que mexeu com questões voltadas à cidadania de forma crítica. A turma superou limitações, resultando na elevação da autoestima de todos os alunos envolvidos. No fechamento, participando ativamente da proposta com a turma, a professora apresentou um videoclipe do cantor Daniel da música *Pra ser feliz*, a qual trata do mesmo tema que gerou a experiência, encerrando a atividade de forma lúdica, instigando a turma a pensar um pouco mais sobre o que foi trabalhado. A atividade serviu para abrir caminhos para outros projetos semelhantes, podendo envolver, em

alguns momentos, diversas disciplinas do Ensino Fundamental, mostrando, assim, a possibilidade de renovação das práxis mesmo que os recursos sejam bastante limitados.

TRILHA PELA BARRAGEM DO CENTURIÃO: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A GEOGRAFIA FÍSICA E A GEOGRAFIA ECONÔMICA

Daniel Nunes Vieira

Jorge Cedrez Verneti

E. E. E. M. Jardim América - Capão do Leão/RS

A experiência de realização de uma trilha orientada, para compreensão de fenômenos discutidos em aulas de geografia, foi realizada com alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Jardim América, no ano de 2016, tendo como objetivo a observação em campo dos conteúdos de geomorfologia, hidrografia e globalização, abordados de forma expositiva com os mesmos. O local escolhido foi a Barragem do Centurião, nos domínios da Embrapa do Capão do Leão, sendo conhecida pelos estudantes como eclusa do lago São Gonçalo. Além do professor de geografia e de colaboradores do grupo Pé na Trilha Sul, outros professores das Ciências Humanas e da Natureza compuseram o corpo de professores da escola que acompanharam e orientaram a trilha.

A geografia é uma ciência que envolve tanto aspectos físicos e naturais quanto aspectos humanos, sociais, econômicos e políticos. Essa pluralidade de assuntos, por vezes, pode se tornar algo abstrato para o educando, pois muitos não conseguem relacionar esses saberes distintos, que podem se formar nessa fragmentação da geografia, aliados à rotina escolar. Tudo isso tende a tornar as disciplinas um tanto quanto enfadonhas para os educandos. Transformar a geografia em uma disciplina atraente e interessante deve ser um dos pilares no momento de preparar a aula. Embasada nessa premissa, a trilha foi utilizada como instrumento para o ensino de geografia, levando os educandos a uma atividade de campo na Barragem do Centurião, onde realizaram uma trilha pela localidade, observaram e anotaram elementos da interferência humana no curso das águas do canal São Gonçalo levando em conta a geomorfologia de planície do terreno e a ocupação do solo que margeia o canal pela cultura do arroz, aliada ao mercado internacional que o arroz figura, além do extrativismo mineral que ocorre nas proximidades do local, pois é onde se extraem a areia utilizada na construção civil de Pelotas e região. Interligando esses elementos da paisagem, os educandos puderam estabelecer uma relação dialética entre os saberes da geografia e o mundo vivido por eles. Com isso, eles puderam ver, em prática, o que foi abordado nas aulas expositivas, além de fugir da rotina de dentro dos muros da escola. A atividade instigou o poder de observação da paisagem, assim como a interpretação e inter-relação dos conteúdos abordados anteriormente, reconhecendo a geografia como parte do dia a dia deles. A trilha orientada se mostrou como o momento que puderam ver como as aulas de geografia física, humana e econômica se interligam e condicionam umas às outras. Com a atividade de trilha orientada, os educandos mostraram, além de uma melhor compreensão da

relação tênue que existe entre os conteúdos ministrados em sala de aula e a vida diária deles, uma maior curiosidade epistemológica sobre os assuntos dados em aula.

UM OLHAR SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES AFRODESCENDENTES EM MORRO REDONDO. A VISÃO CONSTRUÍDA POR EDUCADORES EM PARCERIA COM O MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO.

Carliston Lima Ribeiro

Cristiane Moura dos Santos

Rutilde Kruger Feldens

Diego Lemos Ribeiro

E. M. E. F. José Pinto Martins - Morro Redondo/RS

Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim - Morro Redondo/RS

O presente projeto, que enfoca as contribuições culturais dos afrodescendentes em Morro Redondo, tem como objetivo relatar o trabalho conjunto desenvolvido por educadoras de Morro Redondo em parceria com o Museu Histórico na cidade. Através de atividades colaborativas, alunos do 4º Ano da E.M.E.F. José Pinto Martins e a turma do 5º Ano do Colégio Estadual Nosso Senhor do Bonfim, com a colaboração das educadoras e da equipe do Projeto de Extensão do Curso de Museologia da UFPel *Museu Morrorredondense: Espaço de Memórias e Identidades*, saíram da sala de aula para conhecer o Quilombo Urbano Vó Ernestina e dialogar com alguns moradores. As atividades surtiram resultados variados, que serão elencados a seguir.

As ações foram pensadas sob a perspectiva da alteridade dos educandos, no sentido de promover o respeito às diferenças fenotípicas dos afrodescendentes e ressaltar as contribuições culturais dos mesmos em um município com predominância de descendentes de imigrantes europeus.

Como ponto de partida, ao longo dos anos de trabalho no Museu Histórico de Morro Redondo, observou-se que os afrodescendentes não se sentiam representados na Instituição e que a integração deles na sociedade acontecia de forma tímida.

Em relação à presença afrodescendente nas Instituições de Ensino em Morro Redondo, observa-se maior número de alunos nas séries iniciais, embora pouquíssimos completem o Ensino Médio. No cotidiano escolar, casos de bullying e/ou exclusão reforçam a necessidade de conscientização sobre o tema.

Buscou-se, portanto, realizar ações de sensibilização dos alunos que tiveram como partida a exibição e posterior roda de conversas sobre o Curta: *Menina Bonita do Laço de Fita*. Além disso, foi realizada visita ao Quilombo Urbano Vó Ernestina, onde foram relatadas pelo presidente da Associação as atividades que serão desenvolvidas na Sede Social Quilombola (em construção) e os benefícios econômicos e culturais que serão gerados para o município. Os alunos, após as discussões e as visitas, foram incentivados a

produzir peças teatrais, painéis, maquetes e grupos musicais cujas apresentações foram realizadas no Centro de Eventos, contando com a participação de diversos moradores do Município, inclusive do presidente da Associação dos Quilombolas de Morro Redondo. As ações serviram para demonstrar que educação e museu convergem para a mobilização de saberes, visando ao desenvolvimento de indivíduos, sensibilidades e novas experiências (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014).

A partir do desenvolvimento das ações expostas anteriormente, o presidente da Associação dos Quilombolas de Morro Redondo, através de um empréstimo, contribuiu para a presença de acervo quilombola na exposição de longa duração do Museu Histórico – objetos que servem para demonstrar que a cultura é viva e que, portanto, pode ser ressignificada.

As ações realizadas serviram para demonstrar que a Educação e a Museologia são grandes aliadas no processo que potencializa a transformação social. Através da educação formal e informal é possível auxiliar na conscientização dos educandos em relação à necessidade de respeitar as diferenças para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- CURY, Maria Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico – metodológica para os museus. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, vol. 12, p. 365-380, 2005.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Florianópolis: FCC, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- SANTOS, Maria Célia. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, educação e o museu**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

UM PASSEIO PELOS PAGOS DA QUERÊNCIA: RECONHECENDO, DESCOBRINDO E VIVENCIANDO NOSSA PELOTAS

Shaiany Gonçalves da Silva Nunes

Tatiane da Silva Pollnow

E. M. E. I. Anita Malfatti – Pelotas/RS

O relato de experiência, aqui mencionado, trata-se de um trabalho realizado sobre a cidade de Pelotas, desenvolvido na semana do aniversário da cidade pelas turmas do Pré 1 e Pré 2 da Escola Municipal de Educação Infantil Anita Malfatti, situada no bairro Fragata. Trabalhamos com vídeos sobre a cidade de Pelotas (Kleiton e Kledir), com a música *Laguna* de Rodrigo Xavier, o hino e a bandeira do município, verificamos a localização do município no mapa e no globo, realizamos contação da história (Suliver – coleção Reino Grande do Sul), produzimos doces de Pelotas com as crianças.

Durante o projeto, os alunos trouxeram desenhos e recortes de lugares da cidade que eles gostavam de ir passear com os pais. A cada dia, trabalhou-se um ponto turístico (Mercado Público, Charqueadas, Praia do Laranjal, Museu da Baronesa, Casarões), conversamos com os alunos sobre do que se tratavam esses lugares e a sua função para as pessoas. Trabalhamos a origem do nome Pelotas, explicando que vem da pelota construída com couro e puxada por escravos através das cordas, utilizada para travessia de produtos no Arroio Pelotas. Os alunos ainda fizeram releituras das imagens dos pontos turísticos. Para encerrarmos o Projeto, fizemos um passeio no Expresso Quindim, passando pelas Avenidas Duque de Caxias, Bento Gonçalves e pelo centro da cidade, visualizamos o Mercado Público, os Prédios Históricos, o Canal São Gonçalo, a Rodoviária, a pelota, fizemos uma parada na Praia do Laranjal (onde os alunos tocaram na água, juntaram conchinhas e brincaram na areia). Encerramos nosso passeio turístico fazendo um piquenique na Baronesa. Como Paulo Freire nos diz, *a leitura do mundo precede a leitura da palavra*; esses alunos puderam ler o mundo que os cerca através do conhecimento daquilo que faz parte da vida deles, sua cidade. De acordo com a educadora Adriana Friedmann, especialista nas temáticas da infância e do brincar, a cultura de cada região, contexto, comunidade ou local no qual cada criança nasce, cresce e se educa é essencial para a sua formação integral. A autora ainda nos alerta para a importância de o professor acolher e pesquisar, a partir dos depoimentos das crianças, de trazer os pais para uma *jornada lúdica*, na qual eles e seus filhos pesquisam e desenham juntos. Acreditamos que o trabalho proporcionou às crianças conhecerem um pouco mais da cidade onde elas moram, aquilo que faz parte da nossa história, muitas não conheciam esses lugares. As crianças tiveram a possibilidade de sair da escola realizando uma aula-passeio, transcendendo os muros escolares, vivenciando o *estar* nos lugares que antes tínhamos falado e visto por fotos. Acreditamos que a vivência deixa marcas que se perpetuam em nossa memória, propiciando ao aluno, assim, guar-

dar recordações escolares que façam sentido para sua existência.

UM PEDAGOGO NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO – NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS DESSA DEMANDA ESPECÍFICA

Ernani Garcia Leal
Larissa de Oliveira Pedra
CREAS – Pelotas/RS

A experiência aqui narrada refere-se às percepções, demandas e ações do profissional pedagogo que faz parte da equipe multiprofissional que atende adolescentes que cometeram atos infracionais⁴ e designados, via poder judiciário, a cumprir Medidas Socioeducativas em Meio Aberto⁵.

Para que pudéssemos buscar intervenções efetivas nesse campo, realizamos constantemente o esforço de compreender a realidade desse público atendido. As compreensões possíveis da realidade desses adolescentes nos desafiam a viabilizar a reinserção escolar dos mesmos e nos coloca a pensar no descompasso entre a rotina que eles têm no meio infracional e a rotina que é necessária em um cotidiano escolarizado e do grande esforço que deve ser empreendido para resgatar essa possibilidade de construção de cidadania.

A deficiência na escolaridade restringe as oportunidades de inclusão em cursos de formação profissional, e, posteriormente as oportunidades no mercado de trabalho também se tornam limitadas. Além disso, pensamos a escola como um espaço de construção da cidadania e da expressão de direitos e deveres, bem como lugar de construção de vida e de possibilidades de ação no mundo.

E é nesse sentido que precisamos da escola, pois faz parte da rede de proteção à criança e ao adolescente, dentro da filosofia da proteção integral, conforme a legislação e dentro do paradigma da incompletude institucional.

Precisamos estar conscientes de que rechaçar/excluir o jovem *infrator* é estimulá-lo a manter infracionando. A escola, as instituições e a sociedade acabam empurrando-o cada vez mais para a violência e o crime.

⁴ Chama-se ato infracional a conduta classificada como crime ou contravenção penal, quando praticada por uma pessoa menor de 18 anos.

⁵ São quatro Medidas as que se enquadram nesta classificação: Advertência, Reparação de Danos, Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade.

Referências

BRASIL. Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. **Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)**. Diário Oficial da União. Brasília: 19 jan. 2013.

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo 2014-2023**. Pelotas: 2014.

UMA EXPERIÊNCIA DE ESCUTA SENSÍVEL E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Andréia Haudt da Silva
Veridiana Pereira Gonçalves
E. M. E. F. Dr. Brum Azeredo - Pelotas/RS

Ouvimos, mas nem tudo que chega a nós, através da audição, nos toca, nos sensibiliza ou cria em nós um estado de contemplação e expressão. Com o intuito de perceber como a música é capaz de produzir um efeito expressivo aos nossos sentidos, desenvolvemos uma experiência com uma turma de pré-escola da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Brum Azeredo, na qual a proposta foi ouvir com atenção dois concertos do compo-sitor Antonio Vivaldi: *La Primavera* em seu 1º movimento Allegro, e *L'Autunno* em seu 2º movimento Adagio. Os dois movimentos foram ouvidos em momentos distintos, cada criança recebeu uma folha em branco e teve à disposição uma caixa de giz de cera; logo em seguida, explicamos que faríamos um desenho ouvindo música, que antes de iniciar o desenho deveriam fechar os olhos e prestar atenção ao som; em seguida, deveriam dese-nhar *seguindo seus sentimentos*.

Durante a execução da proposta, algumas reações e comentários das crianças nos chamavam a atenção, olhares que demonstravam curiosidade, admiração, medo... comentários como: “Olha, que bonito!”, “Vou fazer um sol!”, “Eu vou fazer uma bonequinha.”, “ai, que medo!”, “Profe, é música de terror?”, “Eu tô com medo da música”. Vimos aflorar uma experiência sensorial em cada criança, marcada por uma escuta atenta e sensível que resultou em um fazer artístico diferenciado e marcado por uma experiência onde o sentir se sobressaia.

Para alguns profissionais as atividades com artes são sinônimos de agitação, de tempo ocioso, mas, para nós, as experiências das crianças com o fazer artístico propiciam uma vivência intensa e diversa, que contagia através do sentir e canaliza ações para novas expressões. Segundo Vigotski (2010, p. 341), “como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento”. Apreciamos também a contribuição de Duarte Júnior (2000, p. 14) ao dizer que “o mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível”. “O corpo conhece o mundo antes de podermos reduzi-lo a conceitos e esquemas abstratos próprios de nossos processos men-tais” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 132), por isto, a imobilização do corpo e do sentir não cabe ao universo da educação infantil, mas cabe a mobilidade, os sentimentos, as expressões, as criações.

Referências

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 233p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2000.
VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PIBID/UFPEL

Rita de Cassia Goebel Teixeira

Antônio Mauricio Medeiros Alves

E. M. E. F. Dr. Alcides de Mendonça Lima – Pelotas/RS

O presente relato refere-se a uma atividade desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Alcides de Mendonça Lima, com a participação de estudantes do ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental), dos professores das turmas e da equipe do PIBID UFPel que atuam na escola: professoras supervisoras, professor coordenador e estudantes da Universidade Federal de Pelotas. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID é um projeto do governo federal que tem por objetivo favorecer aos estudantes dos cursos de licenciatura das universidades o contato mais cedo possível com o espaço da sala de aula.

A experiência desenvolvida na escola visou atender aos objetivos do PIBID no que se refere às atividades interdisciplinares. Para isso, são realizadas reuniões semanais entre o grupo de pibidianos das diferentes áreas que integram o projeto na escola, no turno da tarde (Matemática, Pedagogia, Música e Dança), nas quais são realizadas seções de estudos e discussão teórica sobre o tema interdisciplinaridade, que embasaram a construção da prática desenvolvida, envolvendo aproximadamente 170 alunos da escola.

A partir de um levantamento junto às professoras das turmas que seriam atendidas, foi realizado o planejamento das atividades que, por sua natureza interdisciplinar, envolveram todos os alunos dos diferentes cursos que atuam na escola, tendo como ponto de partida a cultura local, pois ao entendermos “interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores” (FAZENDA, 2009, p. 24). Desse modo, foram propostas ao longo dos anos de 2015 e 2016 as seguintes atividades: Reconhecendo o Funk, Sacola de Leitura, Mural Temático, Nossa Escola, O movimento que gera a Dança e Construindo Identidades.

Essas atividades foram realizadas com diferentes metodologias, desde o uso do corpo como instrumento musical, contação de histórias, teatro, leitura e escrita, construção de mural e acrósticos, entre outros.

Pode-se observar que os alunos perceberam a diferença na metodologia de aprender através de atividades mais descontraídas e que não se limitavam às paredes das salas de aula. Houve um retorno positivo, das professoras, algumas de início relutantes com o novo, foram desafiadas a pensar novas metodologias e diversos relatos surgiram sobre as novas possibilidades que viam ser possíveis de implantar na metodologia que empregam.

Também relataram algumas mudanças no comportamento dos alunos, embora tênues, possíveis de serem atribuídas às atividades que o PIBID vem desenvolvendo na escola.

Referência

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, vol. 1, n. 1, p. 24-32, mai./2009.

